

ESPAÇOS DE ENCONTRO COM A MEMÓRIA

Requalificação da Frente-mar da Vila de Câmara de Lobos

Carlota Margarida Caires de Lima Frango

(Licenciada)

Projecto final para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Mestrado Integrado em Arquitectura

Orientador Científico: Professor Doutor Arquitecto Daniel Maurício Santos de Jesus

Juri

Presidente: Professor Doutor Arquitecto João Favila Menezes

Arguente: Professor Doutor Arquitecto Miguel Baptista-Bastos

Documento Definitivo

Lisboa, Dezembro de 2016.



Faculdade de Arquitectura
Universidade de Lisboa

ESPAÇOS DE ENCONTRO COM A MEMÓRIA

Requalificação da Frente-mar da Vila de Câmara de Lobos

Carlota Margarida Caires de Lima Frango

(Licenciada)

Projecto final para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Mestrado Integrado em Arquitectura

Orientador Científico: Professor Doutor Arquitecto Daniel Maurício Santos de Jesus

Juri

Presidente: Professor Doutor Arquitecto João Favila Menezes

Arguente: Professor Doutor Arquitecto Miguel Baptista-Bastos

Documento Definitivo

Lisboa, Dezembro de 2016.



Faculdade de Arquitectura
Universidade de Lisboa

Este documento não foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

Título

Espaços de Encontro com
a Memória - Requalificação
da Frente-mar da Vila de
Câmara de Lobos

Nome

Carlota Margarida Caires de
Lima Frango

Orientador Científico

Professor Doutor Arquitecto
Daniel Maurício Santos de
Jesus

Mestrado Integrado em
Arquitectura

Lisboa, Dezembro 2016

RESUMO

Este trabalho parte da necessidade de requalificar a frente urbana marítima da baía de Câmara de Lobos - situada na ilha da Madeira - onde encontramos um dos únicos núcleos piscatórios da região que ainda se mantém relativamente preservado e com marcas de uma certa autenticidade.

Esta actividade, que ainda carece de diversas infra-estruturas que potencializem o seu crescimento, actualmente traduz-se numa das mais importantes memórias vivas da cidade. Como resposta, foram projectados equipamentos que valorizam e divulgam o trabalho marítimo - núcleo museológico - e, simultaneamente, criadas melhores condições para a comunidade de pescadores.

Com vista a valorizar o plano de água, foram ainda requalificados o miradouro Winston Churchill, bem como o passadiço pedonal que impulsionou fortemente a união da cidade do Funchal e de Câmara de Lobos.

A vontade de desenhar espaços que proporcionam algumas das condições necessárias para a continuidade desta actividade, reflecte-se na consciente tomada de decisões projectuais: o museu foi projectado segundo as características da nova museologia e, tendo em conta o contexto onde se insere, tentou respeitar as formas e conceitos inerentes à pitoresca baía.

Palavras-Chave: Insularidade, Contexto, Memória, Mar, Museologia.

Title
Spaces of Encounter with a
Memory - Sea-front
requalification of Câmara de
Lobos Village

Name
Carlota Margarida Caires de
Lima Frango

Main Advisor
Teacher and Architect
Daniel Maurício Santos de
Jesus

Integrated master in
Architecture

Lisbon, December 2016

ABSTRACT

This work arises from the need to requalify the maritime urban front of Câmara de Lobos Bay - located on the Madeira island - where we find one of the only fishery centres in the region that still remains relatively preserved with traces of a certain authenticity.

This activity, which still lacks many infrastructures to enhance their growth, currently translates into the most important vivid memories of the city. In response to this, an equipment was designed to value and reveal the maritime labour - museum - and simultaneously the conditions for the fishing community were improved.

In order to value the water plan, both the Winston Churchill viewpoint and the pedestrian walkway were requalified, which strongly boosts the union between the city of Funchal and Câmara de Lobos.

The desire to design spaces that provide the necessary conditions for the continuity of this activity, is reflected in the conscious decisions within the project: the museum was designed according to the new museology features and takes into account the context in which it operates, where forms and concepts inherent to the picturesque bay were respected.

Keywords: Insularity, Context, Memory, Sea, Museology.

Para os meus Avós.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero expressar os meus sinceros agradecimentos a todos os que fizeram parte do meu percurso académico, e que contribuíram - directa ou indirectamente - para o enriquecimento do meu processo de aprendizagem.

Ao professor e orientador Daniel Jesus, pela sabedoria, disponibilidade, e pelo apoio indescritível, concedidos ao longo dos últimos meses.

Aos arquitectos Paulo David e Stefano Serventi, que contribuíram de forma elementar para a qualidade do processo de trabalho.

Ao Arquitecto Gualberto Fernandes, que possibilitou a troca de informação com a Câmara Municipal de Câmara de Lobos, um sincero agradecimento pelo tempo despendido.

Aos populares de Câmara de Lobos, pela simpatia com que sempre me receberam, pelas conversas e pelo contributo dado a este trabalho final de mestrado.

Aos meus amigos, com os quais - ao longo destes anos - partilhei esta e muitas outras etapas, um enorme obrigada.

Por fim, um especial agradecimento ao Francisco e à minha família, com especial atenção aos meus pais, pelo incentivo, carinho e, sobretudo, pelo apoio incondicional.

ÍNDICE

01. Introdução	001
PARTE I Horizonte Insular	005
02. A conquista da Terra e da Água	007
02.1. Turismo e Cultura	011
03. Memórias de uma vila piscatória	021
PARTE II (Re)Pensar o museu	033
04. Evolução conceptual	035
04.1. Casos de Referência	040
PARTE III O Projecto	053
05. Proposta urbana	055
06. O Museu do Mar	063
06.1. Proposta arquitectónica	067
06.2. Para além da Forma	076
07. Considerações finais	091
08. Fontes e Bibliografia	095
09. Anexos	103

ÍNDICE DE IMAGENS

Capa

Baía e Ilhéu de Câmara de Lobos, 1911.

in <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ba%C3%A>

[Da_e_ilh%C3%A9u_de_C%C3%A2mara_de_Lobos,_1911.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ba%C3%A9u_de_C%C3%A2mara_de_Lobos,_1911.jpg)

01. INTRODUÇÃO

1. Praia do Vigário em Câmara de Lobos, 1911.

XXIV

in Dicionário Corográfico de Câmara de Lobos: A Praia do Vigário

<http://www.concelhodecamaradelobos.com/dicionario/praiavigario.html>

02. A CONQUISTA DA TERRA E DA ÁGUA

2. Ilha do Porto Santo vista do Ilhéu de Cima. Fotografia de Carlos 07

Marques da Silva, 2008.

in blog fotográfico *Panoramio*

3. Cais do Funchal, 1939.

09

in blog *Restos de Colecção*, arquivo de Setembro: Porto do Funchal

<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/09/porto-do-funchal.html>

4. Barcos de pesca, Câmara de Lobos. 09
in Dicionário Corográfico de Câmara de Lobos: Câmara de Lobos
http://www.concelhodecamaradelobos.com/dicionario/camara_lobos.html

5. Retrato alusivo às trocas comerciais efectuadas na ilha da Madeira. 13
in FREITAS, Jordão de (1911). Quando foi Descoberta a Madeira? Breve Resenha Histórica, Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, s/p

6. Hidroavião amarrado na frente do cais da Pontinha, Funchal. 14
in blog *Restos de Colecção*, arquivo de Setembro: Porto do Funchal
<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/09/porto-do-funchal.html>

7. Embarque e desembarque de passageiros no cais do Funchal, 1939. 14
in blog *Restos de Colecção*, arquivo de Setembro: Porto do Funchal
<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/09/porto-do-funchal.html>

8. Desembarque de passageiros no paquete em 1936. 15
in blog *Restos de Colecção*, arquivo de Setembro: Porto do Funchal
<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/09/porto-do-funchal.html>

9. Desembarque de passageiros no paquete em 1936. 15
in blog *Restos de Colecção*, arquivo de Setembro: Porto do Funchal
<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/09/porto-do-funchal.html>

10. Exemplo de alguns “socalcos agrícolas” presentes em Câmara de Lobos. 18
in http://www.wikiwand.com/pt/C%C3%A2mara_de_Lobos

11. Baía de Câmara de Lobos vista do mar, 2015. 19
Fotografia da autora, 2015.

03. MEMÓRIAS DE UMA VILA PISCATÓRIA

12. Paisagem da baía e do “Ilhéu” de Câmara de Lobos, 1851. 21
in blog *Insulae Fortunatae*, arquivo de Agosto de 2014: Câmara de Lobos
<http://insulaefortunatae.blogspot.pt/2014/08/camara-de-lobos.html>
13. Esquema da ligação pedonal entre o Funchal e Câmara de Lobos. 24
Elaborado pela autora, 2016.
- 14 e 15. Winston Churchill. Fotografia de Raul Perestrelo, 1950. 26
in <http://www.dailymail.co.uk/travel/article-2031063/Churchills-Madeira-Tea-tradition-Reids-Palace-Hotel.html>
16. Caminho do Calhau, fotografia da Coleção Ernesto Pinto Correia. 29
in Dicionário Corográfico de Câmara de Lobos: Caminho do Calhau
http://www.concelhodecamaradelobos.com/dicionario/caminho_calhau.htmlhtml
17. Pescadores reunidos na baía de Câmara de Lobos. 30
in blog *Insulae Fortunatae*, arquivo de Agosto de 2014: Câmara de Lobos
<http://insulaefortunatae.blogspot.pt/2014/08/camara-de-lobos.html>
18. Pescadores e crianças na Baía de Câmara de Lobos. 30
in [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Doca_seca_de_C%C3%A2mara_de_Lobos,_c._1940_\(1\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Doca_seca_de_C%C3%A2mara_de_Lobos,_c._1940_(1).jpg)

19. Redes de pesca a secar em Câmara de Lobos, 1956. 31
in arquivo fotográfico *La Maison de Photo*
http://www.lamaisondephoto.com/boutique/madere-camara-de-lobos-etude-2-1956__ajjd-madere-camara-lobos-2__9.html

04.EVOLUÇÃO CONCEPTUAL

20. Embarcações tradicionais atracadas na baía de Câmara de Lobos. 40
in Dicionário Corográfico de Câmara de Lobos: Câmara de Lobos
http://www.concelhodecamaradelobos.com/dicionario/camara_lobos.html
21. Farol e de parte do Museu do Mar de Galiza. 42
in <http://www.guiasgalicia.com/pt/category/galicia/>
22. Museu do Mar de Galiza, criado através de reinterpretação dos 42
armazéns pré-existentes.
in http://www.turismo.gal/ficha-recurso?langId=pt_PT&cod_rec=30890
23. Fotografia de uma das fachadas do Museu Marítimo de Ílhavo. 44
in ArchTendências: Ampliação do Museu Marítimo de Ílhavo / ARX
Portugal
<http://archtendencias.com.br/arquitetura/ampliacao-do-museu-maritimo-de-ilhavo-arx-portugal/>
24. Museu Marítimo de Ílhavo - exemplo de arquitectura modernista. 45
in <http://www.lifecooler.com/artigo/passear/museu-maritimodeilhavo/>

25. *Comtex project* para a *Boston City Hall*, ilustração de Robert Venturi, 1972. 46

in PORTELA, César (2003). César Portela Arquitecto. Madrid: fundación Marco, p. 26.

26. Sala da Ria no Museu Marítimo de Ílhavo, 2011. 47

in <http://www.roda-do-leme.com/2011/05/sala-da-ria-do-museu-maritimo-de-ilhavo.html>

27. Esquisso (desactualizado) da proposta de recriação tipológica dos socalcos. 51

Elaborado pela autora, 2015.

05. PROPOSTA URBANA

28. Esquema da Baía de Câmara de Lobos, assinalando a área de intervenção. 56

Elaborado pela autora, 2015.

29. Esquisso (desactualizado) do processo e trabalho referente à proposta urbana para o vazio urbano da baía de Câmara de Lobos. 58

Elaborado pela autora, 2015.

30 e 31. Esquissos (desactualizados) de esquemas relativos à proposta urbana e arquitectónica. 60

Elaborado pela autora, 2015.

32. Esquisto (desactualizado) da proposta de criação de patamares 61
alusivos aos tradicionais "poios madeirenses".
Elaborado pela autora, 2015.

06. O MUSEU DO MAR

33. Fotografia actual da baía de Câmara de Lobos e dos Jardins do 63
Miradouro do Ilhéu, 2016.
Fotografia da autora, 2016.

34. Esquisto (desactualizado) do esquema de ligação entre o parque de 65
estacionamento e o núcleo museológico.
Elaborado pela autora, 2015.

35. Processo de trabalho (desactualizado), maquete de estudo. 66
Elaborado pela autora, 2015.

- 36 e 37. Esquissos (desactualizados) de cortes do interior da nave 68
central do museu.
Elaborado pela autora, 2016.

38. Perspectiva (desactualizada) do aspecto geral exterior, do 71
projecto do Museu do Mar.
Elaborado pela autora, 2016.

39. Fotografia do torreão referente ao miradouro Winston Churchill, 72
2016.
Fotografia da autora, 2016.

40. Vista actual do miradouro Winston Churchill, 2016. 73
Fotografia da autora, 2016.
41. Auditório da Gulbenkian e a relação existente com o plano de água. 74
<https://gulbenkian.pt/fundacao/auditorios/grande-auditorio/>
42. Jardins da Fundação Calouste Gulbenkian. 75
in <https://www.britannica.com/place/Lisbon>
43. Chegada à baía de Câmara de Lobos pelo percurso pedonal. 77
Fotografia da autora, 2015.
44. Fotomontagem de um projecto para um concurso: Museu do 78
Meio Ambiente.
in <https://concursosdeprojeto.org/2010/05/23/concurso-museu-do-meio-ambiente-rj-03/>
45. Renovação do antigo sítio na cidade de Pécs, na Hungria. 79
in <http://arquivivendo.blogspot.pt/2012/12/intervencoes-urbanas-reconstrucao-do.html>
46. Bruder Klaus Kapelle, Mechernich, Alemanha. Projecto do 81
arquitecto suíço Peter Zumthor, 2007.
in blog *The Red List*
<http://theredlist.com/wiki-2-19-879-606-696-view-zumthor-peter-profile-zumthor-peterbruder-klaus-kapelle-mechernich-wachendorf-germany.html>

47. Referência fotográfica relativa às tonalidades do betão. 83
in blog fotográfico *Shanshan Bai*
<http://www.baishanshan.com/About>
48. Diagrama alusivo ao sistema de rampas do museu *Kunsthall*, do 84
arquiteto Rem Koolhaas.
in <http://www.bdonline.co.uk/roger-hawkins-and-russell-brown%E2%80%99s-inspiration-koolhaas%E2%80%99s-kunsthall-in-rotterdam/5014190>
- 49 e 50. Fotografias da obra *Igualada Cemetery*, dos arquitectos Enric 85
Miralles e de Carme Pinós.
in *ArchDaily*: AD Classics: Igualada Cemetery / Enric Miralles + Carme Pinos
<http://www.archdaily.com/375034/ad-classics-igualada-cemetery-enric-miralles-carme-pinos>
51. Esquisto (desactualizado) do estudo das materialidades e esterotomias 86
dos muros.
Elaborado pela autora, 2016.
52. Esquisto (desactualizado) dos percursos criados através dos patamares 87
rampeados.
Elaborado pela autora, 2016.

07. CONSIDERAÇÕES FINAIS

53. Rocha basáltica que acompanha toda a orla marítima da ilha da 90
Madeira, 2016.
Fotografia da autora, 2016.



Emociono-me. Junto ao mar, mordido pelas ondas, há um terraço de verdura. Depois é a rocha negra, a pique. Depois outro terreno suspenso onde um homem está a schar. Mais acima um veio de água, serpenteante, acompanhando as curvas de nível. Tudo num milagre de equilíbrio, num mistério de conservação. (...) Não conheço outro lugar onde os homens tivessem ido tão longe no afã de afeiçoar a Natureza às suas necessidades.¹

1. Praia do Vigário em Câmara de Lobos, 1911.

1 Reprodução adaptadas de *O Homem e o Mar*, de José Manuel Fernandes, op. cit. in MONTEIRO, J. Gonçalves; BARREIRA, Maria da Encarnação (1991). MADEIRA: Paisagem e Memória ao Sabor do Mar. Barcelos: Companhia Editora do Minho, S. A. p. 52.

01. INTRODUÇÃO

"Espaços de Encontro com a Memória" é o tema proposto para o presente projecto final de mestrado, onde é apresentada uma proposta de regeneração e revitalização da área onde se inscreve a baía de Câmara de Lobos, situada na Região Autónoma da Madeira¹.

A Madeira assume um percurso de identificação muito próprio, que ao longo de várias décadas, se afirmou através de diversas vertentes. Actualmente é caracterizado por um destino turístico de qualidade, destacando-se pelo seu extraordinário património ambiental, pela ampla oferta cultural² e pela hospitalidade dos seus residentes. No entanto, esta condição é fortemente sustentada pelos acontecimentos passados e que, invariavelmente, perduraram no tempo.

1 O Arquipélago da Madeira é composto pelas ilhas da Madeira, Porto Santo, e pelos conjuntos de ilhas Desertas e Selvagens. Situa-se no Oceano Atlântico, a cerca de três horas de avião das principais capitais europeias e a menos de duas horas do Continente Português. A ilha da Madeira, com 741 km² de superfície (57 km de comprimento por 22 km de largura), conta com um património natural e ambiental extraordinário, do qual se destacam a Floresta Laurissilva (classificada pela UNESCO como Património Mundial Natural), a beleza e riqueza paisagística (o binómio montanha/mar e a orografia particular), e a amenidade climática. Situada a 40 km a nordeste da ilha da Madeira, a ilha do Porto Santo, com 42 km², tem como principal atributo uma praia de 9 km de areia fina com propriedades terapêuticas, as quais facultaram o desenvolvimento de excelentes infraestruturas ao nível da Talassoterapia. As ilhas Desertas e Selvagens estão desabitadas e encontram-se classificadas como reservas naturais, pelo Governo Regional da Madeira, sendo locais de abrigo para uma riquíssima avifauna e a diversas espécies marinhas e florais.

2 O património regional merece relevo nas suas diversas componentes: artesanato, folclore, gastronomia, cartaz anual de animação (Festas de Carnaval, Festa da Flor, Festival do Atlântico, Festa do Vinho da Madeira, Festival de Colombo, Festas de Fim do Ano, etc.) e ambiente urbano com valor arquitectónico.

Sendo o turismo o principal vector dinamizador da Região Autónoma da Madeira, este assume também uma importância vital no desenvolvimento de Câmara de Lobos, é no contexto desta directriz que são delineadas as principais estratégias para o seu desenvolvimento .

A cidade de Câmara de Lobos é um dos locais mais procurados pelos turistas que visitam a ilha da Madeira. A principal razão prende-se com o facto de ser dos únicos núcleos piscatórios da região que ainda se mantém relativamente preservado e com marcas de uma certa autenticidade. É possível admitir que este local, que detém uma identidade bastante singular, sobrevive de conhecimentos e tradições que vão passando de geração em geração. Não obstante, a cidade ainda carece de diversos equipamentos que infraestruem o seu crescimento e assim, suportem o consequente bem-estar da população.

Actualmente, o território de Câmara de Lobos está a passar por um processo de significativa transformação, resultado das diversas intenções de dinamização por parte da Câmara Municipal.

Com vista a compreender as reais necessidades a nível infraestrutural, recorre-se ao Relatório de Revisão do PDM da Câmara de Lobos (2005). Neste documento é explícita a insuficiência das medidas e incentivos públicos, tornando urgente a previsão de equipamentos de atracção turística, de lazer e de valorização do património cultural; a importância de potencializar a frente urbana marítima através de estratégias assentes em projectos como miradouros ou percursos pedonais e na criação de novos equipamentos de carácter público,

onde a sua relação com as pré-existências deverá ser respeitada. É ainda mencionada a necessidade de criar um núcleo museológico referente às actividades do sector primário, bem como a divulgação da importância da vocação marítima desta região.

Tendo como base o referido anteriormente, o presente trabalho foi ganhando forma e acabou por materializar um conjunto de equipamentos e infra-estruturas de carácter público, que convidam à passagem e permanência dos utentes. Tendo como principal foco a valorização das actividades piscatórias da pequena cidade, e consciente da urgência em proporcionar algumas das condições necessárias para a sua continuidade, foram delineados um programa museológico, bem como equipamentos de apoio à comunidade piscatória.

Este projecto pretende responder às actuais problemáticas da cidade de Câmara de Lobos, através de uma reflexão sustentada, por forma a contribuir para um desenvolvimento equilibrado da região sem pôr em causa a sua identidade histórica e cultural.

PARTE I | Horizonte Insular

02. A CONQUISTA DA TERRA E DA ÁGUA

Ilha: porção de terra cercada de água. Desde muito cedo que este conceito, traduzido na particular condição do Ilhéu, nos é incutido. Mas o que é de facto uma ilha? Uma ilha não consiste apenas num afloramento de relevo que se encontra rodeado de água por todos os lados. Nem tampouco as características que a definem poderão se restringir à sua origem: continental, oceânica ou vulcânica. É errado assumir a ilha como "objecto inanimado", desprovido de alma, tal como é igualmente errado pensar que a sua especificidade identitária se esgota nos seus limites físicos.

A insularidade está também associada à ideia do fantástico – a ilha surpresa, a ilha aventura – mas também às representações do perigo ou da solidão. Desde sempre, as ilhas despertam a imaginação de quem lá passa, tornando-se aos olhos dessas gentes como longínquos paraísos, espaços carregados de sonhos e de infinitas possibilidades. Deste modo, é legítimo assumir que a história da ilha da Madeira tanto deve à sua condição física, como ao misticismo que lhe é inerente.



2. Ilha do Porto Santo vista do Ilhéu de Cima. Fotografia de Carlos Marques da Silva, 2008.

Em 1419, a Madeira foi subtraída ao silêncio natural em que se encontrava, aquando da sua descoberta pelos navegadores ali direccionados a mando do Infante Dom Henrique. É considerado um dos mais interessantes casos de colonização portuguesa no Atlântico, sendo fortemente caracterizado pelas diversas experiências de povoamento, pela adaptação animal e vegetal ao clima e topografia únicos, entre outras singularidades.

Devido à sua localização geográfica e condição física, a Madeira assumiu o papel de porto de abrigo das rotas marítimas. Desde os tempos mais remotos que se afirma como um ponto estratégico de actividades portuárias, sendo o mar um dos seus grandes fornecedores de alimento. Embora nesta época, a pesca fosse considerada um dos mais importantes factores de subsistência da população, o cenário composto pelos imponentes contornos rochosos e alcantilados da frente-mar, fez com que a actividade sofresse com sucessivas limitações. Nesta fase tornou-se indispensável a criação de condições que facilitassem as actividades piscatórias, pelo que foram surgindo gradualmente vários portos e cais de embarque por toda a ilha.



3. Fotografia do cais do Funchal, 1939.
4. Barcos de pesca, Câmara de Lobos.



Simultaneamente, a Madeira destacou-se através da produção de açúcar e vinho porém, *a realidade topográfica, majestosa e imponente, semeada de vales e ravinas, onde as altitudes e depressões se sucedem*³, dificultou as tarefas agrícolas, culminando muitas vezes no desabamento de terras, devido à força das águas pluviais. Perante todas as adversidades impostas pela natureza, e na sequência de acontecimentos mais ou menos calamitosos, tentou-se criar um sistema que permitisse cultivar os solos de forma segura, evitando possíveis infortúnios.

Como resposta a esta preocupação, configuram-se os emblemáticos "poios madeirenses", designação dada aos socacos implementados nas encostas da ilha em que as terras estão contidas por muros de suporte em pedra. E, devido à necessidade de facilitar a irrigação dos núcleos agrícolas, posteriormente foram criados os canais de água, popularmente conhecidos por levadas. Estas últimas tornaram-se num dos mais importantes focos de atracção turística da ilha da Madeira, por materializarem percursos pedonais localizados em zonas montanhosas a permitir a fruição de lugares recônditos, e nesse sentido, proporcionar experiências íntimas com o lugar. Devido às elevadas cotas são ainda descobertas paisagens panorâmicas, cuja qualidade cénica torna estes percursos procurados e prestigiados na região.

É interessante constatar que desde muito cedo, o povo madeirense tentou adaptar a Natureza às suas necessidades, criando condições para que a população permanecesse na ilha até os dias de hoje. Ao longo dos tempos, as actividades piscatórias e agrícolas elevaram a sua

³ Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos da Madeira (1944-1969). O Aproveitamento da Água na Ilha da Madeira. Funchal: Editorial Electrónica EDEL. LDA, p. 11.

dimensão além do factor de subsistência, sendo-lhes actualmente atribuído um valor cultural - através do turismo - e económico, que ultrapassa os limites do arquipélago - através da exportação.

02.1. Turismo e Cultura

No século XV, apenas os produtos oriundos da terra e do mar geravam riqueza para a região, que *devido à fragilidade e escassez territorial, soube, através do engenho e dedicação dos seus habitantes, impor-se através da qualidade*.⁴

Nesta época, ricos comerciantes de várias partes do mundo, deslocavam-se até à ilha para adquirir estes produtos de qualidade indelével. E, devido à sua localização atlântica, a Madeira ganhou especial importância a nível mundial, sendo pioneira a fomentar o turismo através das rotas marítimas, subsistindo com base numa economia de exportação.

*A Madeira foi a primeira região do Mundo onde houve turismo viajado no alto mar, quando no século XV se iniciaram estas viagens em caravelas, que transportavam vinho e açúcar da Madeira para Inglaterra e outros países europeus e regressavam com mercadorias para serem transacionadas na Ilha*⁵.

4 LEITE, Pedro Pereira (2000). Madeira – Recursos para um novo ciclo de desenvolvimento. Revista Cidades – Sociedade e Território, nº 32, p. 19.

5 CÉSAR, César Figueira (1985). Ilha da Madeira – Paraíso Terrestre. Funchal: Editorial Eco do Funchal p. 118.

Se desde cedo o homem manifesta a vontade de conhecer lugares, culturas, hábitos e tradições distintos daqueles a que está habituado, mais se evidenciou este desígnio quando, no século XIX, ricos comerciantes e aristocratas alargaram as suas viagens comerciais a estadas prolongadas, ansiando beneficiar do clima ameno e das qualidades terapêuticas do ar. Aproveitavam então para visitar e apreciar as paisagens naturais da ilha.

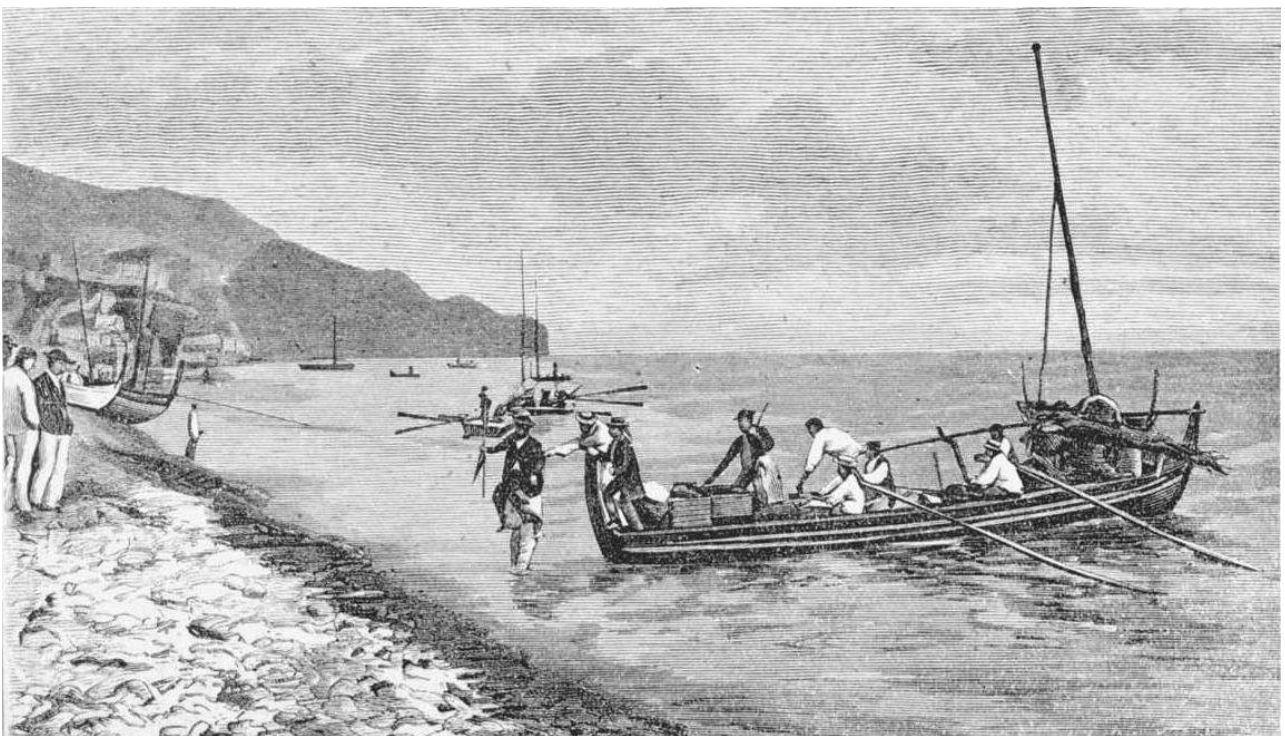
Gradualmente, esta actividade económica evoluiu, acabando por se estender a todas as classes sociais, passando a denominar-se esta interacção alargada, como turismo cultural. Com o passar dos anos e com o evoluir tecnológico, as viagens deixaram de ser realizadas apenas através do mar, passando a ser possível fazê-lo por meios aéreos⁶.

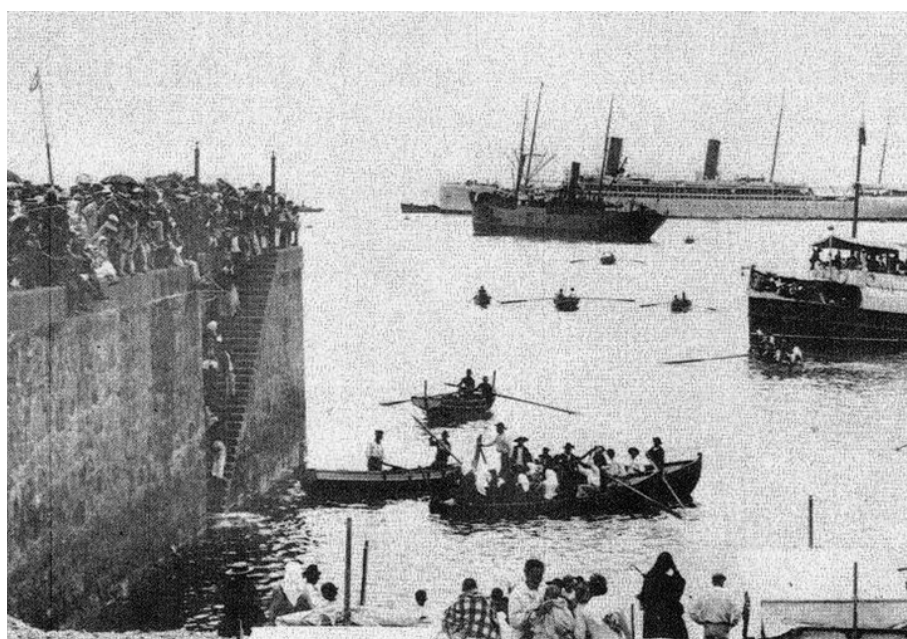
Desde já se sublinha este vector, porque o turismo é, indubitavelmente, o fenómeno de massas mais importante da contemporaneidade, (...) tendo evoluído do privilégio de uma elite para uma necessidade básica de lazer de amplos sectores da população mundial⁷.

5. (Página oposta)
Retrato alusivo às trocas comerciais efectuadas na ilha da Madeira.

6 Inicialmente as viagens eram realizadas em hidroaviões e o primeiro a amarrar na ilha foi no dia 22 de Março de 1921, sendo um hidroavião “Felixtowe F3” da Aviação Naval Portuguesa. No ano de 1964 foi inaugurado o aeroporto da Madeira e nessa fase os aviões começaram a aterrar na pista que na altura tinha 1600 m de extensão.

7 PERALTA, Elsa (2008) apud COSTA, Paulo. A Memória do Mar. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, p.345.





6. Hidroavião amarrado na frente do cais da Pontinha, Funchal.
7. Embarque e desembarque de passageiros no cais do Funchal, 1939.



8. Desembarque de passageiros no paquete em 1936.
9. Venda de *Bordado Madeira* aos turistas do paquete, 1936.

Tendo em conta a actual conjuntura económica vivida tanto a nível nacional como global, e tendo também em conta as fragilidades dos outros sectores da economia da região, perspectiva-se que o turismo possa ser o veículo mais propício para o desenvolvimento e crescimento sustentado da ilha. Esta realidade é também expressa pelas palavras constantes no Programa de Governo da Região Autónoma da Madeira: *O Turismo assume uma importância vital no desenvolvimento e na estabilidade económica, social e cultural da Região Autónoma da Madeira.*⁸

Parecendo constituir-se como condição contemporânea, a atribuição de um valor económico à cultura, não há alternativa à criação de riqueza senão este potenciar dos intercâmbios sociais – através do turismo. É interessante compreender que este fenómeno de massas traz inúmeros benefícios para a localidade: (...) *o turismo pode, efectivamente, aliviar os problemas de desemprego, impulsionar a actividade empresarial, criar infra-estruturas, fomentar as relações com o exterior e, sobretudo, substituir as economias tradicionais em decadência por economias de serviços.*⁹

Embora o turismo se tenha tornado num grande factor de desenvolvimento económico e social, é imprescindível a sensibilização para o facto de que a actual realidade dos destinos turísticos se caracteriza por um mercado cada vez mais exigente: e se a Madeira assume hoje um lugar significativo na actividade económica do país, isso deve-se ao facto de ser portadora de uma

⁸ Governo Regional da Região Autónoma da Madeira (2011). Programa de Governo da Região Autónoma da Madeira 2011 - 2015. Funchal, p. 75.

⁹ PERALTA, Elsa (2008). A Memória do Mar. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, p.345.

oferta cultural bastante diversificada e atractiva, onde a sua (...) *“imagem de marca” é capaz de favorecer a identificação do lugar como um destino turístico diferenciado*¹⁰ e único, sustentado pelas suas memórias, tradições e costumes.

*A cultura e o turismo não se podem dissociar.*¹¹

Ao longo dos anos, muitos foram os forasteiros que acabaram por se estabelecer na ilha, onde fixaram residência. É de salientar que, a costa Sul da ilha, onde o clima ofereceu mais e melhores condições para a fixação do homem, é actualmente marcada pelas consideráveis alterações da paisagem, apresentando montanhas e vales esculpidos pelas mãos das gentes que por ali passaram e que, inevitavelmente, inscreveram na região inúmeras memórias. Esta paisagem humanizada representa um dos mais marcantes monumentos naturais da ilha, que culminou num comovente testemunho de expressões históricas, onde se valoriza o trabalho e as capacidades do povo madeirense e a relação económica existente entre as actividades do sector primário e a paisagem.

Efectivamente, o turismo da Madeira vive maioritariamente das paisagens naturais, sendo esta considerada a sua "imagem de marca". Por sua vez a paisagem está dependente das estratégias que regem o modo como os solos são trabalhados. Em virtude dos factos mencionados, torna-se indispensável compreender que a relação entre a paisagem e o sistema das actividades do sector primário

¹⁰ PERALTA, Elsa (2008). A Memória do Mar. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, p.346.

¹¹ PERALTA, Elsa (2008) apud COSTA, Paulo. A Memória do Mar. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, p.350.



10. Exemplo de alguns "socalcos agrícolas" presentes em Câmara de Lobos.

11. (Página oposta)

Baía de Câmara de Lobos vista do mar, 2015.

deverá ser preservada de modo a garantir a sua sobrevivência, pois é no modelo de relação entre elas que é gerado o desenvolvimento e a subsequente atractividade turística da região.

Neste sentido, primeiramente reflectiu-se sobre o local de intervenção - a cidade de Câmara de Lobos -, tentando interpretar as suas características próprias e procurando compreender as suas carências antes de se imaginar a melhor forma de tirar partido das suas potencialidades. Após a dita análise, constatou-se como principal imperativo a necessidade de valorizar as memórias, as tradições e a paisagem, tentando garantir a sua preservação no tempo.

Tendo isto em conta, este trabalho propõe a criação de um núcleo museológico, associado à configuração de duas infraestruturas de apoio aos pescadores - um balneário e uma zona de reparação de barcos e redes de pesca -, onde será acautelada a conveniente inscrição na paisagem. A intenção também passará por desenhar um espaço de transição e relação com a envolvente, valorizando as pré-existências, de modo a que, continue a ser possível (...) *captar de imediato a "essência" do local*.¹²

12 PERALTA, Elsa (2008). A Memória do Mar. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, p.348.



03. MEMÓRIAS DE UMA VILA PISCATÓRIA

Daqui passaram mais adiante até dar em rocha delgada à maneira de ponta baixa, que entra no mar; e entre esta rocha e outra rocha viva. Aqui se meteram com os batéis e acharam tantos lobos marinhos, que era espanto e não foi pequeno refresco e passatempo para a gente; porque mataram muitos deles e tiveram na matança muito prazer e festa, o capitão João Gonçalves deu a este remanso Câmara de Lobos (...).¹³

À sua chegada depararam-se com uma pequena enseada, limitada por uma pitoresca praia de calhaus, a que mais tarde puseram o nome de Câmara de Lobos. E, deste espaço ermo, se ergueu uma vila.



12. Paisagem da baía e do "Ilhéu" de Câmara de Lobos, 1851.

13 FRUTUOSO, Gaspar (1979). Livro Segundo das Saudades da Terra, Ponta Delgada, p. 48.

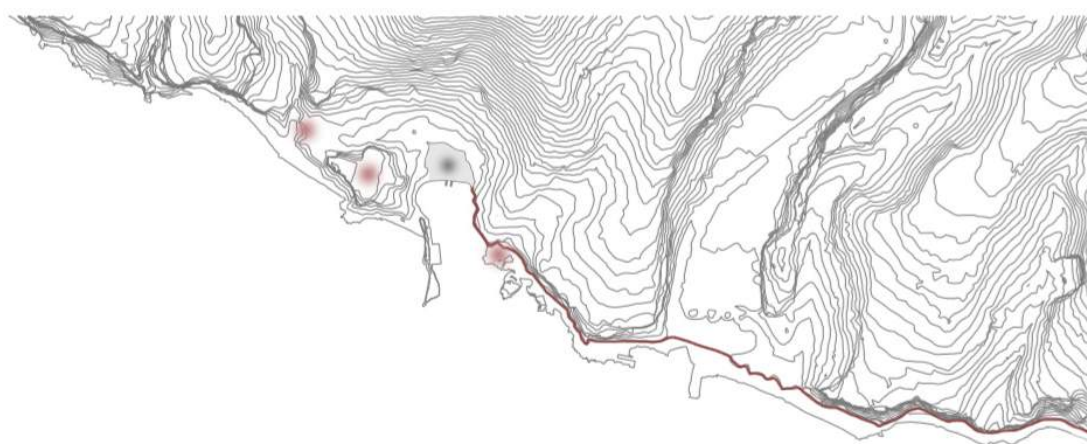
A criação da freguesia de (Câmara de Lobos) remonta a 1430, sendo das mais antigas da ilha da Madeira. Após o estabelecimento do governo constitucional, foi criado o Município do mesmo nome, no ano de 1835, pertencendo as freguesias de Câmara de Lobos, Estreito de Lobos, Curral das Freiras e Campanário. A 3 de Agosto 1996, o Município de Câmara de Lobos, até à data conhecido por Vila de Câmara de Lobos, foi eleito à categoria de cidade. Actualmente, fazem parte do concelho as seguintes freguesias: Câmara de Lobos, Estreito de Câmara de Lobos, Curral das Freiras, Quinta Grande e Jardim da Serra. Deste então, Câmara de Lobos está em constante processo de transformação e evolução, tentando seguir as actuais directrizes do progresso cultural, paisagístico e arquitectónico.

Logo após a fixação humana, Câmara de Lobos foi submetida a uma imediata exploração agrícola onde, desde muito cedo, o homem manuseou as terras para seu proveito. Apesar do aspeto rochoso, esta região possui um dos solos mais férteis do arquipélago, conferindo-lhe a possibilidade de se destacar como centro vinícola. Por este motivo, Câmara de Lobos é regionalmente conhecida pelo "Douro Madeirense".

Recorde-se que até há poucas décadas a panorâmica da frente-mar de Câmara de Lobos era aterradora, devido ao quadro de pobreza reinante. Nessa época, a cidade via-se isolada pela persistente ideia de pobreza e perigo que sempre lhe foi associada. Ao longo dos anos, esta realidade foi-se atenuando e muito se deve às iniciativas e planos de dinamização propostos pela Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura. Aos poucos, foram emergindo equipamentos e infraestruturas de carácter público, sendo estes responsáveis pela reintegração social da população local e pela abertura da pequena cidade à restante ilha.

Actualmente as principais actividades que impulsionam a economia da cidade são a pesca, a agricultura, o comércio, os serviços e a indústria. Porém, a pesca destaca-se com o seu papel fulcral nos dias que correm, pois sendo a baía de Câmara de Lobos o único núcleo piscatório próximo da cidade do Funchal - dista 9 km - é considerada por muitos um ponto de paragem obrigatória, sendo um local de elevado interesse cultural. A união das duas cidades foi fortemente fomentada pela criação de uma infraestrutura de acesso no ano 2011: um percurso pedonal, popularmente denominado de "promenade", que tem início na zona balnear do Lido e percorre aproximadamente 2,2 km junto à costa litoral da ilha terminando na baía de Câmara de Lobos. Esta infra-estrutura é ainda sustentada pela construção de um muro de suporte, que contribuiu para travar o visível processo de erosão da orla costeira.

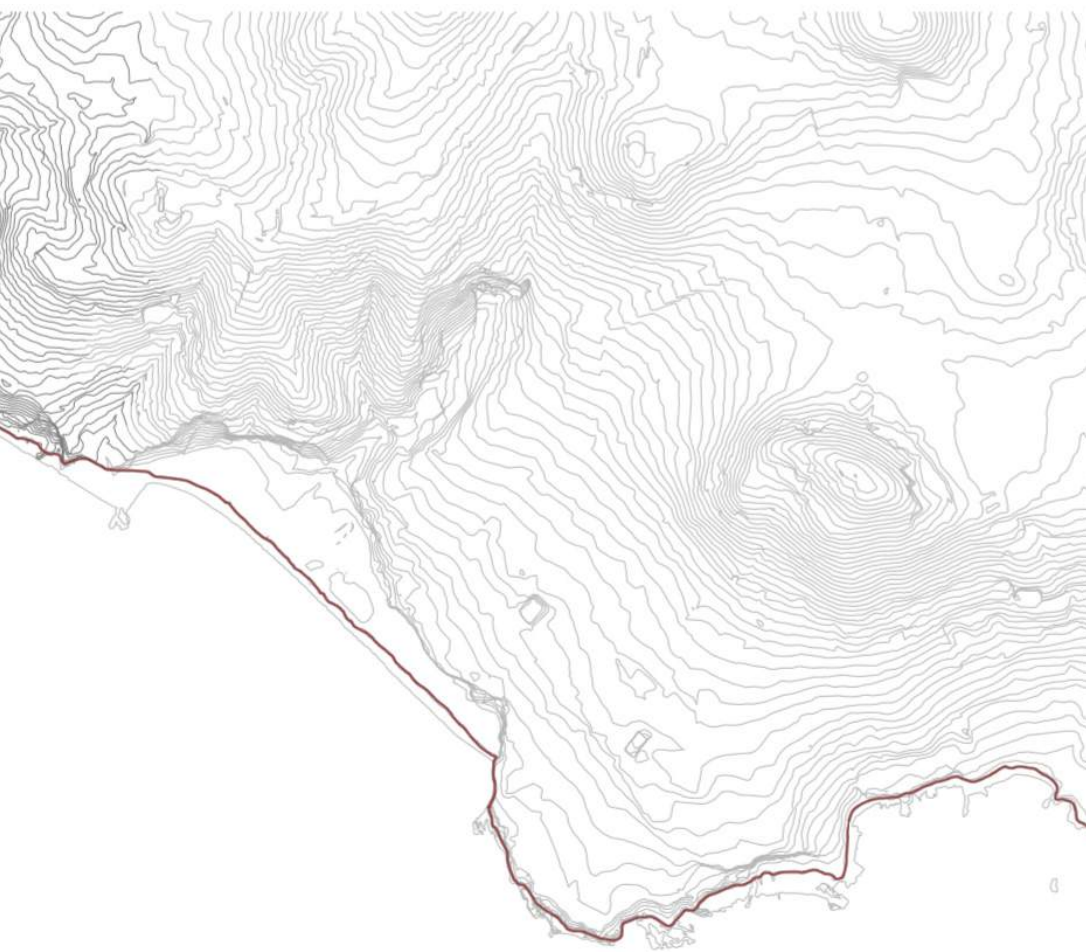
Igualmente importante para o desenvolvimento da cidade foi a obra do Complexo Balnear das Salinas, projecto dos arquitectos Paulo David e João Gomes, desenvolvido entre os anos 2002 e 2004: a obra conta com um equipamento de restauração e com jardins de carácter público que convidam à permanência de inúmeros locais e turistas durante todo o ano. Ainda nessa época, procedeu-se à requalificação de uma das zonas mais emblemáticas da cidade, o antigo bairro dos pescadores. Aí nasceram os Jardins do Miradouro do Ilhéu, que proporcionam uma vista panorâmica sobre a pequena baía. Mais recentemente, em 2013, foi construído o Museu da Imprensa da Madeira, em articulação com o Museu Nacional da Imprensa, com vista a promover as actividades do sector turístico e cultural da região.



13. Esquema da ligação pedonal entre o Funchal e Câmara de Lobos.

A cinza: área de intervenção.

A encarnado (da esquerda para a direita): Museu da Imprensa da Madeira, Jardins do Miradouro do Ilhéu e Complexo Balnear das Salinas.



Se a constante aposta na criação de novas infraestruturas dinamizou a cidade nas suas várias vertentes, não se torna menos importante, a preservação do seu passado e a forma como o respeitamos no presente.

Um exemplo singular remonta a 1950, aquando da visita de Winston Churchill¹⁴ à ilha. No dia 8 de Janeiro, Churchill deslocou-se a Câmara de Lobos, e num recanto elevado a aproximadamente dezasseis metros da altura do mar, montou o seu cavalete de pintura. O acontecimento viria a sublinhar a baía de Câmara de Lobos como um dos cenários mais procurados pelos pintores que visitam a região, pois a omnipresença do mar e os enormes contrastes orográficos criam panoramas e perspectivas de grande interesse a nível cénico.



¹⁴ Foi primeiro-ministro britânico por duas vezes (1940-1945 e 1951-1955) e ficou imortalizado na história do mundo como um dos mais importantes estadistas do século XX. Em 1953, recebeu o Prémio Nobel da Literatura.

Segundo relatos da visita, Churchill ficou encantado não apenas com as paisagens da pitoresca baía mas também com a população, constando que chegaria a afirmar: "Já fui cumprimentado por muitas pessoas neste mundo por quem fiz alguma coisa, mas nunca, em toda a minha vida, fui tão entusiasticamente recebido por pessoas por quem nunca fiz nada." De facto, a história da Madeira deve-se também aos forasteiros que contribuíram para a afirmação da ilha no mundo: *Ainda que muitas tenham sido as personalidades que, ao longo dos anos, visitaram Câmara de Lobos, é curioso verificar que nenhuma, como Winston Churchill, marcou de forma tão profunda esta localidade. Com efeito, o seu nome é o único que, não pertencendo ao lote dos santos religiosos ou daqueles que nasceram ou viveram em Câmara de Lobos, tem honras na toponímea do local*¹⁵.

A efemérida visita de Churchill foi de tal forma significativa naquela época, que imediatamente seria apropriada de forma panfletária pela vila, como expediente para atrair inúmeros estrangeiros e famosos para a região. Entre outras "homenagens", o local passou a ser designado por Miradouro Winston Churchill, e mantém-se actualmente como foco de atracção turística.



15 FREITAS, Manuel Pedro (1998). Caminhos e lugares do Concelho de Câmara de Lobos: Miradouro de Winston Churchill. Jornal da Madeira. Madeira.

14 e 15. Winston Churchill, o célebre primeiro-ministro britânico da 2.ª Guerra Mundial que passou 12 dias de férias na Madeira. Fotografia de Raul Perestrelo, 1950.

Inicialmente, as dezenas de famílias de pescadores viviam no pequeno bairro designado por "Ilhéu". Após as obras de requalificação referidas anteriormente, a população foi realojada no Complexo Habitacional Nova Cidade, situado a aproximadamente 450 metros do anterior.

Os homens passam a maior parte do tempo na pesca, fora um dia ou outro, em que lhes faltam condições para se lançarem ao mar, juntam-se na baía e jogam às cartas, sem perder de vista os seus barcos de cores garridas, que baloiçam ao sabor da ondulação. Por sua vez, as mulheres responsáveis pelas lides domésticas aproveitam os tempos livres para bordar, sentadas do lado de fora das soleiras das suas casas humildes, enquanto as crianças brincam e jogam à bola na rua.

Em conversa informal com pescadores, percebe-se que a principal actividade de Câmara de Lobos é dividida em duas vertentes; a pesca profissional¹⁶ que conta com algumas infraestruturas de suporte à sua actividade - são exemplos o varadouro¹⁷, o cais de embarque¹⁸ a lota e o mercado -, ainda que insuficientes dado o carácter catalizador desta actividade para a economia da região; e a pesca amadora¹⁹ que persiste para além das crescentes dificuldades que vem sentindo ao longo dos tempos.

16 Os pescadores profissionais contam com cerca de trinta barcos de 18, 20 e 25 metros, e as viagens por norma duram aproximadamente quinze dias. Quando regressam a Câmara de Lobos, vendem o peixe à lota que posteriormente será vendido no mercado da cidade.

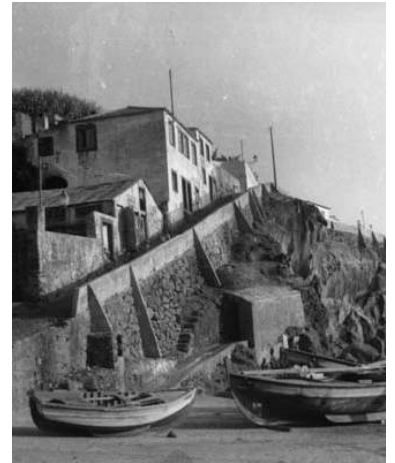
17 Situado a aproximadamente 450 metros a Este da baía.

18 A baía de Câmara de Lobos é servida por um cais de embarque, o qual foi construído em 1876, que posteriormente foi alvo de obras de melhoria e raparação em 1903.

19 Os barcos dos pescadores amadores variam entre os 2 e 8 metros, aproximadamente.

Este modo de vida constitui ainda uma das tradições locais, e nesse sentido, como principal memória viva que a cidade conhece, carece de incentivos para que as populações mais jovens assumam a sua continuidade.

Volta a sublinhar-se que, ao pensar nesta actividade de forma estratégica, não só se distinguem a sua importância económica ao nível da indústria piscatória como também o sustento que a pesca amadora fornece às famílias e à cultura da região. Daqui decorre a intenção de fortalecer a vertente amadora da actividade piscatória de Câmara de Lobos, propondo a criação de uma infraestrutura de apoio aos pescadores, anexa ao museu. Deste modo, para além do testemunho museológico do dia-a-dia destas gentes - assumindo o papel principal o edifício do museu -, esta proposta visa ser uma base para a revitalização prática e económica desta actividade.



16. Caminho do Calhau, fotografia da Colecção Ernesto Pinto Correia.





17. (Página oposta)

Pescadores reunidos na baía de Câmara de Lobos.

18. (Página oposta)

Pescadores e crianças na Baía de Câmara de Lobos, antes da construção da rampa de betão, criada para facilitar o atraque dos barcos.

19. Redes de pesca a secar em Câmara de Lobos, 1956.

PARTE II | (RE)Pensar o museu

04. EVOLUÇÃO CONCEPTUAL

Assume-se (...) o museu como um espaço sacralizado da cultura dum tempo. Uma montra do passado vista a partir de um espelho do presente. Um fragmento do tempo que projecta uma memória do nosso tempo²⁰. Um espaço de grande valor simbólico, porque recolhe e conserva vestígios de um passado que importa conhecer e recordar, sinais de grandeza e decadência, vestígios de vitórias e derrotas, marcadas de um quotidiano que desapareceu, obras de maior génio artístico do Homem²¹.

²⁰ LEITE, Pedro Pereira (2000). Madeira – Recursos para um novo ciclo de desenvolvimento. Revista Cidades – Sociedade e Território, nº 32. Turismo e Cultura. Rotas no Atlântico, p. 25.

²¹ OLEIRO, Manuel Bairrão, Museus, Prefácio in Arquitectura Ibérica: Lisboa: Caleidoscópio, nº 4, Setembro de 2004, pp. 5-7.

Ao invocar a génese dos museus, é impreterível recuar no tempo e citar o sítio das Musas, as nove filhas de Zeus e de Mnemosine - o sítio da criação artística e da Memória: *o Museion grego da época helenística e particularmente a sua evolução de Alexandria aponta e inspirará, como fonte semântica e referência de sentido, as diversas acções que ao longo da História levaram à recolha e guarda de objectos aos quais eram atribuídos valores simbólicos e documentais*²². É de sublinhar que, o Museion, caracteriza-se *como lugar de produção de saber, como Lugar de encontro e discussão intelectual entre*²³ diversas áreas, como: a matemática, a geografia, a astronomia, a poesia e a filosofia.

O museu torna-se espaço de grande importância social, atendendo a que tem por objectivo preservar e fazer sobreviver a memória colectiva. Um dos mais célebres museus da antiguidade terá sido o Museu Helénico de Alexandria, sendo um equipamento composto por várias divisões destinadas a usos completamente distintos. Dele fazia parte um anfiteatro, algumas salas de aula, uma zona de refeições, uma biblioteca²⁴, um jardim botânico e um jardim zoológico. O interesse pela criação de espaços multifuncionais permaneceu até aos dias de hoje, pois reconhece-se que este tipo de equipamentos *integra várias actividades e funções nos espaços públicos e na sua envolvente permitindo que as pessoas envolvidas actuem juntas e que se estimulem e inspirem umas às outras*²⁵.

²² GUIMARÃES, Carlos, *Arquitectura e Museus em Portugal – Entre Reinterpretação e Obra Nova*, Porto: FAUP Edição 2004, p.23.

²³ GUIMARÃES, Carlos, *Arquitectura e Museus em Portugal – Entre Reinterpretação e Obra Nova*, Porto: FAUP Edição 2004, p.23.

²⁴ Onde Ptolomeu teria aprovado concentrar os livros de todos os povos da terra, refletindo a proximidade das práticas de preservação de documentos que comprovavam o saber e cultura de todos os sítios conhecidos do mundo.

²⁵ GEHL, Jan (2006). *La humanización del espacio urbano*. Barcelona: Editorial Reverté, p.113.

Desde os nossos antepassados que o homem sente necessidade de coleccionar objectos. Durante a Idade Média, príncipes feudais guardavam tesouros nas igrejas, sendo por este motivo vistos como prefiguração do colecionismo. Foi a partir desta época que se deu o início da formação das colecções de arte, resultado de um entusiasmo pelas produções da Antiguidade Clássica.

No século XVII, na Europa já se designavam de *museus as recolhas e colecções realizadas pelo clero, aristocracia, homens da ciência, humanistas...* embora a sua abertura a um público restrito, elitista, estivesse ainda próxima do sentido da coleção privada²⁶. Posteriormente, durante a época do Iluminismo, foi reconhecido o interesse e utilidade das colecções para além do benefício dos seus proprietários, deste modo, estas obras foram colocadas em amplas áreas dos palácios criadas para o efeito e, com o passar dos anos, vieram a ser desenvolvidos vários museus destinados à exposição permanente das obras.

Apesar do carácter público de muitos museus, nesta fase os artistas eram obrigados a cumprir escrupulosamente as regras impostas pelas instituições, por este motivo gerou-se um confronto entre ambos. À parte disso, os museus eram ainda criticados por muitos que o consideravam um simples repositório de cultura, e uma demonstração estática dificilmente compreendida pelo homem comum.

26 GUIMARÃES, Carlos, *Arquitectura e Museus em Portugal – Entre Reinterpretação e Obra Nona*, Porto: FAUP Edição 2004, p.26.

O relativo equilíbrio alcançado pela instituição museu verá, no início do século XX, as suas bases serem objecto de renovadas ponderações, os quais serão confrontados com novas reflexões questionando a sua legitimidade. Após a Segunda Guerra Mundial é criado o ICOM²⁷ que reconhece a qualidade das instituições museológicas, tendo por objectivo o interesse público, e que visa defender, preservar, estudar e divulgar valores de natureza patrimonial e cultural²⁸.

Será no pós-guerra que voltarão a recolocar novas interrogações conceptuais, *que terão na Europa devastada e nos programas de reconstrução material, económica e recuperação patrimonial os ingredientes para uma refundação do papel das instituições museais. Com uma importância que o momento histórico justificava, serão revalorizadas as noções de património e memória, elementos-base para a reafirmação da vitória sobre a barbárie.*²⁹

²⁷ O Conselho Internacional dos Museus (ICOM) foi a primeira organização não governamental criada no âmbito da UNESCO em 1946, um ano após a criação da Organização da Nações Unidas.

²⁸ A definição das condições necessárias ao reconhecimento da qualidade de museu foi evoluindo de 1951 a 1983, sempre no sentido de abertura e incorporação de novas frentes de actuação: 1961: - “*Conseil International des Musées, Titre II, article 3: «L’ICOM reconnaît la qualité de musée à toute Institution qui présente des ensembles des biens culturels à des fins de conservation, d’étude, d’éducation, et de délectation. Entrent: a) Les demeures, trésors d’église et autres édifices ou parties de monuments historiques, soumis à la visite réglementée du public et des centres d’archives. 2. Les parcs naturels de caractère scientifique et éducatif.” C. b) Les jardins botaniques et zoologiques, aquariums, vivariums et autres organisations qui présentent des spécimens vivants d’espèces végétales ou animales.» Article 4: Peuvent être assimilés à des musées: 1. Les galeries d’exposition qui entretiennent en permanence des bibliothèques publiques et des centres d’archives. 2. Les parcs naturels de caractère scientifique et éducatif.* 1968 – Incluem-se “*Titre II, article 3: b. Les monuments historiques, les parties de monuments historiques ou leurs dépendances, telles que les trésors d’églises, les sites historiques, archéologiques et naturels, s’ils sont ouverts officiellement au public.*” In *La Muséologie selon Georges Henry Rivière*, Dunod, 1989, p.82.

²⁹ GUIMARÃES, Carlos, *Arquitectura e Museus em Portugal – Entre Reinterpretação e Obra Nona*, Porto: FAUP Edição 2004, p.36.

Nesta fase dá-se o fenómeno contemporâneo intitulado de "nova museologia", responsável pela reavaliação conceptual dos museus e pelo seu alargamento programático onde os espaços celulares, fechados e hierarquizados são substituídos por áreas flexíveis e adaptáveis às diversas necessidades do público. É ainda reestruturada a forma como as peças são expostas, complementando a visão estática por discursos, recorrendo à interactividade, tornando deste modo a apresentação esclarecedora e facilmente compreendida por todos.

Se na sua origem o museu dominava e tinha uma superioridade sobre o público, com o objectivo de a instruir, na actualidade o público começa a ter um papel importante, o que obriga o museu a existir em função dele³⁰.

Nasce assim um novo conceito de "museologia social" associado à nova museologia, que reconhece o indivíduo como parte integrante dos museus, que critica e participa activa e conscientemente. Os museus abrem-se também às comunidades onde estão inseridos, deixando de ser espaços destinados apenas aos turistas.

De acordo com o museólogo Neil Kotler (...) os visitantes não esperam apenas instruir-se, porém querem ainda satisfazer as suas necessidades sociais, sentir-se bem com eles e as suas comunidades. Assim, cabe pensar os museus como lugares de relações sociais nos quais se celebra a vida, se desenvolvem habilidades sociais e se desfruta com prazer experiências sensoriais e humanas básicas como comer, encontrar-se, comprar, relaxar-se, aprender e adquirir novos conhecimentos³¹.

30 PÉREZ, Xerardo Pereiro (2009). Turismo Cultural: Uma visão antropológica. Tenerife: Asociación Canaria de Antropología, p. 204.

31 PÉREZ, Xerardo Pereiro (2009). Turismo Cultural: Uma visão antropológica. Tenerife: Asociación Canaria de Antropología, p. 192.

04.1. Casos de Referência

Com o presente trabalho, onde é apresentada a proposta de criação de um "Museu do Mar" para a cidade de Câmara de Lobos, procurou-se soluções arquitectónicas surgidas na contemporaneidade, que sustentassem a estrutura conceptual do projecto. Foram referências o Museu do Mar de Galiza, obra dos arquitectos Aldo Rossi e César Portela³², e o Museu Marítimo de Ílhavo, projecto da dupla de arquitectos Nuno Mateus e José Mateus do Gabinete ARX Portugal.

*(...) o Mar. Mas não apenas o mar como praia e como sol, mas um Mar maior, de cultura, história e identidade: o “Mar por Tradição” (...)*³³



³² Primeiramente, o arquitecto italiano Aldo Rossi foi o responsável pelo projecto do Museu do Mar de Galiza, mas faleceu antes da sua conclusão, pelo que a obra ficou a cargo do arquitecto galego César Portela.

³³ PERALTA, Elsa (2008). A Memória do Mar. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, p.350.

20. Embarcações tradicionais atracadas na baía de Câmara de Lobos.

Na segunda metade do século XX, no contexto de um "movimento pós-modernista" os arquitectos tiveram como principal objectivo reavaliar e reestruturar as regras impostas pela arquitectura modernista, que havia sido alvo de fortes críticas. No entanto, a tentativa de criação de obras que retornassem à cidade histórica foi novamente alvo de polémica pois, como provocação à austeridade do modernismo, alguns arquitectos projectaram de forma excessiva ornamentos e formas ecléticas referentes ao passado.

O Museu do Mar de Galiza inscreve-se nesta linhagem; inaugurado em Junho de 2002, incide o seu principal foco na valorização do sector piscícola galego e no seu contributo para o desenvolvimento económico e social. A sua construção, na zona de uma antiga fábrica em Alcabre, e a forte relação com a Ria de Vigo, levou os arquitectos a reaproveitar as formas e estruturas dos armazéns pré-existentes, procurando assim uma integração directa no contexto, por via da manutenção de invariantes tipológicas significantes. É importante destacar neste caso o uso do arquétipo - da forma arquetípica do armazém ribeirinho - como estratégia de religação entre o passado da actividade marítima e a sua simbolização presente, amarrada ao programa museológico.



21. Fotografia do farol e de parte do Museu do Mar de Galiza. Repare-se na forte relação com a Ria de Vigo, por este motivo esta infra-estrutura é também conhecida por Museu do Mar de Vigo, 2014.

22. Museu do Mar de Galiza, criado através de reinterpretação dos armazéns pré-existentes.

No seu interior, o museu conta com salas destinadas a exposições temporárias, onde são expostas obras de conteúdos diversos porém, sempre alusivos ao tema da pesca. Para além destas salas, existem ainda zonas destinadas a exposições permanentes. Destaca-se a exposição dos "cubos iluminados", onde no interior de cada volume, os visitantes podem observar de perto, os testemunhos históricos da relação dos galegos com o mar e com a Ria de Vigo. Mas, é devido aos percursos a cotas superiores - que concluem circuitos a um nível elevado do plano visitável da exposição - que se compreende a dimensão e o conceito por detrás daquela obra. Os "cubos iluminados", colocados aparentemente de forma aleatória e sem qualquer propósito para além de albergar informações, são na verdade uma alusão aos contentores portuários que ali existiram em tempos.

Para além das naves destinadas à exposição das obras, este projecto conta ainda com um aquário, jardins e um farol que foi alvo de obras de reabilitação. É possível admitir neste caso, que a identidade e memórias foram perfeitamente respeitadas, pelos arquitectos, devido ao reconhecimento tipológico que a nova estrutura procurou acautelar.

O Museu Marítimo de Ílhavo³⁴ nasceu em 1937 e recentemente, no ano 2011, foi alvo de obras de renovação e ampliação. Esta tarefa ficou a cargo do Gabinete ARX Portugal e teve como propósito preservar a memória da vocação marítima ilhavense. A Ria de Ílhavo, situada em Aveiro, é conhecida pela forte tradição da pesca do bacalhau, surgindo a necessidade de gerar um aproveitamento organizado desta peculiaridade e, simultaneamente, fazer perdurá-la no tempo.

O museu de Ílhavo radica directamente nas ideias inovadoras das vanguardas artísticas que, desde cedo, propuseram uma renovação das cidades através da valorização estética e da ostentação das novas formas arquitectónicas, que alteraram totalmente a imagem das cidades.



23. Fotografia de uma das fachadas do Museu Marítimo de Ílhavo.

24. (Página oposta)

Museu Marítimo de Ílhavo - exemplo de arquitectura modernista. Esta imagem evidencia a utilização de novas formas arquitectónicas.

³⁴ O Museu Marítimo de Ílhavo foi distinguido com o prémio AICA/MC 2002 da Associação Internacional dos Críticos de Arte do Ministério da Cultura, foi ainda nomeado para o prémio SECIL 2002 e para o prémio da União Europeia para a Arquitectura Contemporânea 2003/Mies Van Der Rohe.





25. *Context project para a Boston City Hall*, ilustração de Robert Venturi, 1972.

*O modelo de urbanização modernista é frequentemente acusado de ter contribuído para o declínio da cidade tradicional e da sua inerente cultura urbana*¹.

26. (Página oposta)

Vista da Sala da Ria no Museu Marítimo de Ílhavo, onde é possível constatar a presença dos dois planos de observação das exposições, 2011.

¹ BALULA, Luís (2007). *Dialéticas Espaciais na Cidade Contemporânea e o poder integrador do desenho*. Revista Cidades – Comunidades e Territórios, nº 15, p. 57.

Este tema, remete-nos de imediato à obra do arquitecto Frank Gehry, o "Museu Guggenheim Bilbao", sendo esta a obra a debater onde a dualidade e divergência de opiniões gera ainda muita controvérsia. Muitos concordam com a sua presença, defendendo que esta obra arquitectónica veio revitalizar e transformar por completo a cidade - "Efeito Bilbao" -, tornando-se no seu novo símbolo turístico. Realçam ainda o facto de que, desde a sua inauguração, o Guggenheim trouxe diariamente inúmeros visitantes, impulsionando deste modo, as actividades culturais e económicas da cidade.

Por outro lado, opiniões contrárias consideram esta obra um símbolo de imperialismo cultural que desrespeita a história e memória da antiga cidade industrial, que veio alterar por completo a sua imagem. Podendo ser considerado ainda como uma enorme escultura, o Guggenheim é para muitos uma obra impessoal e desadequada à escala humana, onde o edifício deixa de delimitar o espaço público, para se elevar acima dele.

O projecto do Museu Marítimo de Ílhavo procura tirar partido do "efeito Bilbao", sem renunciar à referência própria com o lugar: não despreza a importância *das obras autênticas do passado (...)* e estabelece a ligação suficiente, onde outros arquitectos (e obras correspondentes) *negam (...) extrair delas o elemento condutor vital e perene sem o qual nenhuma nova posição de vanguarda se desenvolve numa cultura*³⁵.

³⁵ ZEVI, Bruno (2009). *Saber Ver a Arquitetura*. (6ª Edição). São Paulo: Martins Fontes, p.3.

Embora distante da ria, os arquitectos conseguiram recriar a sua ambiência, através das relações com os planos de água posicionados estrategicamente. O edifício assume uma evidente autonomia formal que sublinha o seu carácter de excepção, demarcando-se nessa especificidade do caso de estudo anterior.

Esta envolvente construtiva "icónica" vem abrigar um conjunto significativo de espaços, dos quais se destacam a Sala da Ria, onde o acervo reúne uma vasta colecção etnográfica e onde estão dispostas dez embarcações tradicionais, exibidas à escala real. Nesta sala, à semelhança do Museu do Mar de Galiza, são criados planos num segundo patamar, proporcionando diferentes níveis de observação. É de igual importância referir a sala dedicada à população local - que está directamente relacionada com a vida no mar - e, por este motivo, são parte integrante do museu.



Além da sua relevância a nível arquitectónico, estas obras inserem-se nos princípios da "nova museologia". Ambos os exemplos disponibilizam actividades didáticas e educativas escolares, integrando as crianças no propósito do museu, fazendo com que aprendam e pratiquem actividades relacionadas com a pesca. Estas obras também dispõem de uma zona de restauração e de espaços públicos exteriores, ficando reconhecidas pela sua versatilidade, pois tornam-se acessíveis a outros públicos-alvo. Em relação à zona de exposições, são ainda portadoras de um sistema de áudio e vídeo-documentários, que complementam as obras, facilitando a sua compreensão.

Sumarizando o que foi dito, considera-se a tentativa de modernização da cidade de Bilbao como momento-chave para a concepção de edifícios-museu, cujo efeito de propagação se sentiu um pouco por todo o mundo, gerando uma multiplicação de obras com características similares. Este tipo de arquitectura "icónica" acabaria por revelar efeitos secundários não antecipáveis pelo projecto, nomeadamente o agravamento do fenómeno de gentrificação das cidades, à revelia dos benefícios directos a nível económico (em virtude da emergência destas arquitecturas "espectaculares", são criadas novas infra-estruturas e gerados correspondentes postos de trabalho).

No entanto, o impacto destas obras projectadas em grande parte pelas “celebridades” da arquitectura é de tal forma contundente, que acaba por se sobrepor às dinâmicas precedentes das cidades históricas onde se inserem. Tendo em conta o propósito deste trabalho, importa ressaltar que o impacto das arquitecturas “icónicas” no contexto dos museus ganha uma dimensão paradoxal quando confrontado com o seu propósito - preservar e divulgar culturas. A criação de museus destas dimensões acaba por substituir a cultura da cidade por “vendedores” de amostras culturais condensadas.

À luz destas experiências, impôs-se ao trabalho a seguinte reflexão: valerá a pena continuar a alimentar esta ideologia mesmo pondo em causa a cultura das cidades históricas?

(...) A cidade só poderá prosseguir um desenvolvimento harmonioso se conseguir transmitir às gerações futuras um sistema de referências culturais e afirmar, através de uma memória viva, a sua indiscutível personalidade³⁶. Aceite a premissa, cabem aos “novos arquitectos” responsabilidades nesse eventual travar da erosão cultural, assim como a possibilidade de restabelecer alguma ordem através de um processo de revisão crítica, na consciência de que as cidades não se caracterizam apenas pela actualidade, mas por um acumular de acontecimentos que involuntariamente permaneceram até aos dias de hoje.

36 ALBUQUERQUE, Miguel (2000). Madeira – Recursos para um novo ciclo de desenvolvimento. Revista Cidades – Sociedade e Território, nº 32. A Cidade. Personalidade e Memória, p. 52

*(...) desenhar a cidade e nela intervir é também compreender e conhecer a cidade antiga e moderna, as suas morfologias e processos de formação*³⁷.

Ao (re)desenhar uma cidade, ou parte dela, não podemos admitir que a mesma vive desprovida de história, memórias e cultura. A nova construção deverá ser projectada tirando proveito do avanço tecnológico e das novas materialidades sem colocar em causa o respeito por todos os seus antecedentes, principalmente quando inseridas numa zona histórica, pois é lá que encontramos os mais importantes testemunhos culturais. Desta forma, será possível responder às problemáticas actuais, facilitando e melhorando a qualidade de vida das pessoas.

³⁷ LAMAS, José M. Ressano Garcia (2000). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. (2ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, p. 28.

O projecto nasce, tal como nos dois exemplos anteriores, da vontade de criar um sítio dedicado ao mar. Tirando partido da forte relação existente com o plano de água.

Volumetricamente reclama uma liberdade criativa análoga às formas irregulares do Museu Marítimo de Ílhavo, assumindo-se características de uma arquitectura de excepção, que denuncia a importância relativa naquele contexto. No entanto, a proposta - que será descrita pormenorizadamente no capítulo que se segue - procura o reconhecimento tipológico de uma morfologia significativa para a cidade de Câmara de Lobos, através da projecção de planos sucessivos, inspirados nos socalcos³⁸ da encosta montanhosa adjacente.



27. Esquisso (desactualizado) da proposta de recriação tipológica dos socalcos.

38 Sobre este tema, ler a página 10 do capítulo 02. A CONQUISTA DA TERRA E DA ÁGUA.

PARTE III | O Projecto

05. PROPOSTA URBANA

(...) o desenho urbano exige um domínio profundo de duas áreas do conhecimento: o processo de formação da cidade, que é histórico e cultural e que se interliga às formas utilizadas no passado mais ou menos longínquo (...) e a reflexão sobre a FORMA URBANA enquanto objectivo do urbanismo, ou melhor, enquanto corpo ou materialização da cidade capaz de determinar a vida humana em comunidade. Sem o profundo conhecimento da morfologia urbana e da história da forma urbana, arriscam-se os arquitectos a desenhar cidade segundo práticas superficiais, usando «feitios» sem conteúdo disciplinar³⁹

³⁹ LAMAS, José M. Ressano Garcia (2000). Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. (2ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, p. 22.



28. Esquema da Baía de Câmara de Lobos, assinalando a área de intervenção.

Os capítulos anteriores traduzem a análise e reflexão dos temas considerados relevantes, que sustentam o projecto final de mestrado. É com base nestas premissas que é desenvolvida a estrutura conceptual e arquitectónica da presente proposta.

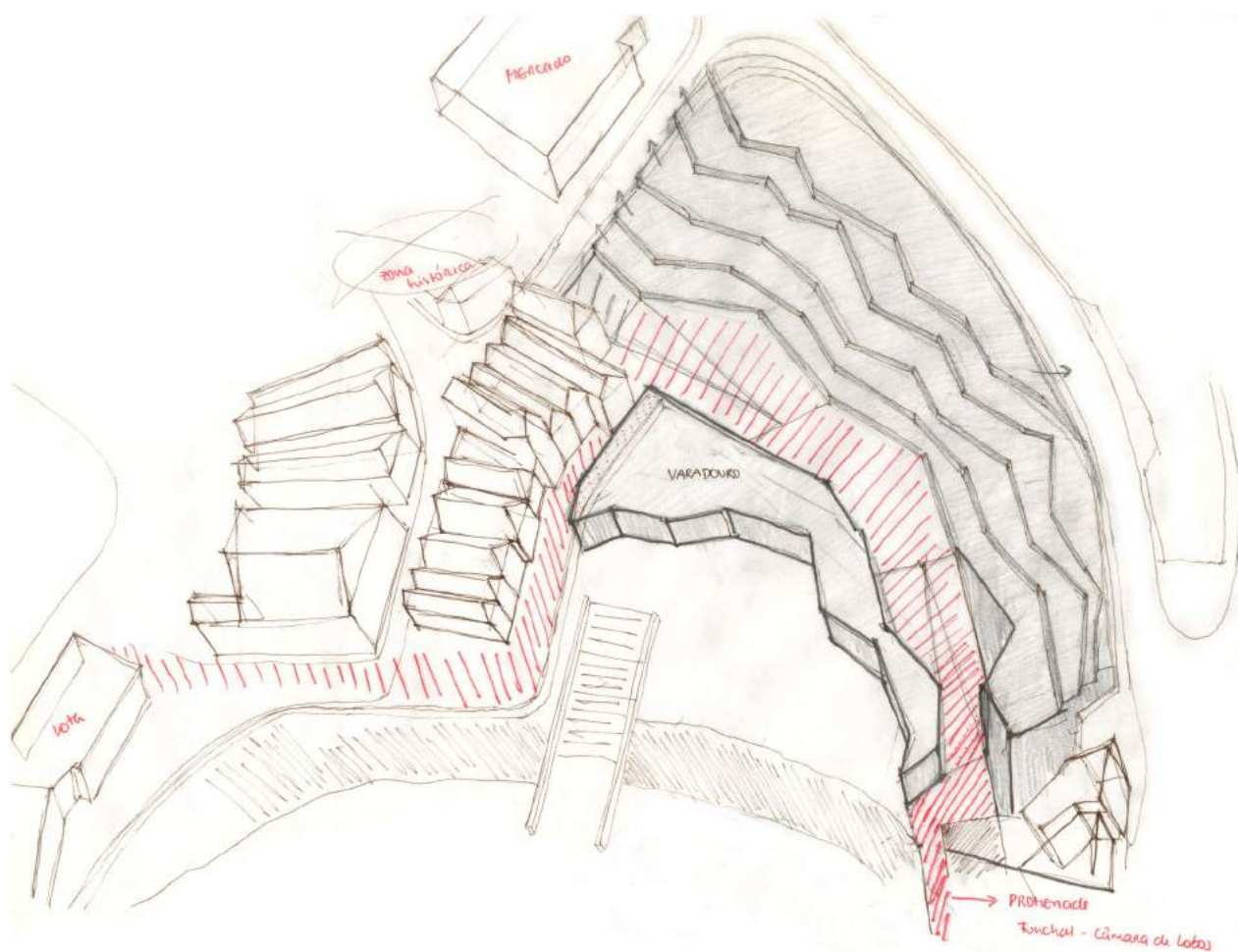
Para além da materialização de um programa museológico dedicado ao mar, o tema "Espaços de Encontro com a Memória" pressupõe a ligação física entre as diversas infra-estruturas que fazem parte do quotidiano dos pescadores, bem como dos equipamentos culturais existentes na parte baixa da cidade de Câmara de Lobos. Tendo como referência o já existente passadiço pedonal⁴⁰, propõe-se a sua continuação até ao Largo da República onde está situado o Museu da Imprensa, passando pelo "Museu do Mar", Mercado, Lota e Jardins do Miradouro do Ilhéu.

Inicialmente, o projecto da "promenade" teve apenas como objectivo a ligação pedonal entre a cidade de Câmara de Lobos e do Funchal. O seu percurso terminava ao chegar à baía, onde o conteúdo relevante a conhecer se resumia à zona histórica da cidade, portadora de pequenos comércios de artesanato e restaurantes tradicionais; isto, sem esquecer a ainda relação com a paisagem e com as actividades marítimas.

Essa infra-estrutura seria considerada ponto de partida significativa para a requalificação da cidade pois, da iniciativa surgiram muitos projectos, a justificar o seu prolongamento. Embora o aumento seja aparentemente pouco significativo, a importância releva

⁴⁰ Sobre este tema, ver o esquema das páginas 22 e 23 do capítulo 03. MEMÓRIAS DE UMA VILA PISCATÓRIA.

do facto da "promenade" funcionar como um "guia físico" para os visitantes já que o percurso denota e orienta para as diversas zonas de interesse cultural das zonas baixas, existentes entre as duas cidades. Actualmente, acontece construções mais recentes passem despercebidas ao olhar dos passeantes, que assumem não haver passagem relevante para além daquilo que é apresentado no decorrer do percurso que evolui à beira-mar.

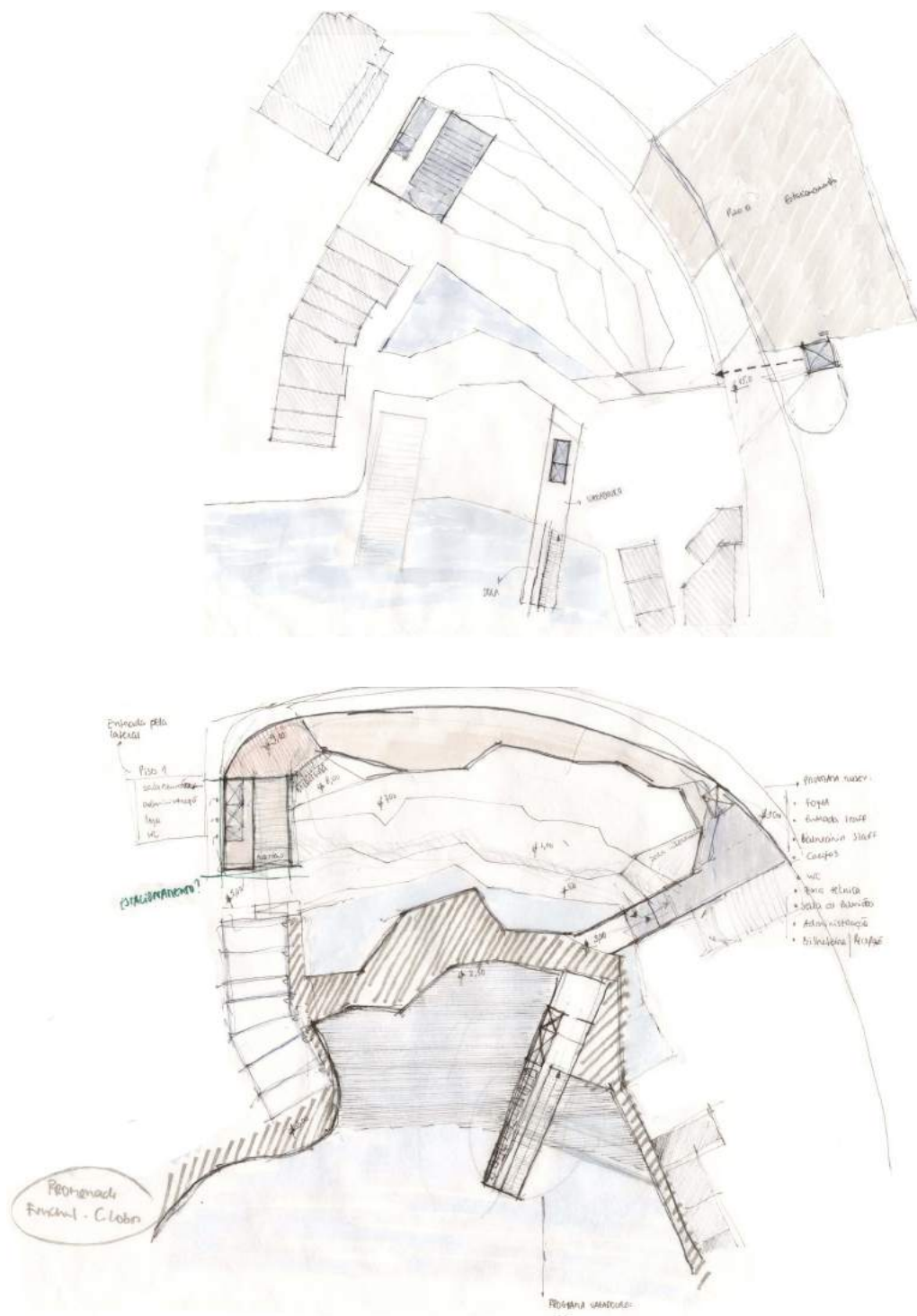


A área de intervenção principal, situada frente à baía de Câmara de Lobos, caracteriza-se actualmente pelo imponente muro de contenção em betão, e pela descontinuidade física resultante, o que despertou o nosso sentido de possibilidade. Desconhece-se as razões pelas quais surgiu essa obra, que materializa uma ruptura abrupta no declive original, pese embora a população tenha acabado por apropriar o vazio, acabando por transformá-lo num parque de estacionamento ao ar livre.

A proposta evoluiu sucessivamente, de uma volumetria mais afirmativa e invasiva, até aquela que se apresenta como resposta correcta à pergunta enunciada. Podemos constatar esse facto, ao analisar as páginas que se seguem, onde são dados a conhecer alguns dos esboços efectuados ao longo do processo de trabalho.

Identificam-se nos esboços o pontão suspenso sobre a água proposto numa fase inicial, mas depois posto de parte, porque descaracterizava a imagem pitoresca da baía. Interessava sobretudo retomar à questão de partida, que passa por compreender a melhor forma de criar infra-estruturas de apoio aos pescadores, sem desrespeitar a história e cultura da cidade.

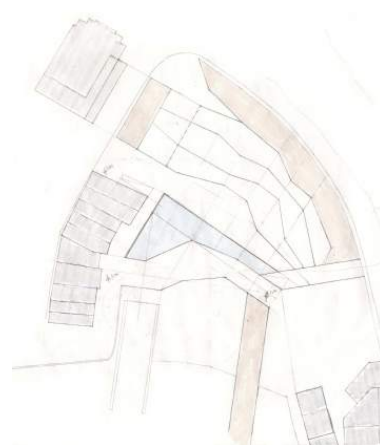
29. (Página oposta)
Esquisto (desactualizado) do processo e trabalho referente à proposta urbana para o vazio urbano da baía de Câmara de Lobos.



A proposta final avançou no sentido de inscrever as pré-existências, tentando respeitar ao máximo a relação entre os demais edifícios que rodeiam a área de trabalho. Embora, o módulo dos auditórios seja o mais contrastante face à sua dimensão, tentou-se respeitar a área de implantação e a cota do edifício adjacente - o Mercado Municipal de Câmara de Lobos - criando um volume visualmente semelhante.

O grande desafio deste trabalho, a nível arquitectónico, assenta na resolução material da discrepância entre a cota de implantação e as diversas cotas da estrada situada a Norte do projecto, e contida pelo muro de suporte anteriormente referido. Desde a fase mais inicial do projecto, que se procurava uma analogia segura com as formas históricas: decidiu-se, desse modo, criar um sistema de patamares alusivos aos "poios madeirenses"⁴¹ e, recuando um pouco mais no tempo, às curvas de nível existentes nas cartografias antigas da pequena cidade.

O desenho destas "curvas de nível estilizadas" estende-se desde a cota mais alta do muro de contenção até ao nível do mar e proporciona diferentes momentos e vistas aos espectadores. Os patamares, correspondentes aos tectos do programa museológico, tornam-se lugares de passagem e permanência exterior, configurando uma dualidade interior/ exterior, a estabelecer-se entre a visita específico-pontual ao museu e a fruição ocasional das plataformas de acesso ao mar - sorte de "praia artificial".



30 e 31. (Página oposta)

Esquissos (desactualizados) de esquemas relativos à proposta urbana e arquitectónica.

32. Esquisso (desactualizado) da proposta de criação de patamares alusivos aos tradicionais "poios madeirenses".

⁴¹ Sobre este tema, ler a página 10 do capítulo 02. A CONQUISTA DA TERRA E DA ÁGUA.

06. O MUSEU DO MAR

Um destino que oferece a “imagem” de um “povo” e de uma Nação que se auto-define na sua relação com o Mar, é um destino com um grau de sacralização elevado (...).⁴²



⁴² PERALTA, Elsa (2008). A Memória do Mar. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, p.346.

33. Fotografia actual da baía de Câmara de Lobos e dos Jardins do Miradouro do Ilhéu, 2015.

Como já foi referido por diversas vezes, o projecto "Museu do Mar" ambiciona salvaguardar e preservar as memórias e cultura da vila piscatória de Câmara de Lobos, portadora de características bastante singulares. Procura responder a esta problemática, através da divulgação das actividades marítimas não apenas aos visitantes vindos de fora, mas também à população local e regional.

A proposta apresentada visa respeitar a pesca como tradição e valorizar o plano de água, e foi desenvolvida segundo três momentos distintos: o primeiro de carácter social, que salvaguarda as tradições e prática de actividades piscatórias, referente às infra-estruturas de apoio aos pescadores; outro de carácter cognitivo e cultural, referente ao núcleo museológico; e um terceiro de carácter lúdico associado ao quotidiano do homem contemporâneo, o qual integra os módulos dos auditórios e ao restaurante panorâmico.

Todos estes momentos trabalham individualmente podendo, no entanto, ser interligados entre si. Para além dos contrastes conceptuais e programáticos, estes momentos são distinguidos através das suas materialidades, tonalidades e texturas aplicadas. Mais à frente, no capítulo "Para além da Forma" serão expostas, mais especificamente, as opções tomadas em relação às formas e materialidades praticadas no projecto.

Importa referir que este projecto segue os princípios da "nova museologia"⁴³, através da inclusão da população local nas actividades e programas propostos; pela diversidade programática; e ainda pela criação de espaços adaptáveis e flexíveis. Esta última

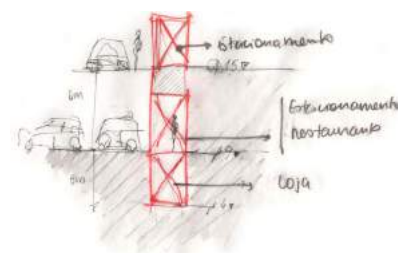
43 Sobre este tema, ler a página 39 do capítulo 04. EVOLUÇÃO CONCEPTUAL.

característica refere-se, não apenas à relação de "individualidade *versus* conjunto" dos diversos equipamentos, mas também às áreas destinadas às exposições, que poderão variar os seus percursos consoante a necessidade e intenção do curador responsável pela exposição.

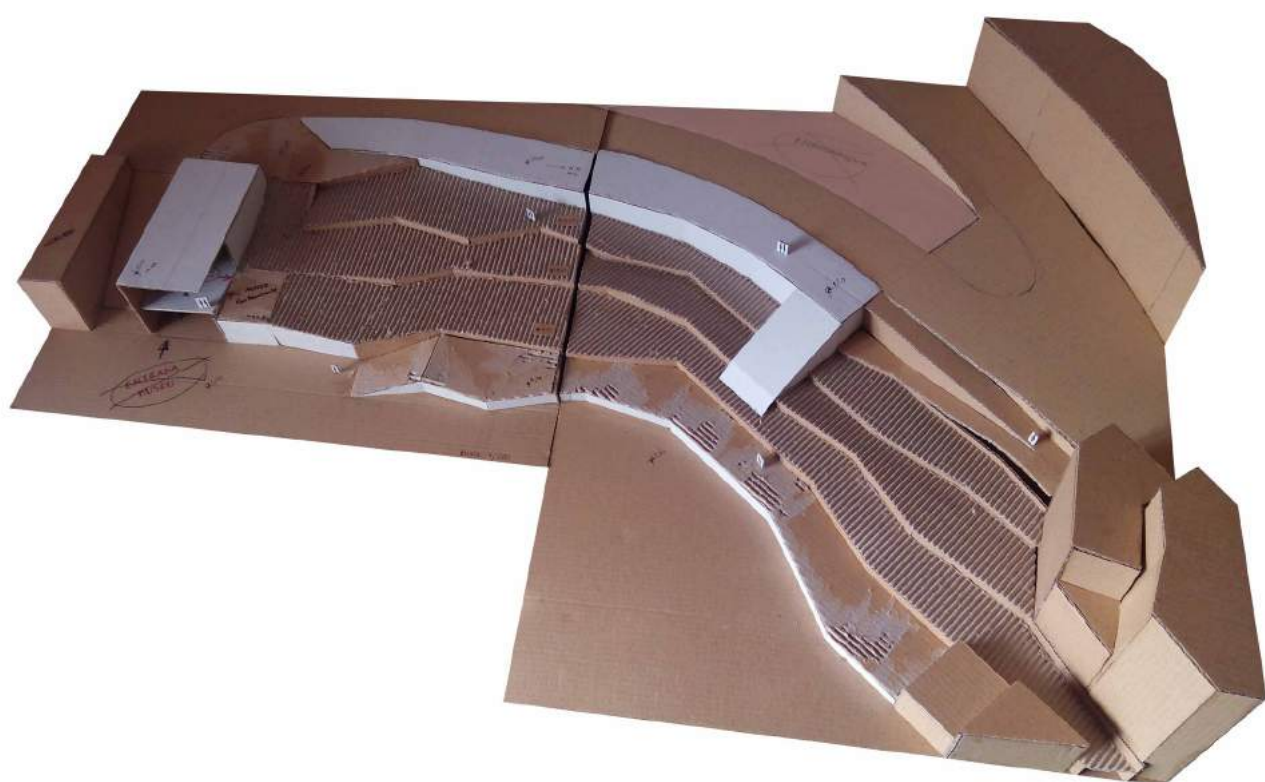
Tendo em conta o actual cenário da baía, adquiriu-se também como imperativo a reposição dos lugares de estacionamento retirados, aquando da criação da proposta do museu. Embora situado numa zona totalmente desadequada, o parque de estacionamento que actualmente ali funciona comporta uma utilidade prática, servindo diariamente inúmeras pessoas. Por este motivo, e devido à carência deste tipo de infra-estruturas nos arredores da área de intervenção, propôs-se a sua reconfiguração num novo projecto, agora subterrâneo na sua grande parte.

A proposta do parque de estacionamento, preenche a transição do programa museológico para uma zona de menor relevância, deixando livre de carros a cota em que actualmente se implanta, de enorme valor urbano e com um potencial paisagístico importante.

Este novo parque, de maior dimensão, deverá servir a população local, bem como os trabalhadores e visitantes do "Museu do Mar". Foram determinadas zonas de cargas e descargas, com ligação directa ao museu e ao restaurante, bem como os lugares reservados aos utentes de mobilidade reduzida. Deste programa, faz ainda parte uma zona de estacionamento de motociclos.



34. Esquismo (desactualizado) do esquema de ligação entre o parque de estacionamento e o núcleo museológico.



06.1. Proposta Arquitectónica

A arquitectura construída tem o seu lugar no mundo concreto. É ali que tem a sua presença. É ali que fala por si própria. Apresentações arquitectónicas, que têm como conteúdo o ainda não construído, são marcadas pelo esforço de transmitir algo que ainda não encontrou o seu lugar no mundo concreto, mas que para ele foi pensado. O desenho arquitectónico procura expor, com a maior precisão possível, a irradiação do objecto no seu lugar. (...) O que surge então é a consciência da insuficiência de qualquer representação, a curiosidade pela realidade nela prometida e, se calhar, quando essa promessa nos consegue tocar, também a saudade da sua presença.⁴⁴

44 ZUMTHOR, Peter (2009). Pensar a Arquitectura. (2ª Edição). Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p.12.

35. (Página oposta)
Processo de trabalho (desactualizado), esta maquete foi realizada para estudar a volumetria e os patamares alusivos aos socacos. Observe-se a zona assinalada, o parque de estacionamento proposto situa-se agora numa cota superior.

36 e 37. (Página oposta)
Esquissos (desactualizados) de cortes
do interior da nave central do museu.

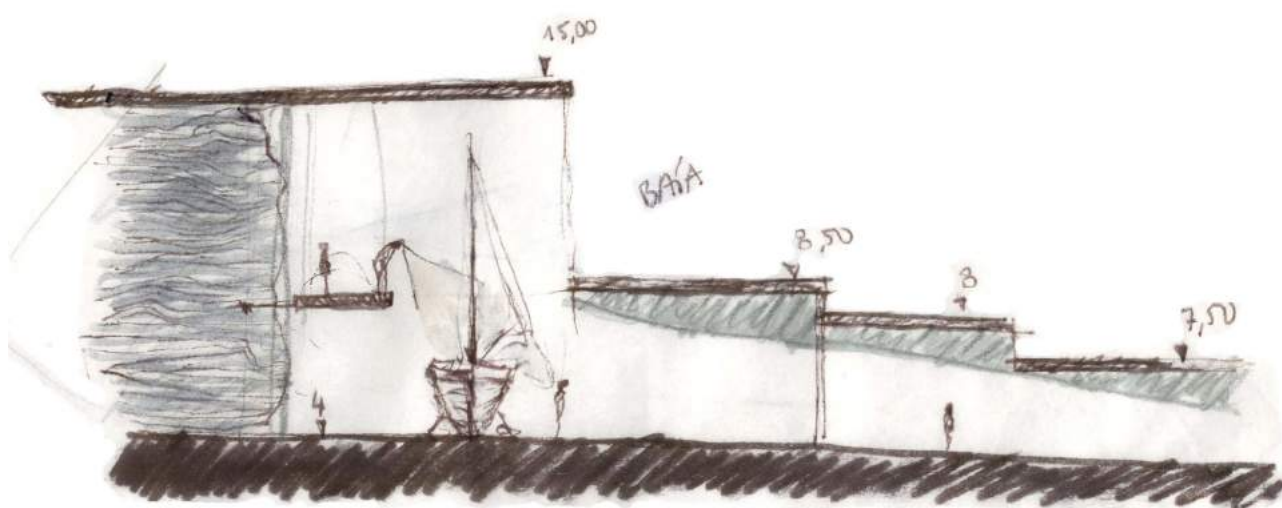
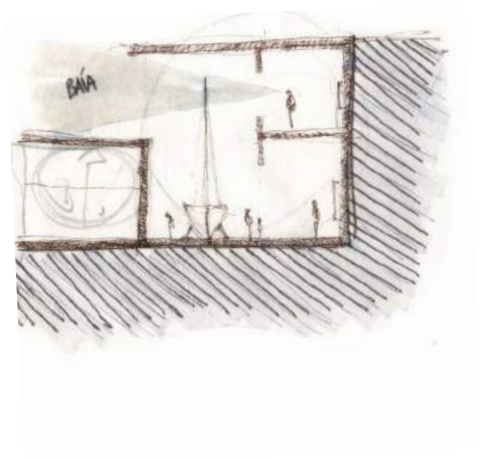
Descrevem-se as soluções projectuais adoptadas, na sequência e de acordo com a lógica definida para o percurso que relaciona a baixa-mar e a cota alta.

Junto ao plano de água encontram-se os equipamentos de apoio aos pescadores, compostos por um módulo de balneários femininos, masculinos e para pessoas de mobilidade condicionada. No lado oposto, existe ainda uma área polivalente de aproximadamente 250 m², destinada à reparação das redes de pesca e à manutenção dos barcos de pequeno porte. É de referir que, a vontade de criar um espaço destinado à população local, surgiu da constatação de que as tradições estão dependentes dos agentes sociais e, por sua vez, a cultura das cidades depende das tradições.

Prolongando-se em percurso rampeado a partir da cota baixa, faz-se o acesso ao museu, entre os equipamentos acima descritos. Separa-se o acesso directo ao armazém, facilitando os trabalhos de cargas e descargas, da entrada no museu, onde num primeiro momento, encontramos a bilheteira, a zona de arrumos e cacifos e ainda as instalações sanitárias.

Num segundo momento, descobrem-se sucessivamente as salas de exposições, sendo a de menor dimensão, destinada às exposições temporárias. Aqui podemos encontrar vestígios do imponente torreão, referente ao miradouro Winston Churchill, que se eleva sobre o edifício, "rangando" a sua cobertura. Esta zona conta ainda com uma ampla área, possivelmente ocupada por uma embarcação a expôr, de maior dimensão.

Do lado oposto, segue-se a zona de exposições permanentes, e sugere-se que o percurso seja iniciado através do patamar superior, onde é proporcionada uma vista privilegiada sobre a baía, ainda que contida entre os muros existentes no exterior. A intenção de recorrer a um plano elevado sobre a sala de exposições, deve-se à compreensão da sua imprescindibilidade nos casos de estudo pois, através desse plano, proporcionam-se perspectivas e olhares diferenciados sobre as obras expostas.

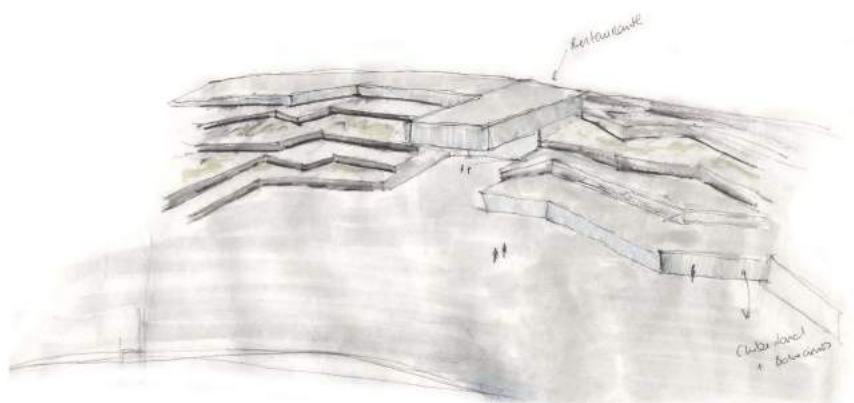


O percurso do mezanino esgota-se, eventualmente, num patamar intermédio, onde deixamos de ter contacto visual com o exterior, fase em que se prespectiva a recriação da atmosfera do “abrigo”.

Articulado com este patamar médio, abre-se possibilidade de acesso a um pequeno auditório (destinado a video-documentários), tal como o acesso à grande nave central, destinada às exposições permanentes. Esta nave configura-se através de uma estrutura porticada alusiva às estruturas das embarcações e aos antigos estaleiros navais.

A visita do museu é elíptica e termina à cota da bilheteira, no mesmo ponto onde se iniciou o percurso. A passagem pela loja media o acesso possível aos elevadores e escadas que conduzem às cotas superiores, onde se localizam o parque de estacionamento e o restaurante.

Quanto ao restaurante, de dois pisos - o primeiro piso destina-se a servir refeições e o segundo funciona como bar - foi projectado volumetricamente de modo a emoldurar a vista sobre o plano de água. O acesso ao restaurante poderá ainda ser realizado através da cota da estrada, podendo funcionar de forma autónoma. No exterior há ainda acesso a uma esplanada e, do lado oposto, podemos encontrar o Miradouro Winston Churchill.



38. Perspectiva (desactualizada) do aspecto geral exterior, do projecto do Museu do Mar.

Importa referir que, tendo em conta o actual estado deste do miradouro, faz parte do projecto a sua requalificação. Para tal, é criado um segundo plano a um nível inferior, que se estende uns metros na direcção da baía. Através destas novas áreas será possível devolver o uso como plataforma panorâmica ao miradouro, essa que foi parcialmente sucumbida aquando da construção dos edificandos envolventes. O aspecto robusto e imponente do actual miradouro permanecerá intacto, dado que a nova proposta pretende abraçar este pequeno torreão, e desse modo, dar relativo destaque ao episódio passado, permitindo que a sua memória perdure no tempo.

Este projecto infraestruturou também a área de intervenção com novos passeios pedonais, ficando esta zona a beneficiar de melhor circulação. *Embora o padrão de uso tenha variado ao longo da História, apesar das diferenças, subtis ou não, o espaço público sempre funcionou como lugar de encontro, (...) e espaço de circulação*⁴⁵.

⁴⁵ HERTZBERGER, Herman (2006). Lições de Arquitectura. São Paulo: Martins Fontes, p. 102.



39. Fotografia do torreão referente ao miradouro Winston Churchill, 2016.



40. Vista actual do miradouro Winston Churchill, 2016.

Uma nota adicional sobre o módulo dos auditórios; poderá funcionar de forma independente do museu, devido ao acesso autónomo através da cota da estrada.

Assim se explica, à entrada do grande auditório, a redundância de uma segunda bilheteira eventual, tal como zona de arrumos e cacifos. A ampla sala tem capacidade para 170 pessoas sentadas e tem ainda reservadas duas zonas destinadas aos utentes de mobilidade reduzida.

O auditório tem a particularidade de se abrir sobre a baía, proporcionando um cenário único, onde é evidenciada a forte relação com o plano de água. Esta opção cénica procura reconstruir, com cenografia alternativa, aquilo que acontece no grande auditório da Fundação Calouste Gulbenkian.



No piso inferior situam-se ainda as instalações sanitárias e, novamente, com acesso ao pequeno auditório. Do palco, os artistas têm acesso aos camarins também localizados no piso inferior, onde há um acesso directo para a zona administrativa de todo o equipamento projectado. Esta zona, composta por diversas salas de usos distintos, é iluminada através de uma pátio que, simultaneamente, se abre como cenário para o pequeno auditório.



41. (Página oposta)
Interior do grande auditório da Gulbenkian e a relação existente com o plano de água.

42. Jardins da Fundação Calouste Gulbenkian e a relação exterior do grande auditório com o plano de água.

06.2. Para além da Forma

Através das escolhas materiais e correspondentes texturas aplicadas, será possível aproximar e figurar as ambiências e alusões propostas.

Como foi referido, o projecto divide-se em três equipamentos com programas distintos: as infra-estruturas de apoio aos pescadores; o núcleo museológico; e por fim o módulo dos auditórios e o restaurante panorâmico⁴⁶.

O equipamento de apoio aos pescadores funciona como a fachada principal do projecto, pois é primeira *layer* dos patamares que é visível aos visitantes que chegam à baía através da "promenade". Tendo em conta o uso a que se destina e a sua proximidade com o mar, é conveniente utilizar materiais com maior resistência e, simultaneamente, perspectivar o seu aspecto a longo prazo. Como resolução para esta problemática, a opção tomada incide sobre a aplicação de portas de correr em aço corten perfurado, vencendo a totalidade do vão.

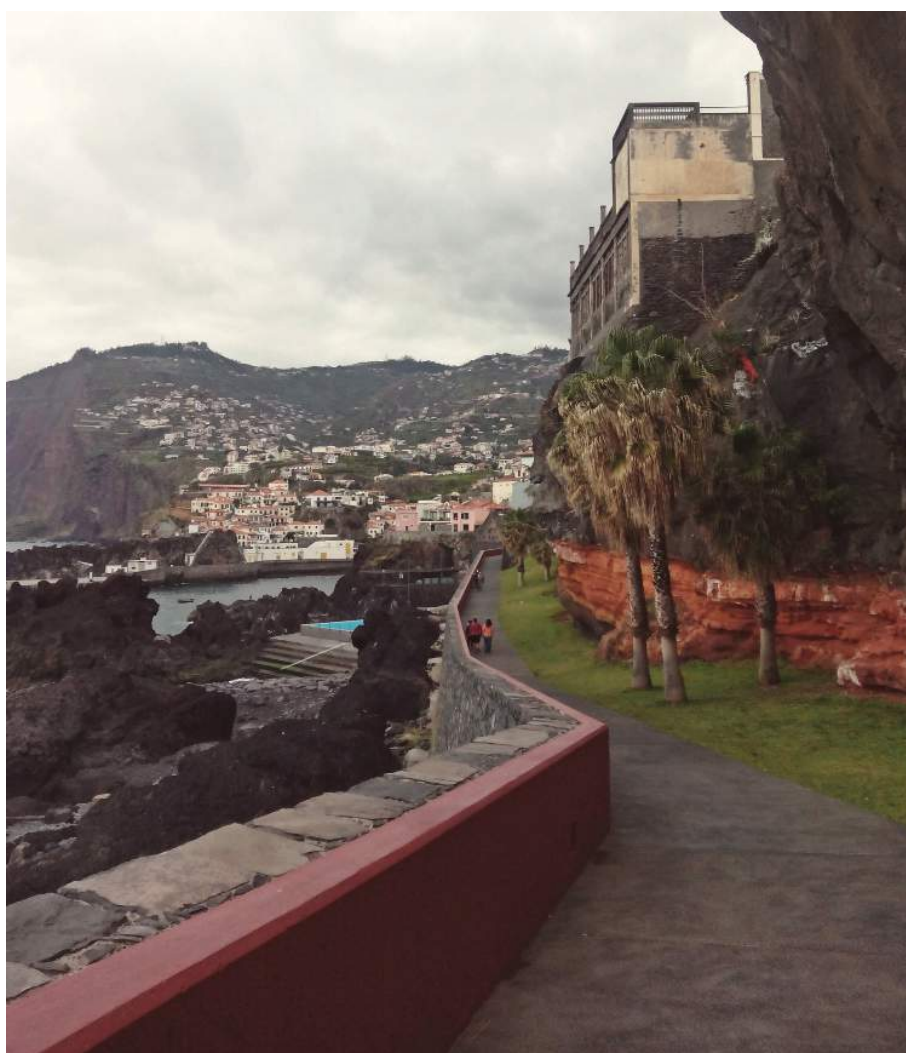
Este material, para além de ter sido utilizado na obra do Complexo Balnear das Salinas, situado a poucos metros do projecto proposto, tem ainda como referência cromática o muro de contenção que acompanha todo o passadiço pedonal e a rocha de basalto oxidado, que é visível durante o seu percurso.

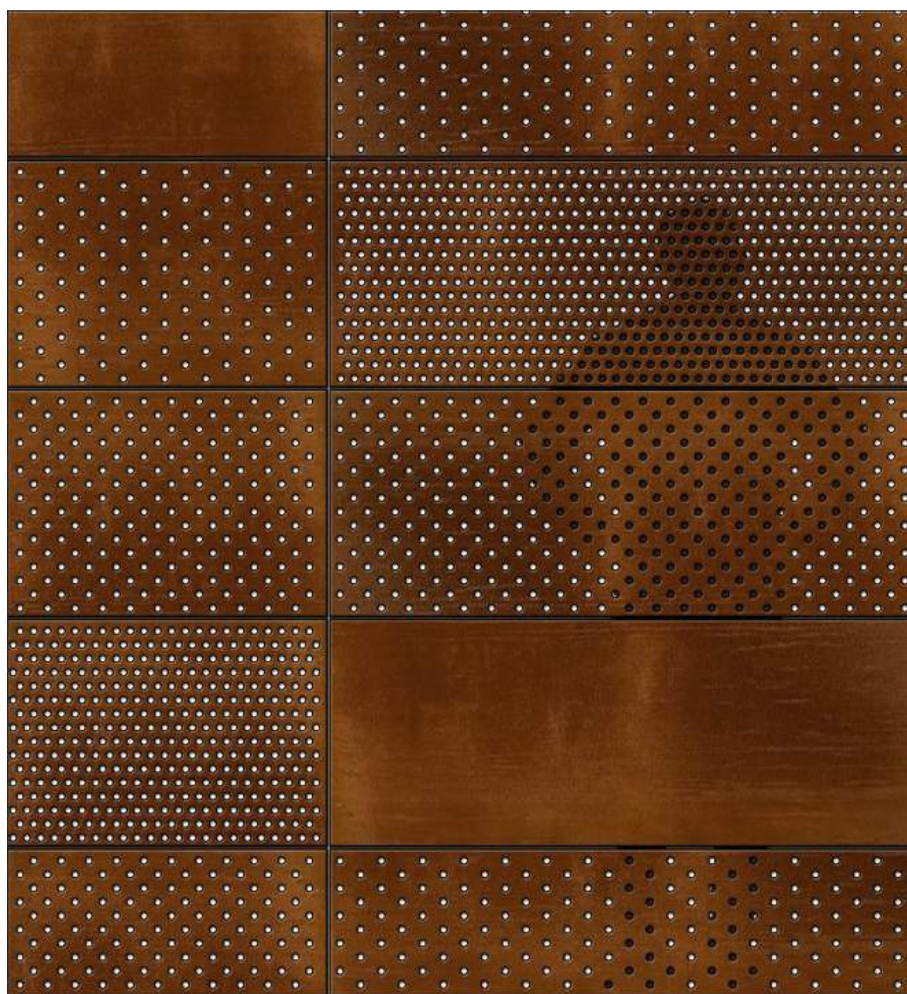
Além do mais, recolhe na possibilidade evocativa do envelhecimento da maquinaria naval, sejam embarcações antigas ou equipamento portuário, a oxidação dos materiais por via da atmosfera salina da orla costeira.

43. Chegada à baía de Câmara de Lobos pelo percurso pedonal, 2015. *A beleza dos sítios tem justificado o próprio ordenamento do território para a defesa e preservação do ambiente e a sua fruição: miradouros, vias panorâmicas*¹.

¹ LAMAS, José M. Ressano Garcia (2000). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. (2ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, p. 68.

⁴⁶ Sobre este tema, ler a página 64 do capítulo 06. O MUSEU DO MAR.







44. (Página oposta)

Fotomontagem de um projecto para um concurso: Museu do Meio Ambiente. Esta imagem é uma referência ao nível da materialidade pois, no presente projecto propõe-se a aplicação de aço corten perfurado em toda a fachada das infra-estruturas de apoio aos pescadores.

45. Fotografia da renovação do antigo sítio na cidade de Pécs, na Hungria. Os arquitectos substituem as antigas paredes em ruínas, de um palácio renascentista, por estruturas de aço corten.

O projecto do núcleo museológico, foi desenvolvido de forma a que pareça estar embutido nos socacos, mas é através da sua materialidade, que se potencia a possibilidade de recriar a ambiência do abrigo⁴⁷. Este projecto visa estabelecer a relação entre a arquitectura "escavada" e a ideia de refúgio, fortemente reconhecida pelas gentes ligadas ao mar.

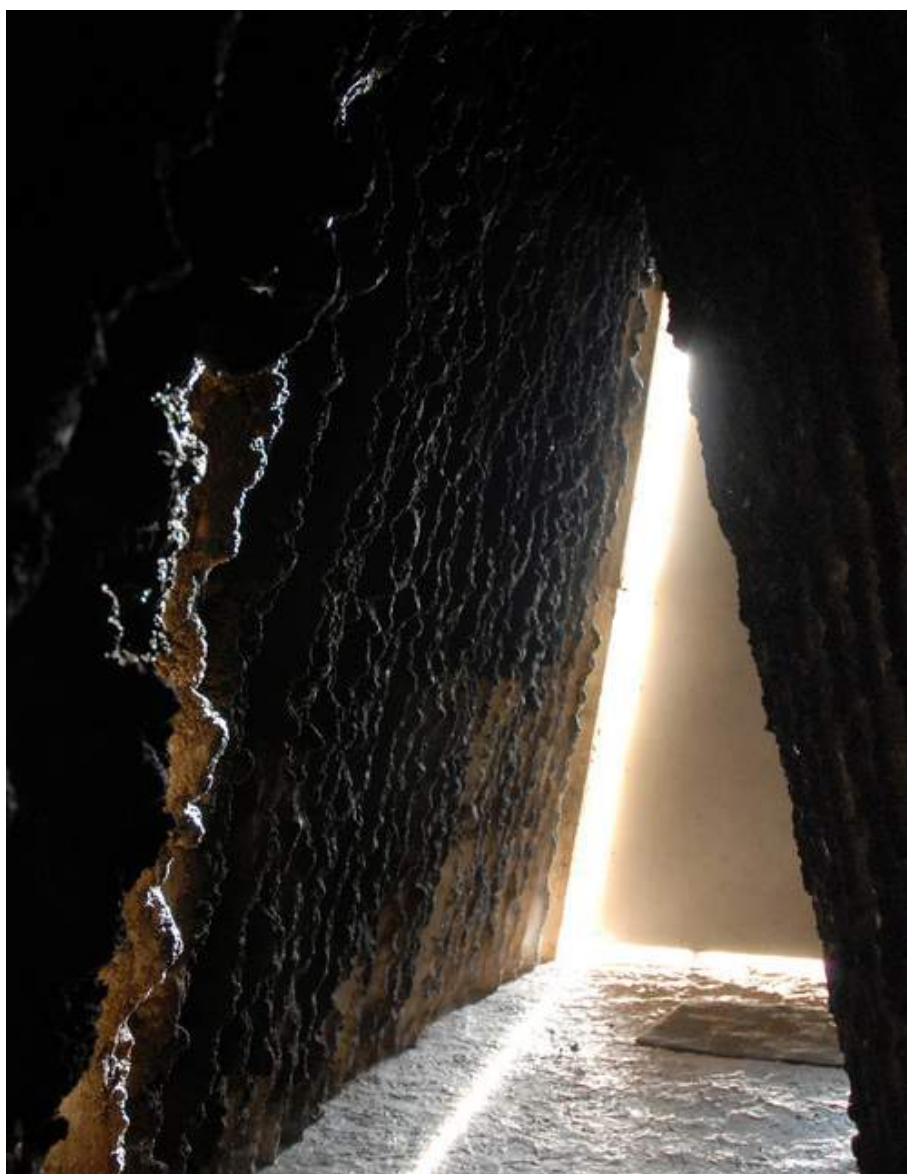
A ambiência pretendida será evidenciada através da escassa iluminação natural, que irá penetrar de forma estratégica no edifício. Com o intuito de recriar a atmosfera mística inerente ao conceito de abrigo, pretende-se aplicar, no interior da grande sala de exposições, betão pigmentado - numa tonalidade escurecida - alusivo à pedra basáltica. O betão que reveste o actual muro de contenção de terras, será cofrado de forma irregular, remetendo à ideia de gruta.

46. (Página oposta)

Bruder Klaus Kapelle, Mechernich, Alemanha. Projecto do arquitecto suíço Peter Zumthor, 2007.

Esta obra é uma referência em relação à ambiência pretendida para o interior do Museu do Mar, bem como nas tonalidades e tipo de cofragem do betão.

47 A ideia de "abrigo" surge como analogia à ilha da Madeira, por esta ter assumido o papel de porto de abrigo das rotas marítimas. Sobre este tema, ler as páginas 7 e 8 do capítulo 02. A CONQUISTA DA TERRA E DA ÁGUA.

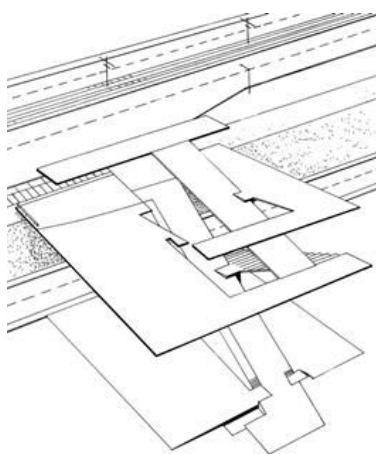


A ideia base na criação do módulo dos auditórios, bem como do restaurante, assentou na vontade de criar dois volumes que se destacassem do restante equipamento (museu). Estes equipamentos, fortemente relacionados com as práticas do homem contemporâneo, estão volumetrica e cromaticamente relacionados com a envolvente, respeitando e preservando a actual harmonia da cidade.

O material eleito para este efeito é o betão armado que se caracteriza pelas suas componentes acústicas, deste modo será aplicado tanto no interior, como no exterior de ambos os equipamentos. Os edifícios com betão à vista tendem ao longo dos anos a adquirir tonalidades muito próprias, esta característica peculiar é relevante para o presente projecto pois, intencionalmente os edifícios vão perdendo a "artificialidade" que esta materialidade lhes confere, dissimulando-se cada vez mais na paisagem.

47. (Página oposta)
Referência fotográfica relativa às tonalidades do betão, pretendidas para o exterior da proposta arquitectónica.





48. Diagrama alusivo ao sistema de rampas do museu *Kunsthall*, do arquitecto Rem Koolhaas.

49 e 50. (Página oposta)

Fotografias da obra *Igualada Cemetery*, dos arquitectos Enric Miralles e de Carme Pinós.

Embora os equipamentos referidos possuam programas, ambiências e materialidades distintas, as suas formas e volumetrias trabalham em unísono. Situado numa zona de enorme valor cultural e urbano, este projecto depara-se com um terreno de enorme potencial arquitectónico.

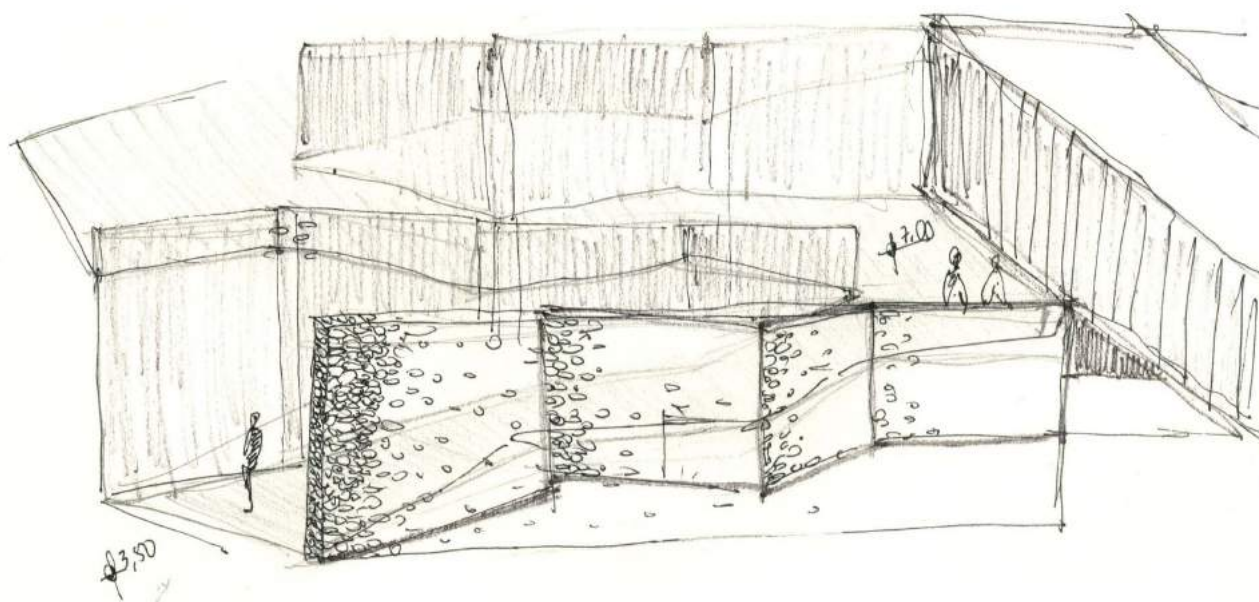
A área de implantação conta com uma diferença de alturas máxima, de aproximadamente 13 metros, em relação à cota da estrada. Como já foi referido anteriormente, um dos grandes desafios do presente trabalho assenta na resolução material desta problemática. Este objectivo foi alcançado através do desenho de patamares rampeados que unem as duas cotas através de um percurso contínuo e acessível a todo o público. O sistema de rampas, inspirado no museu *Kunsthall*⁴⁸ - obra do arquitecto Rem Koolhaas -, permite que as pessoas deambulem livremente entre os diversos patamares criados.

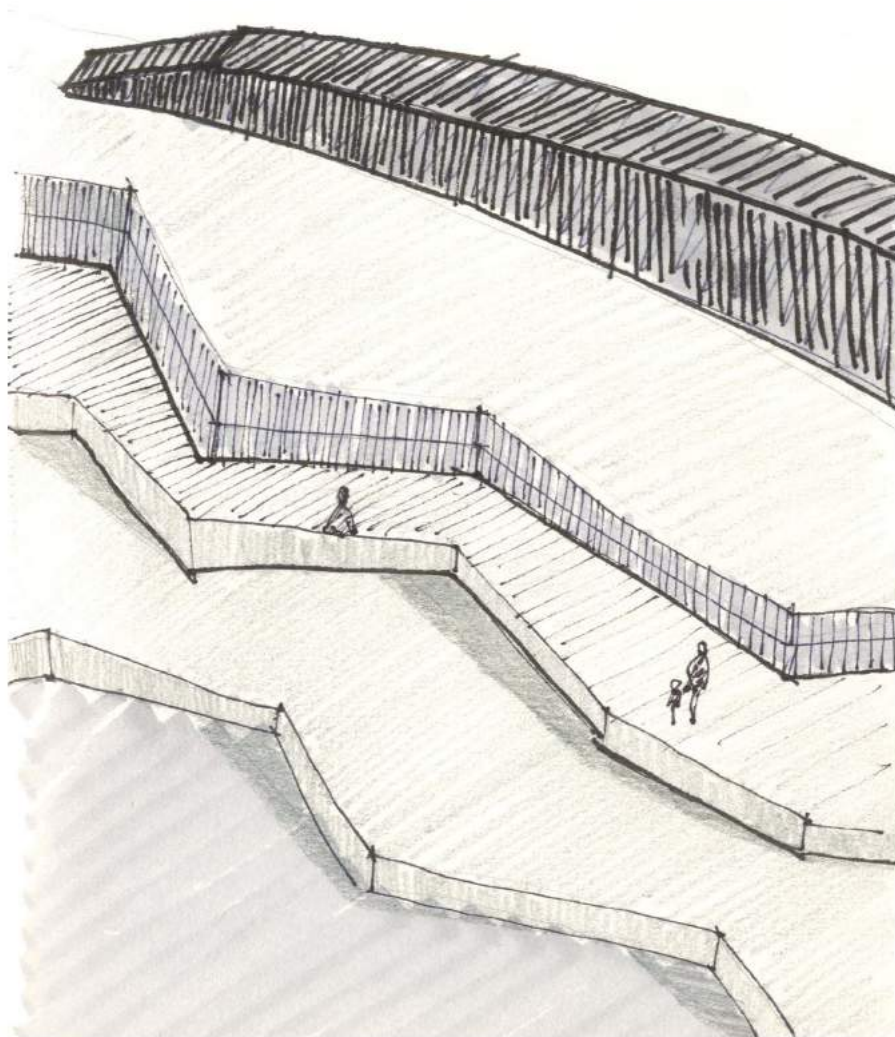
No entanto, a vontade de potenciar a ilusão de que os patamares são planos, quando observados da baía, fez com que se projectasse muros entre eles. Estes muros, não acompanham as descidas das rampas, à semelhança do que acontece nos "socalcos agrícolas" e, por este motivo, tornam o percurso numa experiência única onde a vista para a baía é sucessivamente interrompida pelos limites físicos impostos pelos muros. É de referir que, muitas foram as referências arquitectónicas utilizadas aquando do processo de criação da forma, dá-se no entanto, especial destaque à obra o *Igualada Cemetery*⁴⁹ de Enric Miralles e de Carme Pinós, que se traduziu numa influência muito significativa, na fase da criação do desenho dos muros.

⁴⁸ O museu *Kunsthall* foi inaugurado em 1992 e situa-se em Roterdão, Holanda.

⁴⁹ A obra do cemitério de Igualada, situa-se em Barcelona, Espanha, tendo sido inaugurada em 1994.







51. (Página oposta)
Esquisso (desatualizado) do estudo das materialidades e esterotomias dos muros.
52. Esquisso (desatualizado) dos percursos criados através dos patamares rampeados.

A presença de certas obras provoca em mim algo misterioso. Parecem simplesmente estar lá. Uma pessoa não lhes dá nenhuma atenção especial. E, no entanto, é quase impossível imaginar o lugar onde estão sem elas. Estas obras parecem estar firmemente ancoradas aos chão. Funcionam como parte integrante do seu espaço envolvente (...). Cada nova obra intervém numa certa situação histórica. Para a qualidade desta intervenção é crucial que se consiga equipar o novo com características que entrem numa relação de tensão significativa com o existente⁵⁰.

50 ZUMTHOR, Peter (2009). Pensar a Arquitectura. (2ª Edição). Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p.16.



07. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos centros urbanos, o acentuado zoneamento funcional, social e étnico gera fenómenos de fragmentação e descaracterização acelerada dos núcleos históricos, e a degradação do tecido construído, *com efeitos multiplicadores na degradação da qualidade de vida, no aumento da delinquência e no crescimento dos surtos de desertificação, insegurança e degenerescência económica*.⁵¹ Por este motivo, torna-se urgente o retorno à reflexão sobre a cidade consolidada.

Partiu desta preocupação a vontade de regenerar e revitalizar a área envolvente da baía de Câmara de Lobos, onde a criação de espaços públicos e sociais tenta responder primeiramente às necessidades da população local.

Compreende-se - através das leituras efectuadas ao longo dos últimos meses - que o impacto da criação de um museu, assume outra relevância se alargar o seu propósito para além das suas funções básicas. É essencial que um equipamento destinado a

⁵¹ ALBUQUERQUE, Miguel (2000). Madeira – Recursos para um novo ciclo de desenvolvimento. Revista Cidades – Sociedade e Território, nº 32. A Cidade. Personalidade e Memória. Funchal, p. 53.

⁵³. (Página oposta)
Rocha basáltica que acompanha toda a orla marítima da ilha da Madeira, 2016.

salvaguardar, preservar e divulgar a cultura de uma determinada região, seja capaz de o fazer, respeitando a identidade que lhe é inerente. A escolha das formas, volumes e materialidades deverá ser fruto de uma reflexão sustentada; ao tirar partido das características singulares do lugar, torna-se possível criar projectos que tenham em consideração a imagem da cidade.

Por fim, e retomando à génese deste trabalho, cabe às futuras gerações de arquitectos intervir na cidade contemporânea através da materialização de novas propostas que, simultaneamente, respeitem as suas memórias.

Este documento é composto por 11.056 palavras no corpo de texto.

08. FONTES E BIBLIOGRAFIA

Referências Bibliográficas

-ALBUQUERQUE, Miguel (2000). *Madeira – Recursos para um novo ciclo de desenvolvimento*. Revista Cidades – Sociedade e Território, nº 32. A Cidade. Personalidade e Memória. Funchal.

-BALULA, Luís (2007). *Dialéticas Espaciais na Cidade Contemporânea e o poder integrador do desenho*. Revista Cidades – Comunidades e Territórios, nº 15, pp. 55-62.

-CÉSAR, César Figueira (1985). *Ilha da Madeira – Paraíso Terrestre*. Funchal: Editorial Eco do Funchal.

-Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos da Madeira (1944-1969). *O Aproveitamento da Água na Ilha da Madeira*. Funchal: Editorial Electrónica EDEL. LDA.

-FREITAS, Manuel Pedro (1998). *Caminhos e lugares do Concelho de Câmara de Lobos: Miradouro de Winston Churchill*. Funchal: Jornal da Madeira.

-FRUTUOSO, Gaspar (1979). *Livro Segundo das Saudades da Terra*, Ponta Delgada.

-GEHL, Jan (2006). *La humanización del espacio urbano*. Barcelona:

Editorial Reverté.

- Governo Regional da Região Autónoma da Madeira (2011). *Programa de Governo da Região Autónoma da Madeira 2011 - 2015*. Funchal.

- GUIMARÃES, Carlos (2004). *Arquitectura e Museus em Portugal – Entre Reinterpretação e Obra Nova*. Porto: Edições FAUP.

- HERTZBERGER, Herman (2006). *Lições de Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes.

- LAMAS, José M. Ressano Garcia (2000). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. (2ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

- LEITE, Pedro Pereira (2000). *Madeira – Recursos para um novo ciclo de desenvolvimento*. Revista Cidades – Sociedade e Território, nº 32. Turismo e Cultura. Rotas no Atlântico.

- MONTEIRO, J. Gonçalves; BARREIRA, Maria da Encarnação (1991). *MADEIRA: Paisagem e Memória ao Sabor do Mar*. Barcelos: Companhia Editora do Minho, S. A.

- OLEIRO, Manuel Bairrão (2004). *Museus, Prefácio in Arquitectura Ibérica*, n.º 4: Lisboa: Caleidoscópio.

- PERALTA, Elsa (2008). *A Memória do Mar*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

- ZEVI, Bruno (2009). *Saber Ver a Arquitetura*. (6ª Edição). São Paulo: Martins Fontes.

-ZUMTHOR, Peter (2009). *Pensar a Arquitectura*. (2ª Edição). Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Bibliografia

-ALVES, Ângela Maria de Freitas; FERNANDES, Abel Soares; FERNANDES, Julieta Maria R. do Vale; RODRIGUES, Irene (1983). *Quinta das Cruzes “Museus”: O Papel Educativo do Museu*. Funchal: Direcção Regional dos Assuntos Culturais – Centro de Apoio às Ciências Históricas.

-CÂMARA MUNICIPAL CÂMARA DE LOBOS (2005). *Relatório do Plano Director Municipal de Câmara de Lobos*. Câmara de Lobos.

-CARITA, Rui (1982). *Paulo Dias de Almeida e a Descrição da Ilha da Madeira*. Funchal: DRAC Id., Câmara de Lobos, Visita Guiada n.º 4.

-CASTELLS, M. (2003). *The new historical relationship between space and society in CUTHBERT, A. (ed.) Designing Cities: Critical Readings in Urban Design*. Oxford: Blackwell.

-CULLEN, Gordon (2013). *Paisagem Urbana*. (1ª Edição). Lisboa: Edições 70. Lda.

-DAVID, Paulo (2006). *Centro de Artes – Casa das Mudanças*. (1ª Edição). Lisboa: Editora Livros de Imagem.

- FERREIRA, V. Matias; CASTRO, Alexandra; SEIXAS, João; SILVA, Isabel Pato e; LOPES, Elisabete (2002). *Morfologias Urbanas e Espaços Públicos na Metrópole de Lisboa, Uma Aproximação Instrumental e Metodológica no Quadro de uma Investigação*. Revista Cidades – Comunidades e Territórios, nº 5, pp. 81-97.
- FREITAS, Jordão de (1911). *Quando foi Descoberta a Madeira? Breve Resenha Histórica*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva.
- LYNCH, Kevin (2014). *A Imagem da Cidade*. (1ª Edição). Lisboa: Edições 70. Lda.
- MAGALHÃES, Manuela Raposo (2001). *A Arquitectura Paisagista*. (1ª Edição). Lisboa: Editorial Estampa.
- MATOS, Madalena Cunha (2000). *Turismo e Território: Notas sobre uma relação*, in Jornal de Arquitectos, nº197, Lisboa.
- MATOS, Rui Campos (2013). *As Origens do Turismo na Madeira – Quintas e Hotéis do Acervo da Photographia Museu - «Vicentes»*. Funchal: Delegação Regional da Madeira da Ordem dos Economistas & DRAC (Madeira), Photographia Museu - «Vicentes».
- MOURA, Dulce; GUERRA, Isabel; SEIXAS, João; FREITAS, Maria João (2006). *A Revitalização Urbana, Contributos para a Definição de um Conceito Operativo*. Revista Cidades – Comunidades e Territórios, nº 12/13.

-PORTELA, César (2003). *César Portela Arquitecto*. Madrid: fundación Marco.

-RAMOS, Carlos Borges; LEMOS, Carlos M.; CALVET, Nuno (2000). *Ilha da Madeira - Do Mar para o Céu*. Lisboa: MARIS.

-ROSSI, Aldo (2001). *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Edições Cosmos.

-SILVA, Padre Fernando Augusto da; MENESES, Carlos Azevedo de (1984). *Elucidário Madeirense*. Funchal: Secretaria Regional de Turismo e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais. Edição de 1946.

-VALÉRIO, Nuno (2006). *Quanto vale o mar na economia portuguesa?*. Lisboa: Gabinete de História Económica e Social.

Documentos electrónicos

-DUARTE, Alice (2013). *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST* - vol. 6 no 1 – 2013.

Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/248/239>

-GOMES, Arlindo Pires (2010). *Viva Câmara de Lobos. Câmara de Lobos: O Liberal*.

Disponível em: [file:///C:/Users/Ines%20Viegas/Downloads/Viva03%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Ines%20Viegas/Downloads/Viva03%20(1).pdf)

-MORIGI, Valdir Jose; ROCHA, Carla Pires Vieira da; SEMENSATTO, Simone (2012). *Memória, representações sociais e Cultura Imaterial*.

Disponível em: http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero14-2012/artigos/waldir_pt.pdf

-NEVES, José Soares; SANTOS, Jorge Alves dos; NUNES, Joana Saldanha (2008). *Os museus em Portugal: políticas públicas e dinâmicas do sector em Portugal nos anos mais recentes*.

Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/768.pdf>

-PÉREZ, Xerardo Pereiro (2009). *Turismo Cultural: Uma visão antropológica*. Tenerife: Asociación Canaria de Antropología.

Disponível em: <https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/4613/1/livro%20tc%20xerardo.pdf>

-RODRIGUES, Donizete. *Património cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica*. Lisboa.

Disponível em: <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-rodrigues-donizete-patrimonio-cultural-memoria-social-identidade-uma%20abordagem-antropologica.pdf>

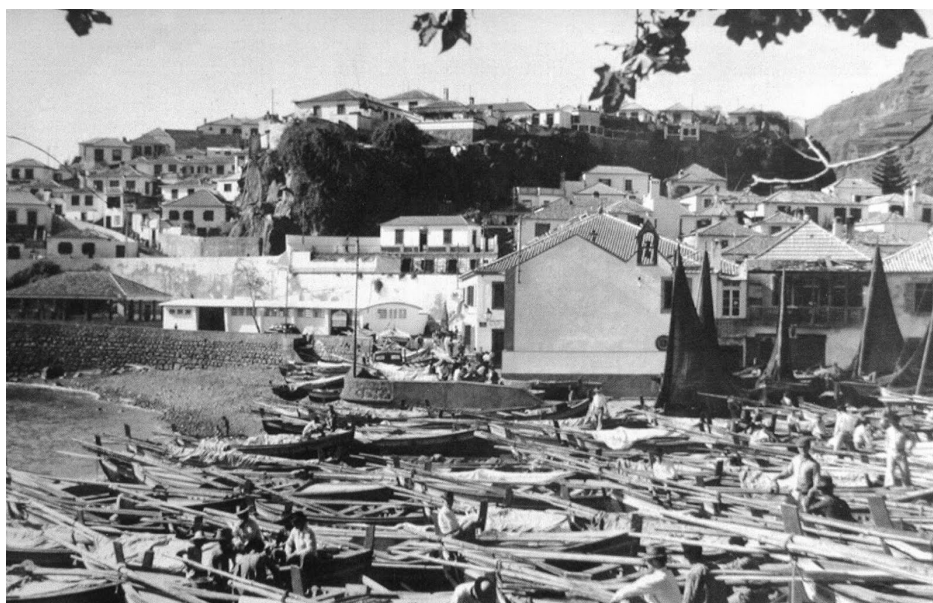
-VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes (2006). *Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do centro de memória da UNICAMP*.

Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/revista/vonsimson.pdf>

10. ANEXOS

ANEXO I	Complementos ao Trabalho Teórico	105
ANEXO II	Arquivo de Referências	115
ANEXO III	Processo de Trabalho - Gráfico	123
ANEXO IV	Processo de Trabalho - Maquetes	131
ANEXO V	Peças Finais - Maquetes	139
ANEXO VI	Peças Finais Desenhadas	149

ANEXO I | Complementos ao Trabalho Teórico

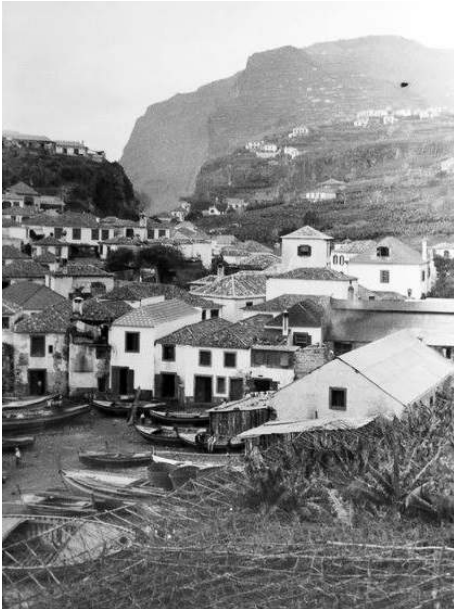


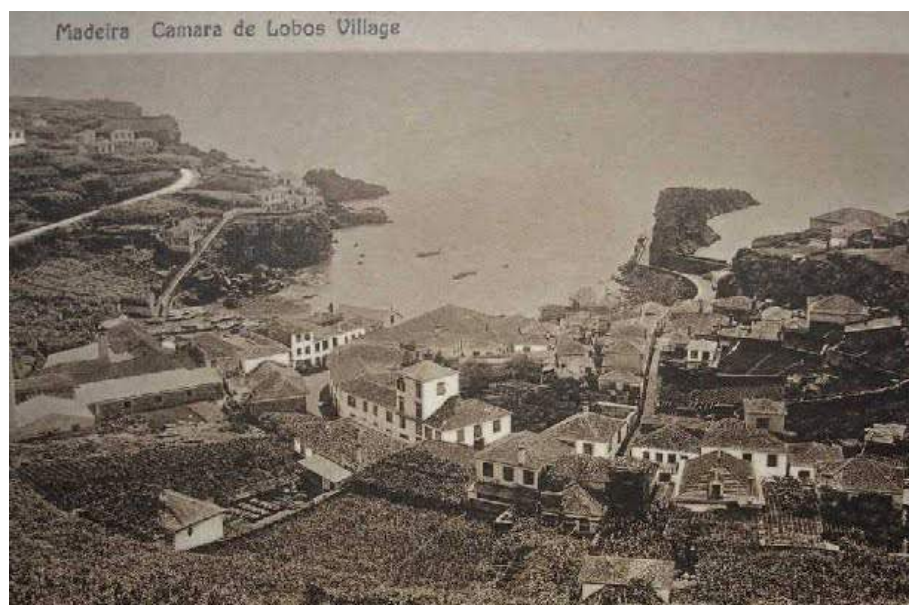
(De cima para baixo)

Baía de Câmara de Lobos, s/d, autor desconhecido; Zona das Salina, Câmara de Lobos, 1940, autor desconhecido.

(Página oposta, de cima para baixo e da esquerda para a direita)

Praia de Câmara de Lobos, 1966, autor desconhecido; Baía e Ilhéu de Câmara de Lobos, s/d, autor desconhecido; Vila de Câmara de Lobos, 1912, autor desconhecido; Pescadores com cestos de vime, s/d, autor desconhecido; Poios agrícolas em Câmara de Lobos, s/d, autor desconhecido.







(Página oposta, ambas as imagens)
Baía de Câmara de Lobos, s/d, autor desconhecido.

(De cima para baixo e da esquerda para a direita)
Barcos tradicionais na baía, s/d, autor desconhecido; Praia de Câmara de Lobos, s/d, autor desconhecido;
Pescadores a tecer as redes de pesca, s/d, autor desconhecido; Baía piscatória de Câmara de Lobos, s/d,
autor desconhecido; Secagem do peixe-gata, 1955, autor desconhecido; Barcos de pesca tradicionais, s/d,
autor desconhecido.





(Página oposta, ambas as imagens)
Praia do Lido, Funchal, s/d, autor desconhecido.

Venda de bordado madeira aos turistas, 1950, autor desconhecido.



Winston Churchill - chegada a Câmara de Lobos, 1950, autor desconhecido.

(Página oposta)

Notícia da passagem de Winston Churchill por chegada a Câmara de Lobos, 1998, autor desconhecido.

Caminhos e lugares do Concelho de Câmara de Lobos (31)

Miradouro de Winston Churchill

(2ª parte)

Ainda que muitas tenham sido as personalidades que, ao longo dos anos, visitaram Câmara de Lobos, é curioso verificar que nenhuma, como Winston Churchill, marcou de forma tão profunda esta localidade. Com efeito, o seu nome é o único que, não pertencendo ao lote dos santos religiosos ou daqueles que nasceram ou viveram em Câmara de Lobos, tem honras na toponímia local.

O seu nome está associado tanto ao miradouro do Espírito Santo e Calçada, construído em 1963 e situado à entrada de Câmara de Lobos, como a dois projectos, infelizmente sem continuidade, de natureza turística, protagonizados pelo restaurante Churchill's Place e pelo Churchill Village.

Pretendendo perpetuar a passagem de Winston Churchill, por Câmara de Lobos, na sessão camarária de 9 de Março de 1978, é lavrado em acta uma proposta formulada, numa das anteriores sessões, pelo Dr. António Vitorino de Castro Jorge e aprovada por unanimidade, no sentido de que fosse colocada uma estátua de Winston Churchill no miradouro sobranceiro à baía e, em cujas proximidades havia estado, em Janeiro de 1950, a pintar. Apesar de aprovação, a proposta do Dr. Castro Jorge, não seria concretizada nos moldes unanimemente aceites, mas sob a forma de um painel, numa iniciativa, não da Câmara Municipal, mas da Secretaria Regional do Turismo. Com efeito terá sido João Carlos Abreu, que terá tomado a iniciativa da homenagem, convidando o pintor Henrique Afonso Costa para a elaboração de um painel alusivo à passagem de Winston Churchill, por Câmara de Lobos.

Ainda que se desconheça a data exacta da sua colocação, informações verbais, apontam para que se tenha verificado entre 1979 e 1982.

Winston Churchill

Político, jornalista, diplomata e escritor, Winston Leonard Spencer Churchill nasceu em Blenheim, Inglaterra, a 30 de Novembro de 1874 e faleceu em

Londres, aos 90 anos de idade, no dia 24 de Janeiro de 1965.

Seu pai Lord Randolph Henry Spencer Churchill pertencia a uma família aristocrata inglesa, enquanto que sua mãe Jennie Churchill era de origem americana, filha de Leonard Jerome, um milionário americano que fizera fortuna em Wall Street.

Depois de uma primeira passagem pelo exército, onde assentou praça em 1895, foi, em 1900, eleito membro do parlamento inglês pelo Partido Conservador. Esta eleição está, de certo modo ligada à fama e glória alcançada um ano antes, em 1899, quando como enviado do jornal londrino *Morning Post*, para cobrir em termos jornalísticos, a guerra dos Bóeres, na África do Sul, depois de ser preso juntamente com soldados ingleses, havia conseguido fugir do cativeiro, acto que lhe granjeou grande admiração em Inglaterra. Em Maio de 1904 reconhecendo que as suas convicções estavam mais ligadas à filosofia do Partido Liberal, adere a este partido e quando, em 1905, o governo do Partido Conservador caiu, Churchill é nomeado subsecretário de Estado para as Colónias no governo Liberal, cargo que ocupou até 1908, altura em que é nomeado Ministro do Comércio. Em 1911 é nomeado primeiro Lord do Almirantado, introdu-



O Painel alusivo à presença de Churchill

zindo na Marinha importantes reformas, mas de cujo cargo se demite em 1915, em consequência de um erro de estratégia militar que, em plena I Grande Guerra, viria a custar a vida a milhares de marinheiros ingleses. Churchill voltaria, então ao exército, partindo para França, com a patente de

tenente-coronel, sem que no entanto fosse bem aceite pelas chefias militares ou lhe tivessem sido dados cargos de chefia. Em Maio de 1916, numa altura em que os ânimos já haviam arrefecido, decide voltar a Londres e ocupa o seu lugar na Câmara dos Comuns. Em 1917, volta às lides



Winston Churchill

governamentais, como ministro das Munições, em 1919, ocupa o cargo de ministro da Guerra e da Aviação; em 1921 é nomeado Ministro das Colónias e em 1922 cai juntamente com o Partido Liberal, no poder.

Em 1924 volta ao Parlamento, desta vez pelo Partido Conservador, sendo posteriormente convidado para Ministro das Finanças, cargo onde se manteve até 1931, altura em que se demite por desacordo com o seu Primeiro Ministro, sobre a aceitação do princípio da independência da Índia.

O regresso à política

Até 1939 mantém-se afastado dos lugares de proa da política, para se dedicar à pintura e à escrita, actividade esta que alcançou grande prestígio, tornando-se mesmo, um dos mais bem pagos escritores do mundo. Por outro lado, apesar de não se encontrar na política activa não deixou de publicar alguns artigos e de fazer palestras sobre assuntos da actualidade.

Interessado pela história e pelos caminhos de cada nação, apercebe-se, muito antes do que a maioria dos seus compatriotas, dos perigos que pairavam sobre a Europa, a partir do momento em que Hitler subira ao poder. A 3 de Novembro de 1939 a Inglaterra declara guerra à Alemanha e, por esta altura Churchill regressa às lides governamentais como Primeiro Lord do Almirantado. A 10 de Maio de 1940 é nomeado primeiro-ministro, tendo sido um dos principais estrategos e obreiros da derrota alemã na II Guerra Mundial.

No dizer de alguns especialistas, apesar de uma vida cheia de intervenções políticas, foi no decurso da II Guerra Mundial, que o projectou a Primeiro Ministro (acumulando com a pasta da Defesa), onde se revelou um político de enorme força interior, de inabalável determinação e de inextinguível optimismo. Em Junho de 1945, o Par-

tido Conservador perde as eleições e Churchill cai, comentando, magoado, que *após ter mantido o poder durante cinco anos e três meses de guerra mundial e quando já todos os nossos inimigos se tinham rendido incondicionalmente ou estavam em vias de fazê-lo, fui sumariamente exonerado pelo eleitorado britânico de qualquer responsabilidade na condução futura de seus assuntos.*

Em Outubro de 1951, Churchill já com 77 anos leva de novo o Partido Conservador ao poder, assumindo o cargo de primeiro-ministro e nele se mantém até Abril de 1955, altura em que pede a demissão.

A 24 de Abril de 1953 é-lhe conferida pela Rainha Elizabeth II a Ordem da Jarreteira e em Outubro do mesmo ano, é-lhe atribuído o Prémio Nobel da Literatura. ■

Manuel Pedro Freitas

www.goncalves.com/TheHistory/Churchill/027/

Bibliografia:

O Jornal, Funchal, 9 de Setembro de 1990.

CAUSTO, Luis. *Churchill morreu faz hoje 28 anos*. Diário de Notícias, 24 de Janeiro de 1985.

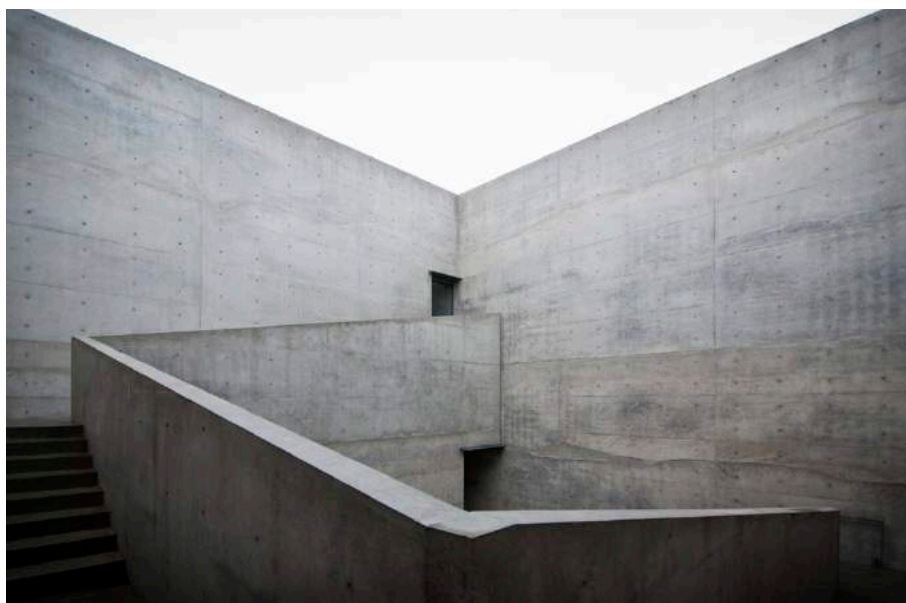
RODGERS, Judith. *Os Grandes Líderes - Churchill*. Nova Cultural, São Paulo, Brasil, 1987.

Winston Churchill. 1000 Figuras do Século XX, edição comemorativa do nº1000 do Expresso, 28 de Dezembro de 1991.

SAÍNZ-TRUEBA, José; VERISSIMO, Nelson. *Esculturas da Região Autónoma da Madeira - Inventário*. RAM, SRTC e DRAC, Funchal, 1996.

Henrique Afonso Costa, autor do painel alusivo a Winston Churchill, era natural de Cascais, onde nasceu a 18 de Setembro de 1912. Era filho de Raúl Afonso Costa e de Margarida Amora Matias. Fixou residência na Madeira, como pintor de publicidade, mas onde para além da publicidade se dedicou ao restauro e a trabalhos diversos de pintura, nomeadamente sacra, havendo obras suas em algumas igrejas da região como São Martinho, Canhas, São Jorge, Gualta, Calheta, Seixal, etc.

ANEXO II | Arquivo de Referências





(Página oposta, ambas as imagens)
Punta della Dogana Museum, Tadao Ando
- Veneza, Itália, s/d, autor desconhecido.

Centro de alto rendimento de Remo do
Pocinho, Álvaro Fernandes - Foz Côa,
Portugal, s/d, autor desconhecido.





(Página oposta, ambas as imagens)
Centro das Artes - Casa das Mudas,
 Paulo David - Madeira, Portugal, s/d,
 autor desconhecido.

(De cima para baixo)
Casa Toló, Álvaro Leite Siza Vieira
 - Vila Real, Portugal, s/d, autor
 desconhecido; **Museu da Luz,** Pedro
 Pacheco e Marie Clément - Mourão,
 Portugal.





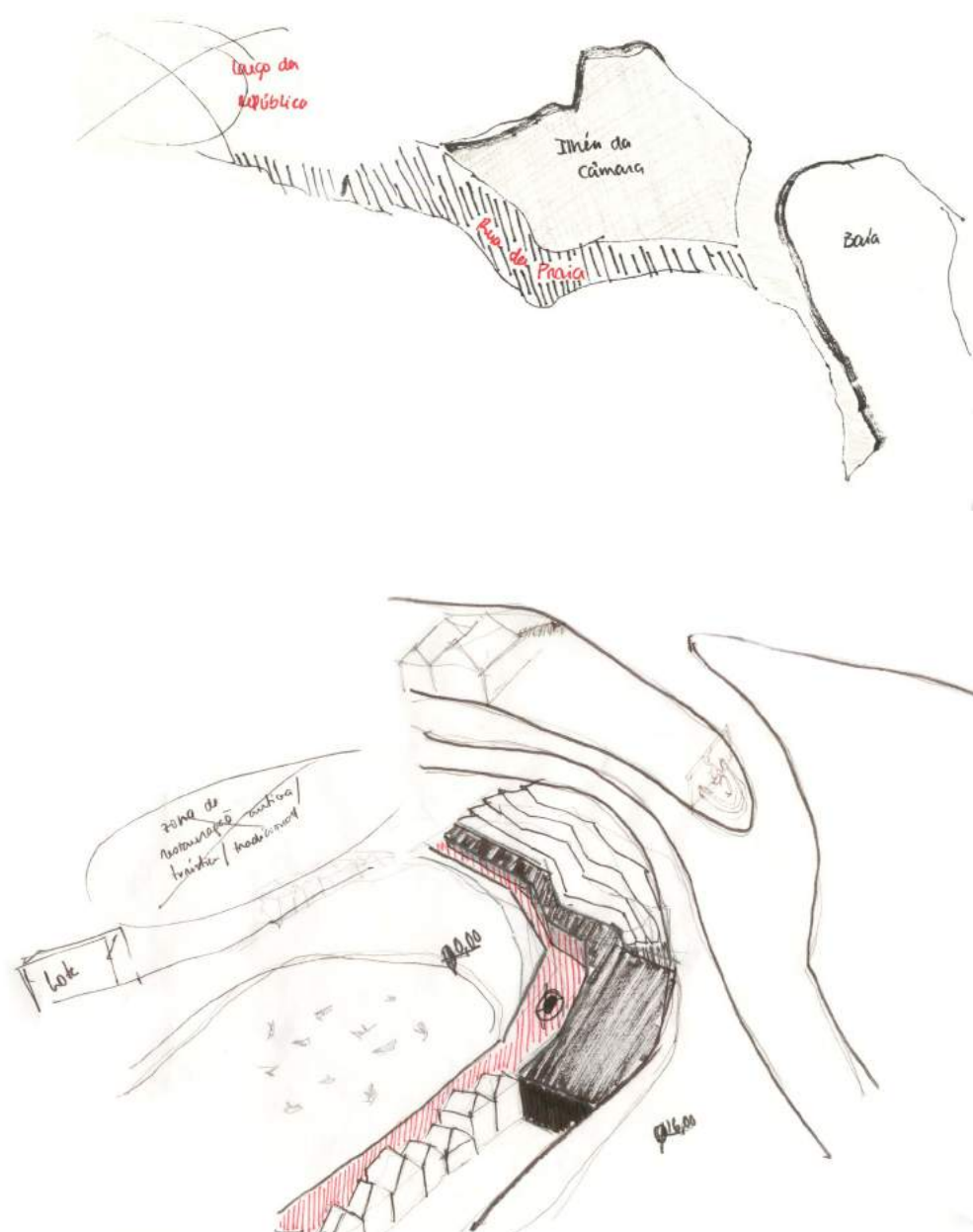


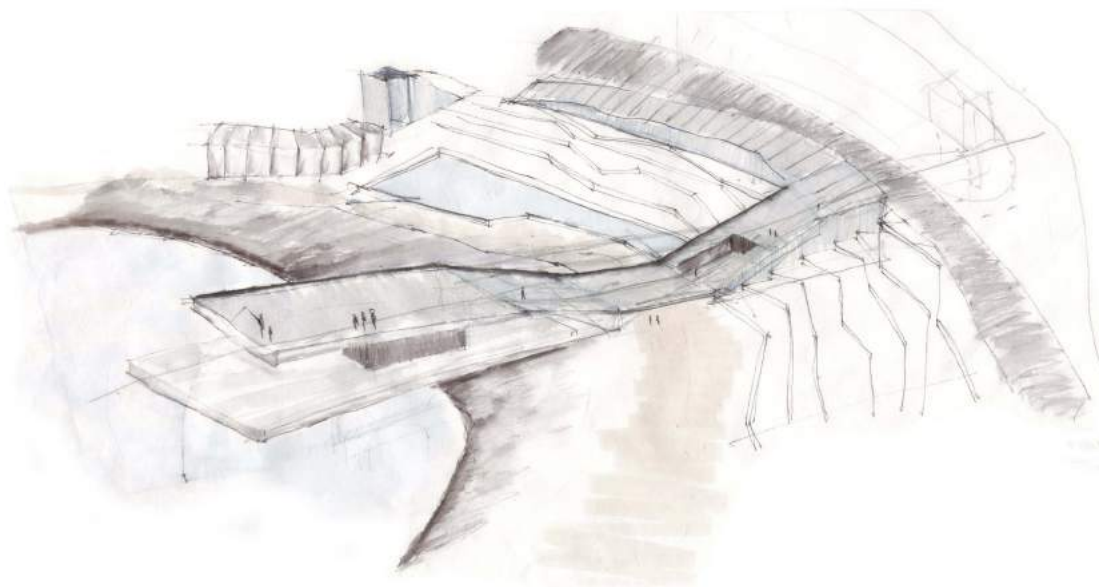
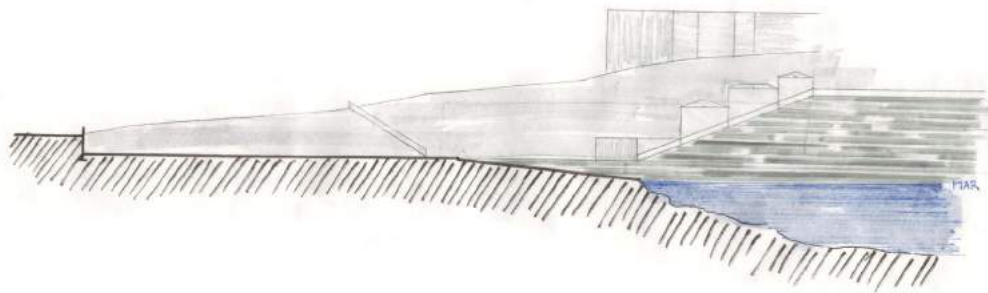
(Página oposta)
Minsheng Contemporary Art Museum/
Studio Pei-Zhu, Zhu Pei - China, s/d,
 autor desconhecido.

(De cima para baixo)
Projecto de arquitectura urbanística
 - não construído, s/d, autor
 desconhecido; **Festival Arena in**
the Roman Quarry, AllesWirdGut
 Architektur - St. Margarethen, Áustria.

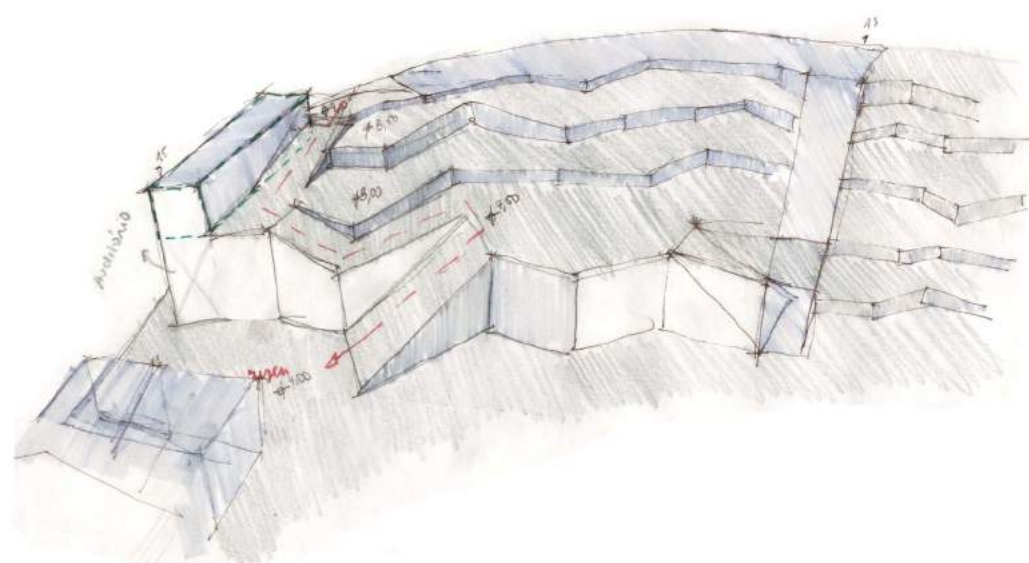
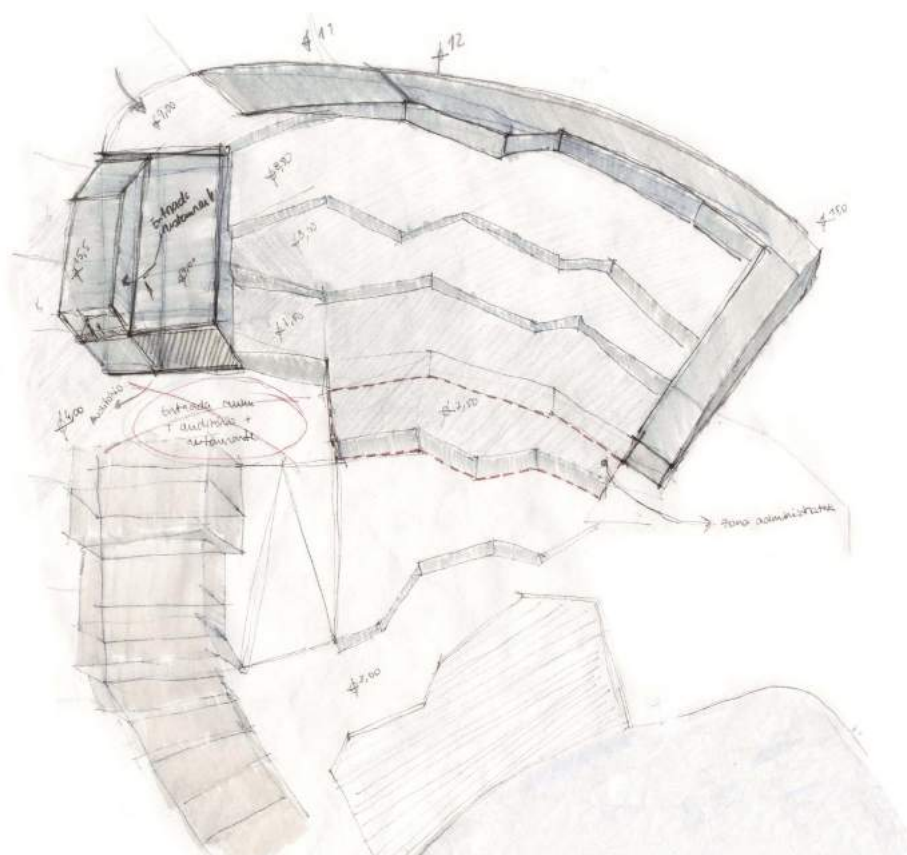


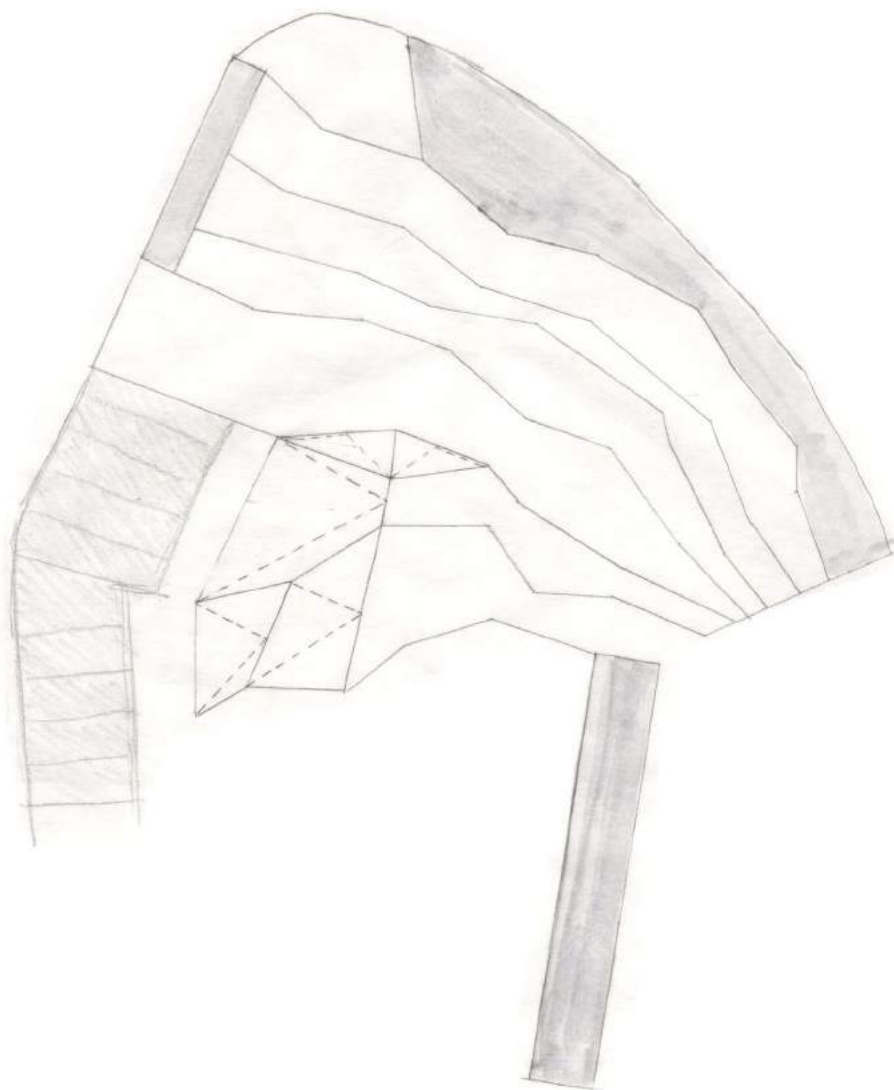
ANEXO III | Processo de Trabalho - Gráfico



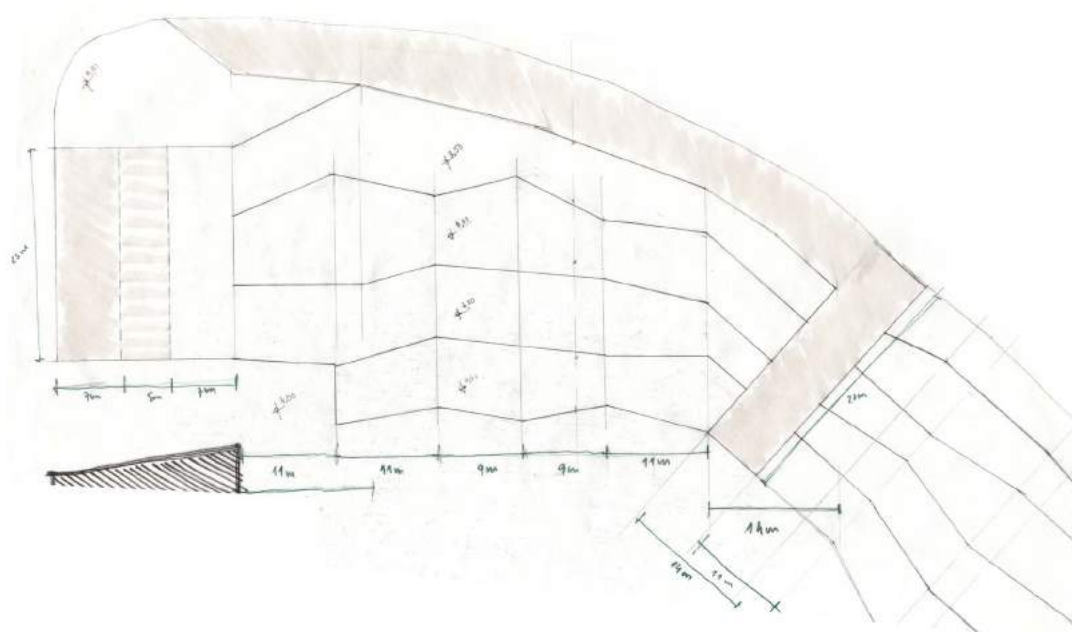
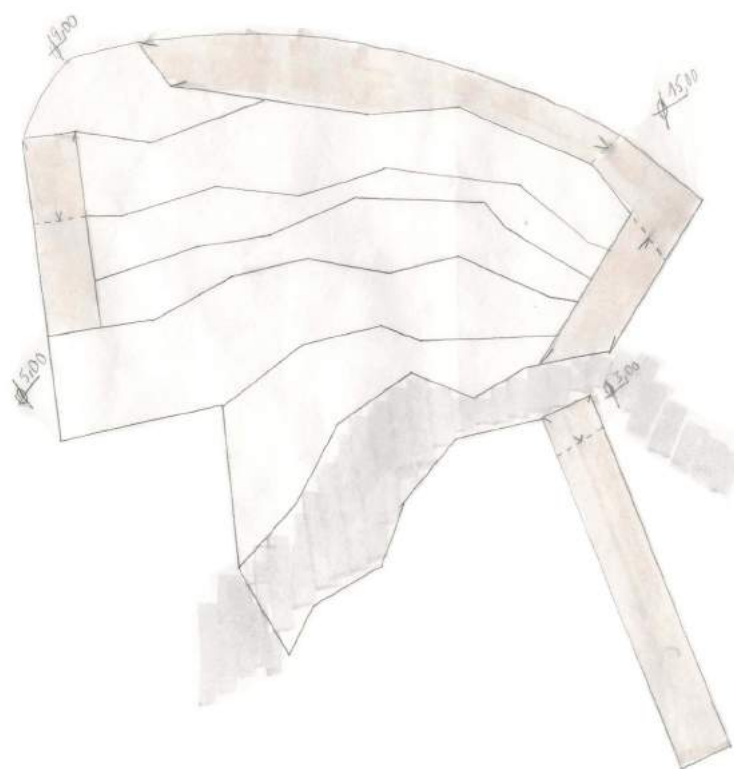


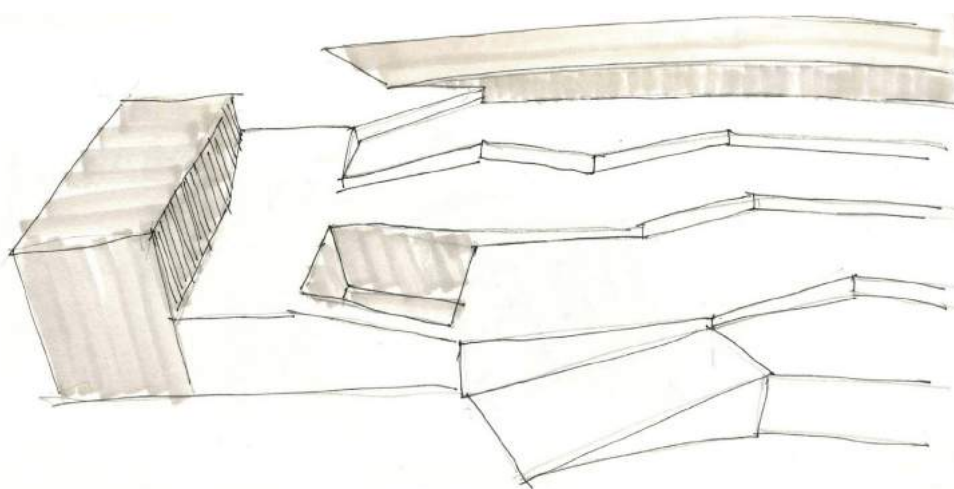
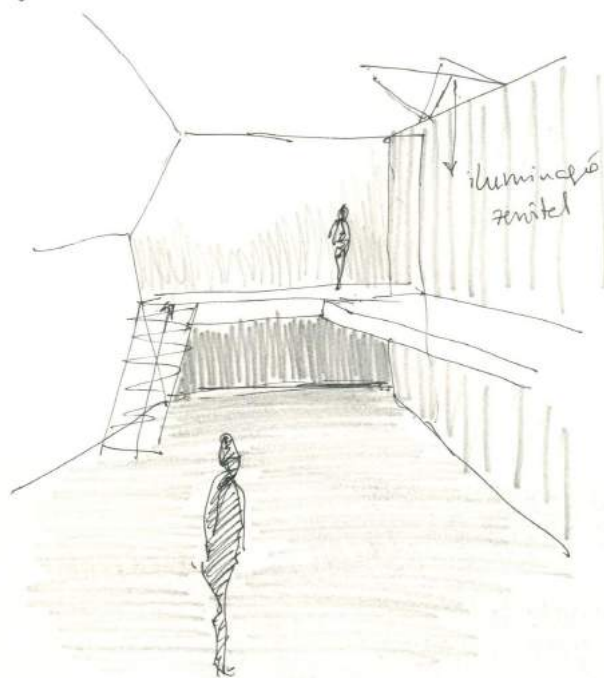
(Nesta página e na oposta)
Esquissos do processo de trabalho gráfico.





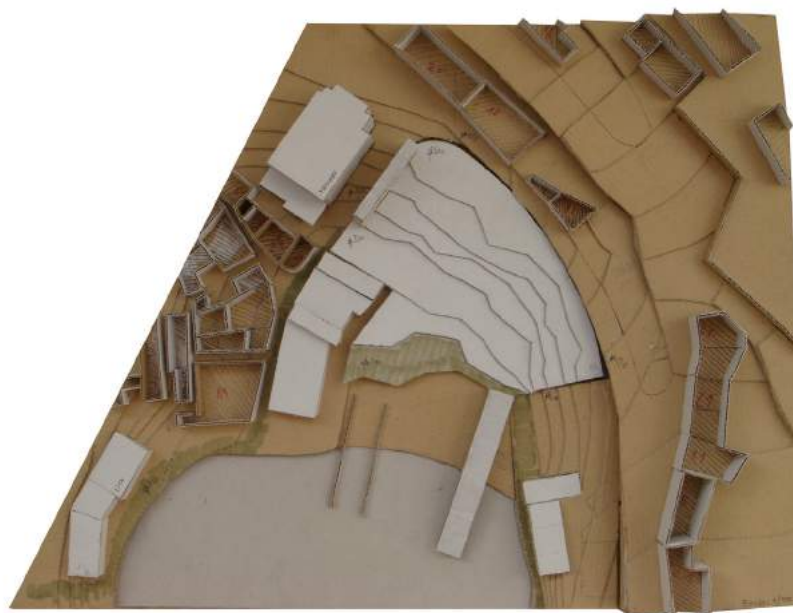
(Nesta página e na oposta)
Esquissos do processo de trabalho gráfico.

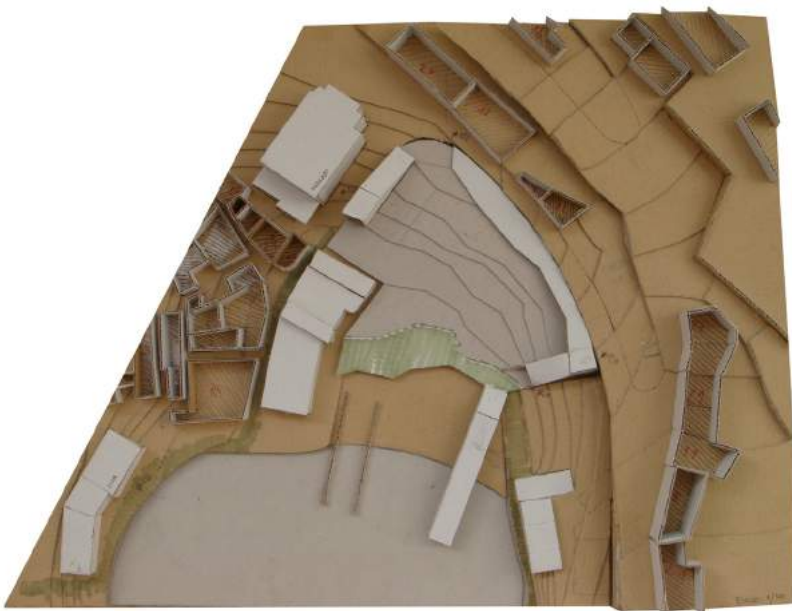




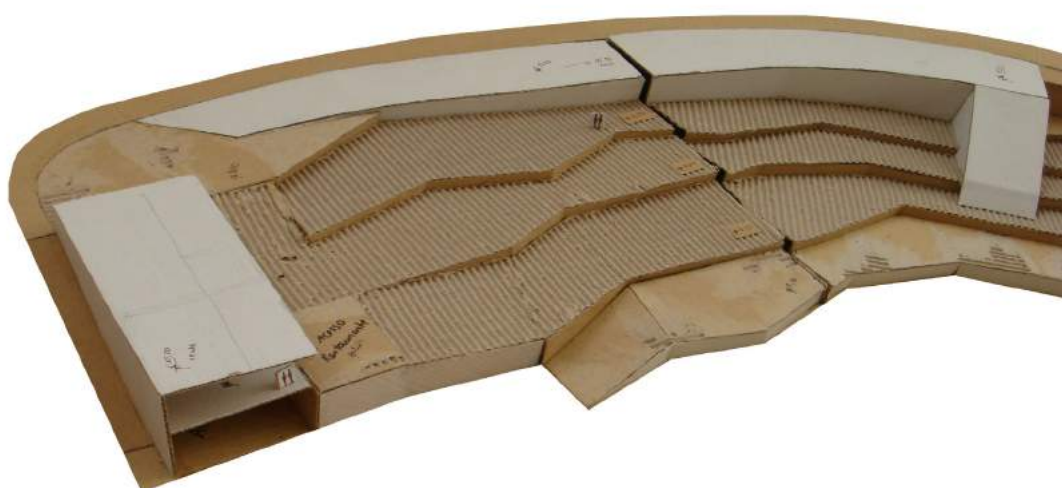
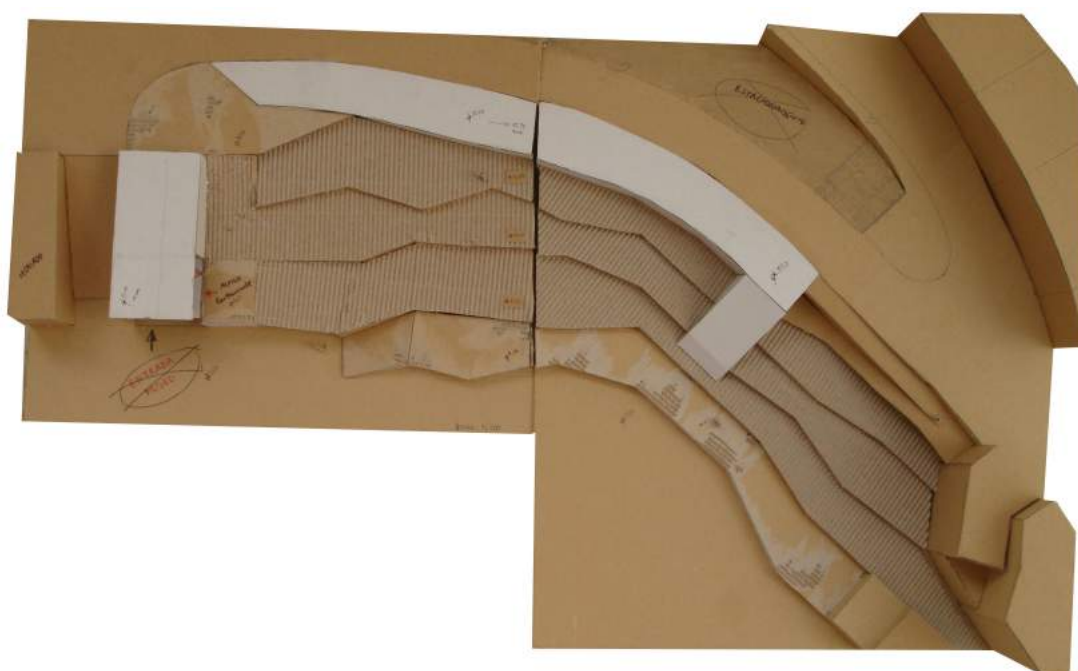
(Nesta página e na oposta)
Esquissos do processo de trabalho gráfico.

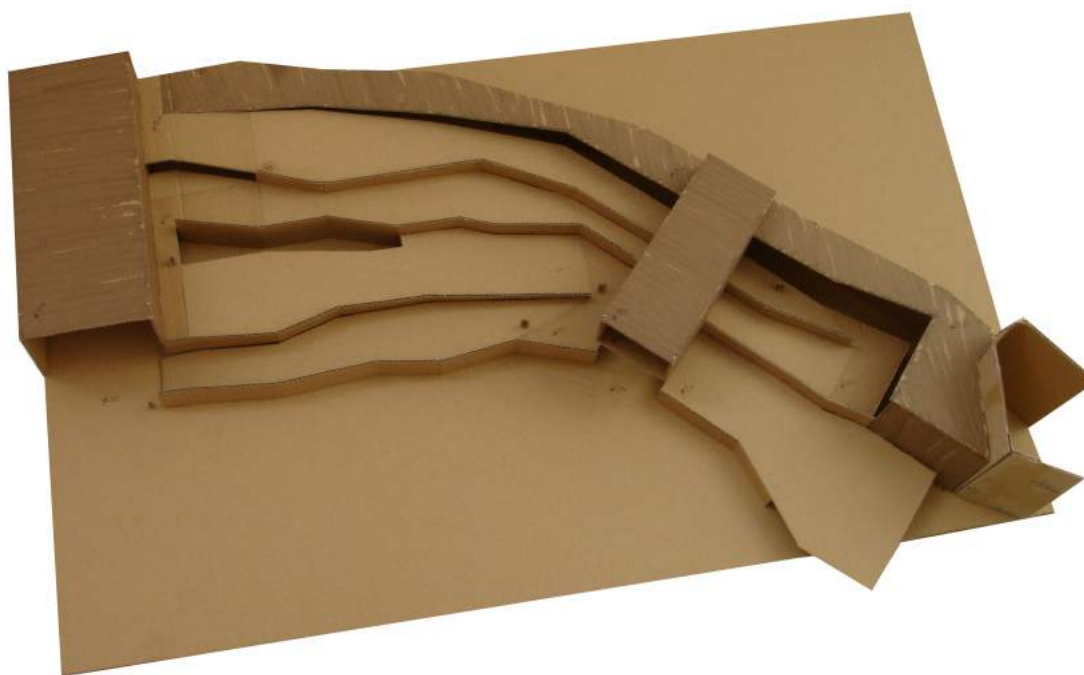
ANEXO IV | Maquetes



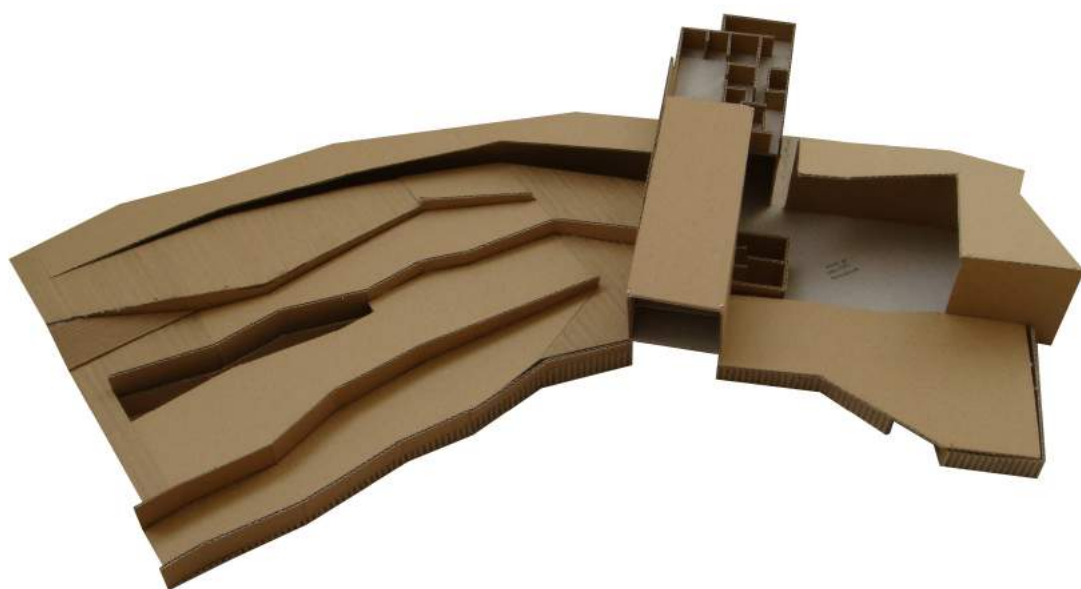


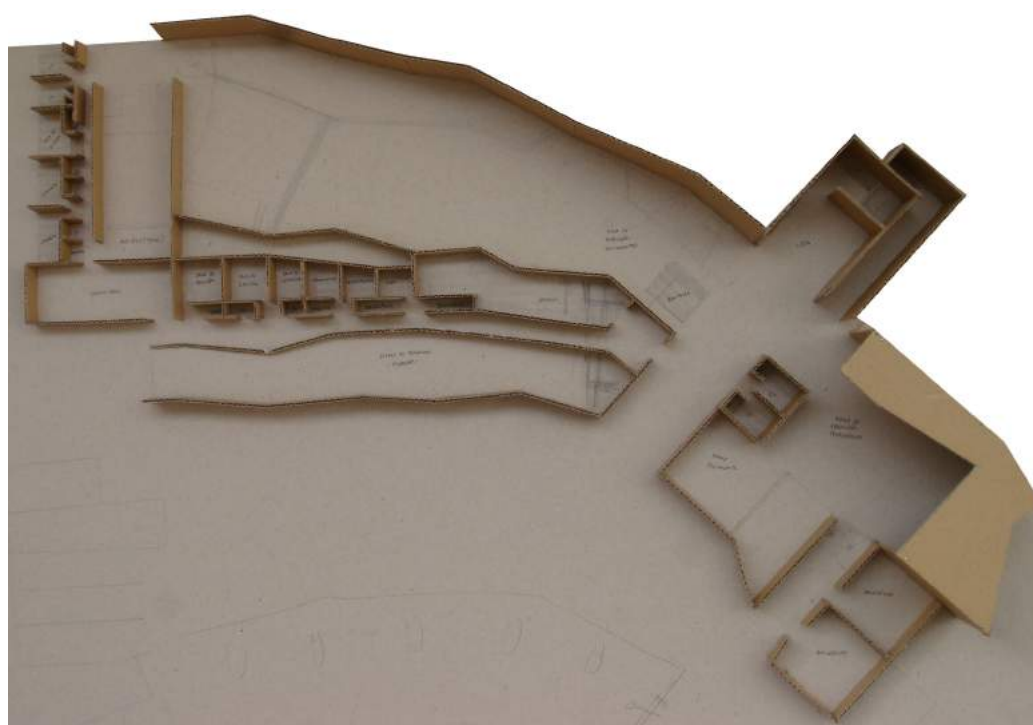
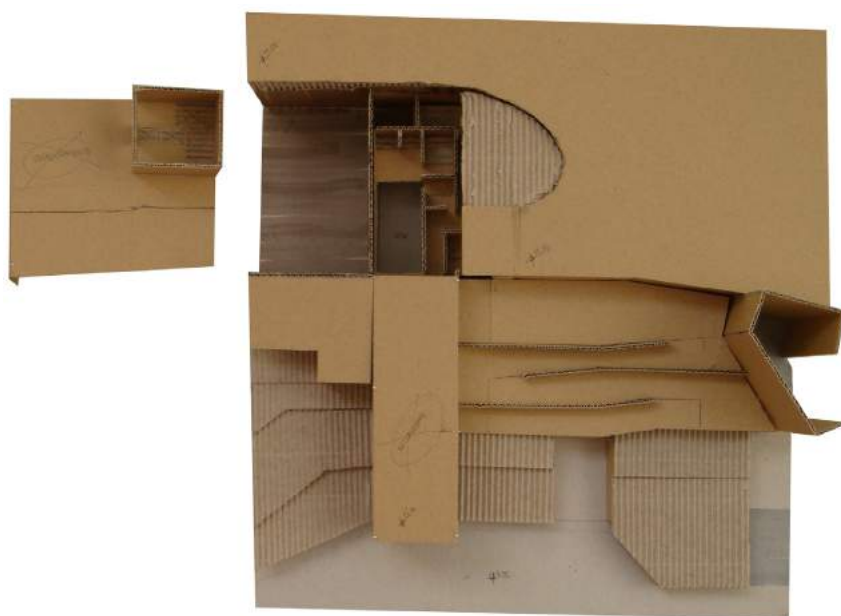
(Nesta página e na oposta)
Maquetes de estudo da proposta urbana e arquitectónica à escala 1/500.





(Nesta página e na oposta)
Maquetes de estudo da proposta arquitectónica à escala 1/200.





(Nesta página e na oposta)
Maquetes de estudo da proposta arquitectónica à escala 1/200.

ANEXO V | Peças Finais - Maquetes

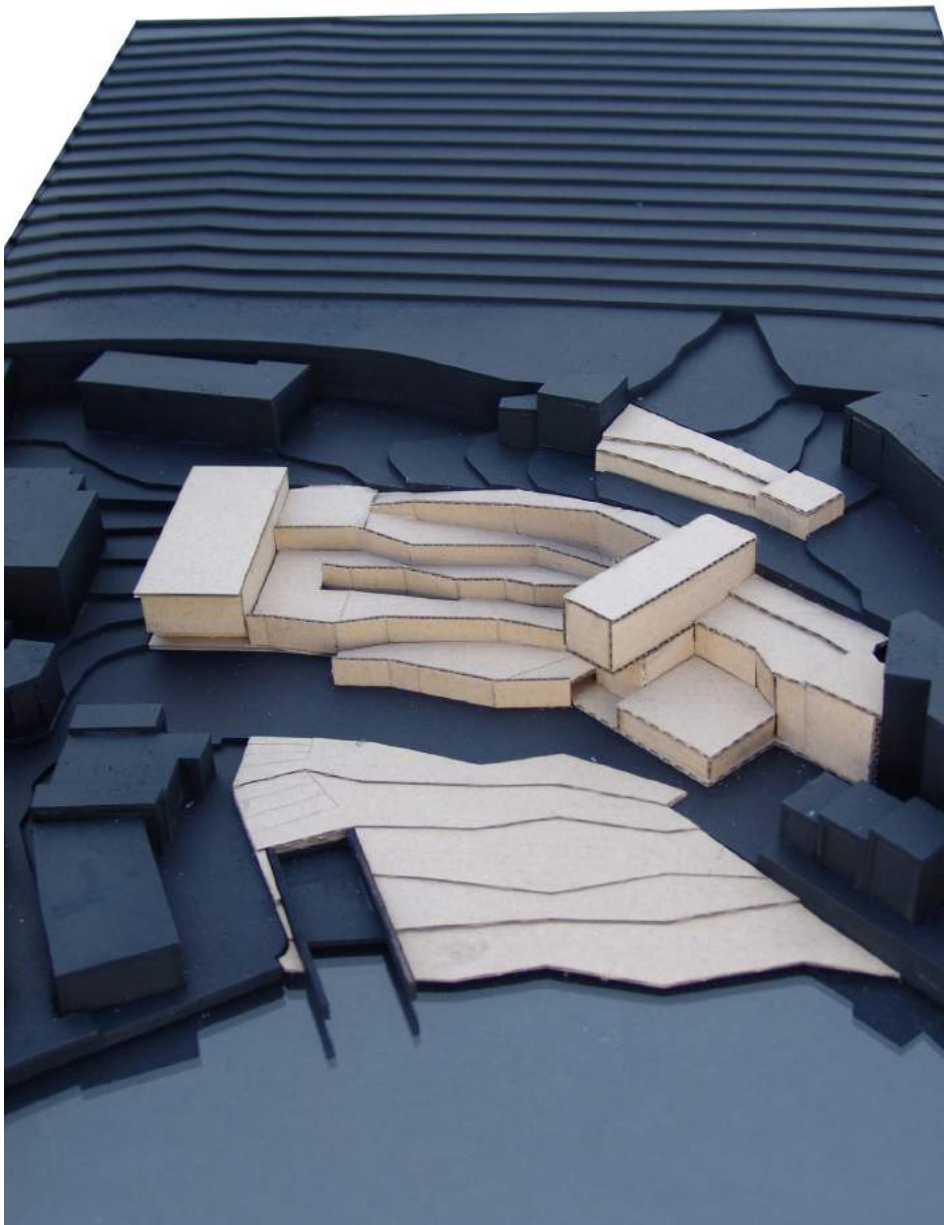


(Nesta página e na oposta)
Maquete final de localização e identificação da área de intervenção e da promenade (infra-estrutura pedonal que une a cidade do Funchal à cidade de Câmara de Lobos num percurso realizado pela frente-mar). Escala 1/5000.



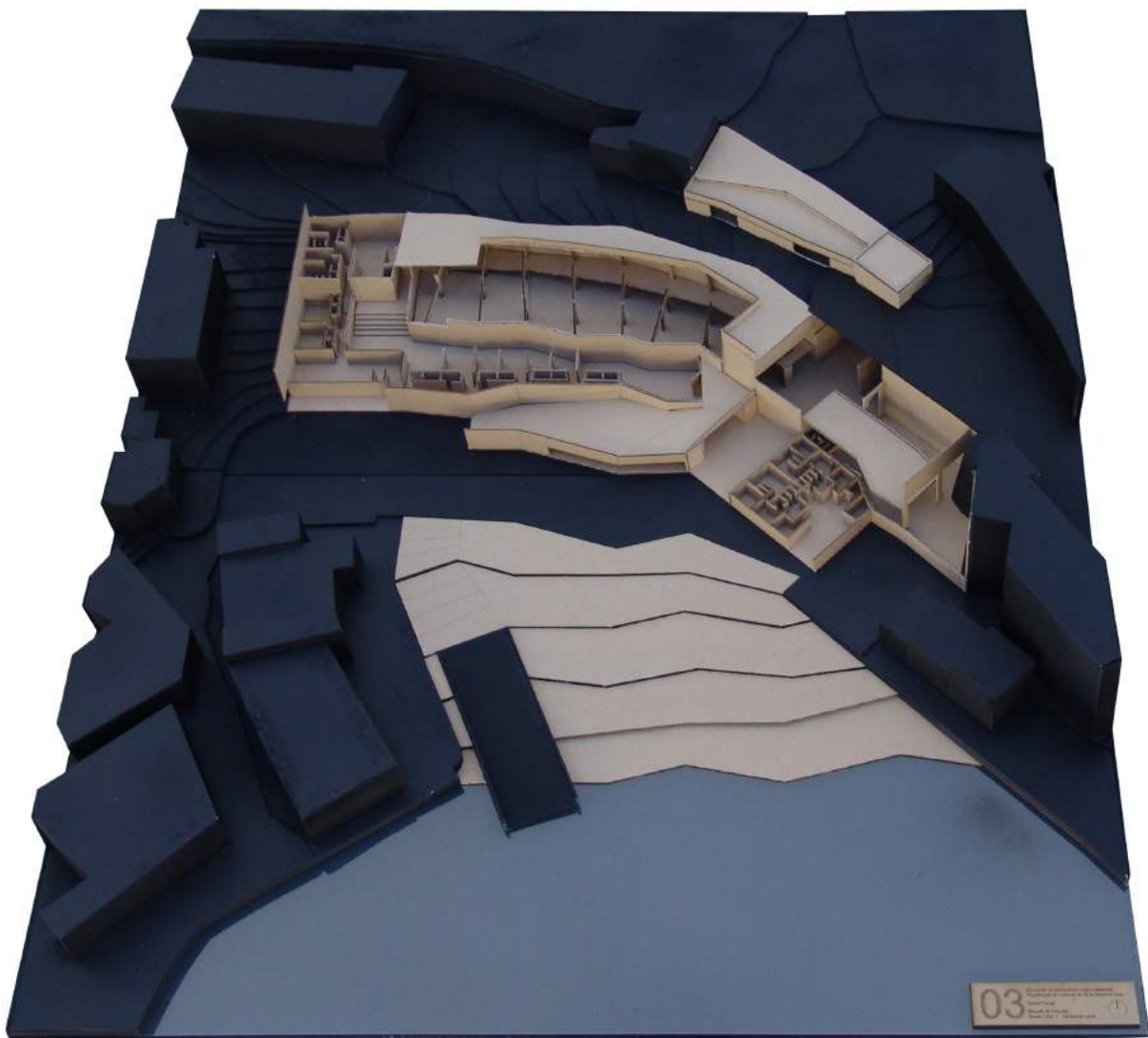


(Nesta página e na oposta)
Maquete final da envolvente urbana e
identificação da proposta arquitectónica
através de volumetrias. Escala 1/500.





(Nesta página e na oposta)
Maquete final da proposta arquitectónica para a baía de Câmara de Lobos. Escala 1/200.





(Nesta página e na oposta)
Maquete final da proposta arquitectónica para a baía de Câmara de Lobos. Escala 1/200.



ANEXO VI | Peças Finais Desenhadas



PROMENADE | ROCHA BASÁLTICA



BAÍA DE CÂMARA DE LOBOS | VISTA FRONTAL



BAÍA DE CÂMARA DE LOBOS | VISTA AÉREA

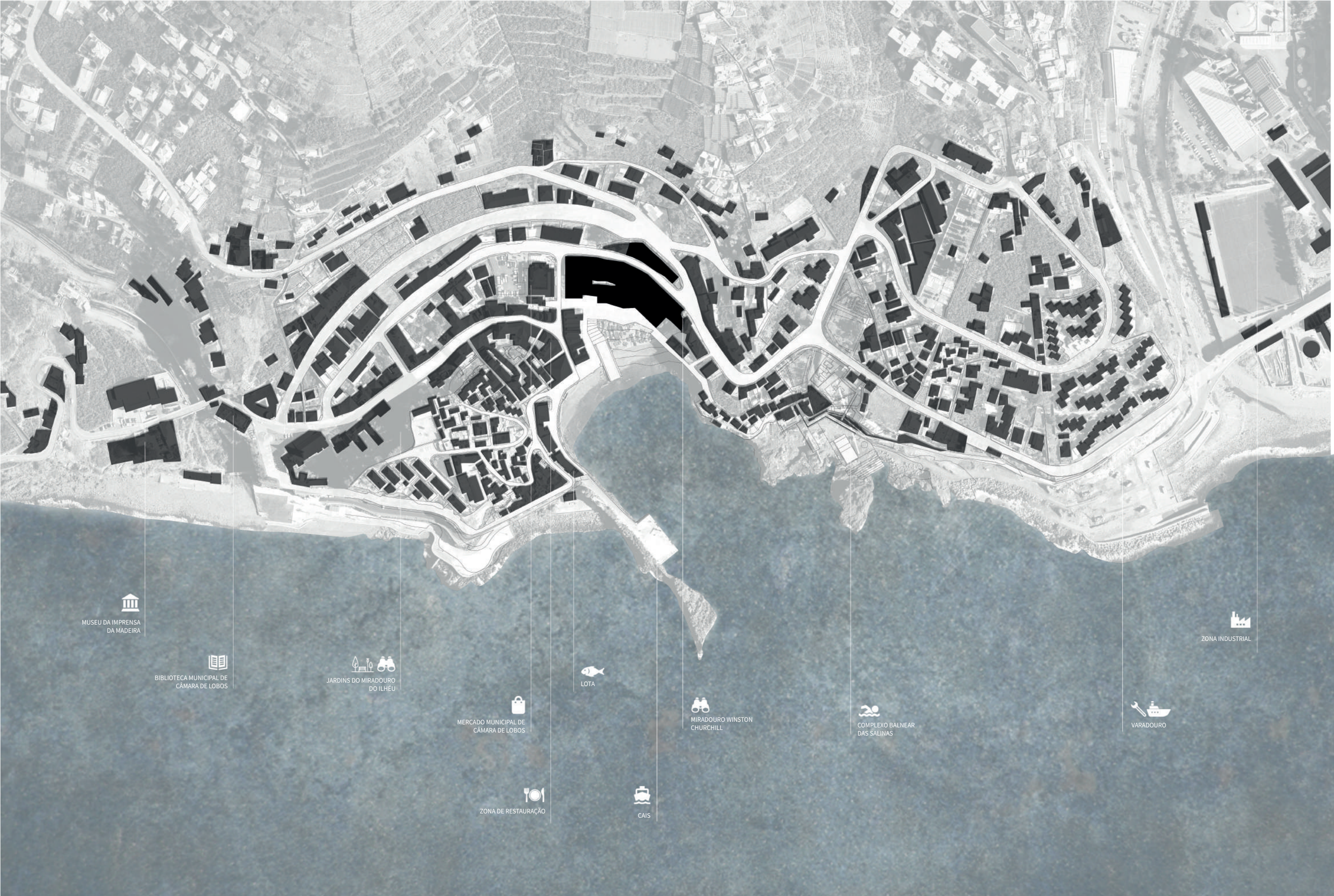


BAÍA DE CÂMARA DE LOBOS | VILA PISCATÓRIA

VILA PISCATÓRIA DE CÂMARA DE LOBOS

Requalificar a frente urbana marítima de Câmara de Lobos supõe a consolidação do actual vazio urbano. Da preocupação e respeito pela topografia, orografia, cultura e identidade, surgiu a proposta do "Museu do Mar": equipamento que valoriza e divulga a vocação marítima da Cidade de Câmara de Lobos - actividade que actualmente ainda se mantém relativamente preservada e que se traduz numa memória viva.

1. INÍCIO DA PROMENADE | Funchal, zona balnear do Lido
2. FIM DA PROMENADE | Câmara de Lobos, Baía
3. PROPOSTA DE EXTENSÃO DA PROMENADE | Câmara de Lobos, Largo da República







P0 | PISO TÉRREO

- MUSEU
- 1. Bilheteira
 - 2. Cacifos
 - 3. Instalações sanitárias
 - 4. Armazém
 - 5. Loja
 - 6. Zona de exposições
 - 7. Pequeno auditório
 - 8. Camarins
 - 9. Área de ensaios
 - 10. Arrumos

- EQUIPAMENTO DE APOIO AOS PESCADORES
- 11. Área polivalente
 - 12. Balneários

P1 | PISO 1

- AUDITÓRIO
- 28. Bilheteira
 - 29. Cacifos
 - 30. Área técnica
 - 31. Palco

- ESTACIONAMENTO
- 32. Lugares - utentes com mobilidade condicionada

P2 | PISO 2

- RESTAURANTE
- 49. Bar
 - 50. Zona de refeições
 - 51. Esplanada

- ÁREA ADMINISTRATIVA
- 13. Sala de reuniões
 - 14. Sala do director
 - 15. Sala do curador
 - 16. Tesouraria
 - 17. Secretariado
 - 18. Copa
 - 19. Arquivo

- ACESSOS
- 20. Entrada do Museu
 - 21. Acesso ao armazém
 - 22. Início da exposição
 - 23. Acesso ao grande auditório
 - 24. Acesso ao palco
 - 25. Entrada dos funcionários
 - 26. Acesso - cargas e descargas
 - 27. Acesso ao Estacionamento e ao Restaurante

- ACESSOS
- 41. Acesso às instalações sanitárias
 - 42. Acesso aos camarins
 - 43. Acesso - cargas e descargas
 - 44. Circuito de sujos
 - 45. Circuito de limpos
 - 46. Acesso ao Estacionamento e ao Museu
 - 47. Acesso ao Piso 2
 - 48. Acesso ao Piso 2 do Estacionamento

- RESTAURANTE
- 33. Balneário
 - 34. Econmato
 - 35. Câmara frigorífica
 - 36. Zona de preparação
 - 37. Copa - Zona de empratamento
 - 38. Instalações sanitárias
 - 39. Sala de refeições
 - 40. Varanda

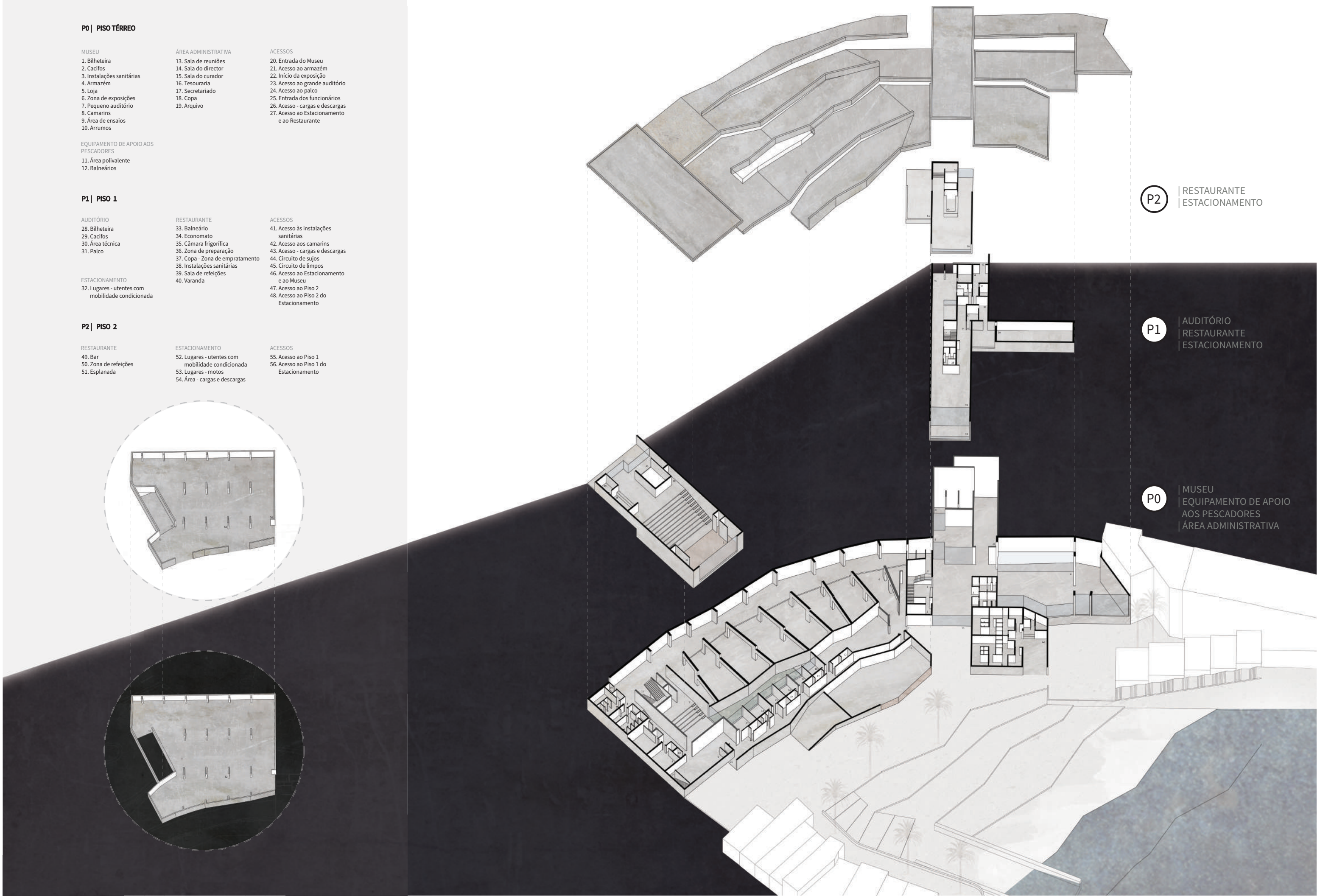
- ESTACIONAMENTO
- 52. Lugares - utentes com mobilidade condicionada
 - 53. Lugares - motos
 - 54. Área - cargas e descargas

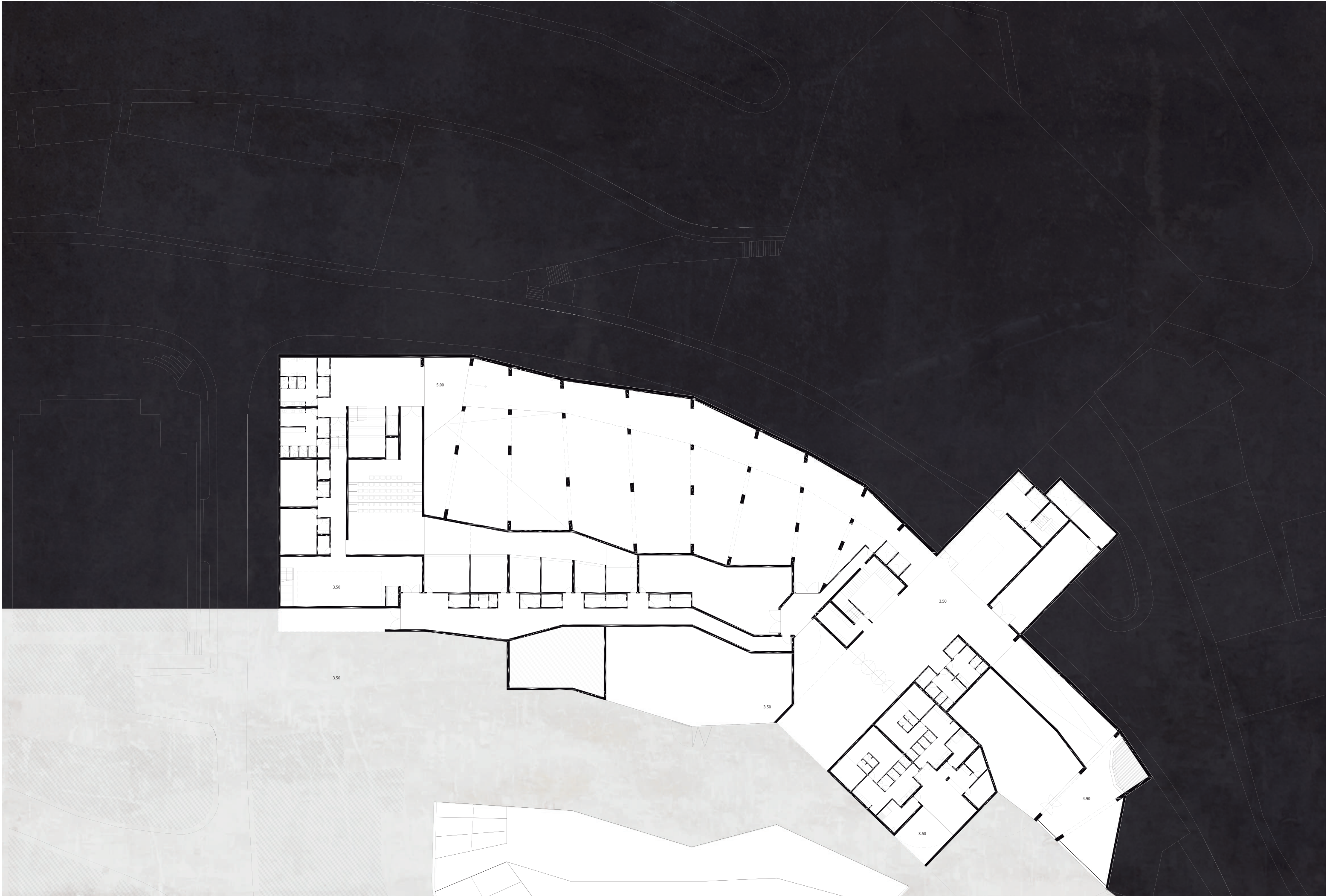
- ACESSOS
- 55. Acesso ao Piso 1
 - 56. Acesso ao Piso 1 do Estacionamento

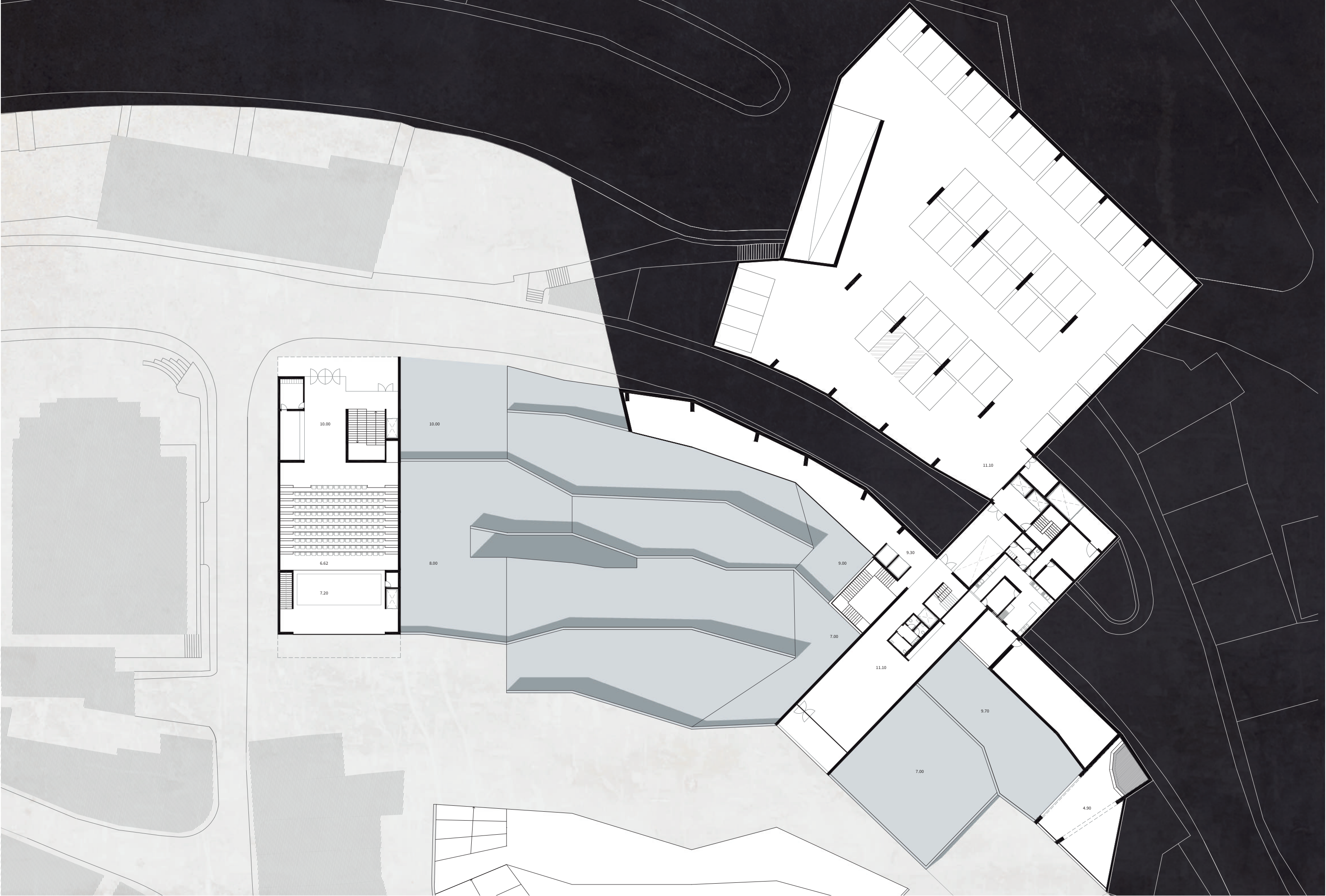
P2 | RESTAURANTE
ESTACIONAMENTO

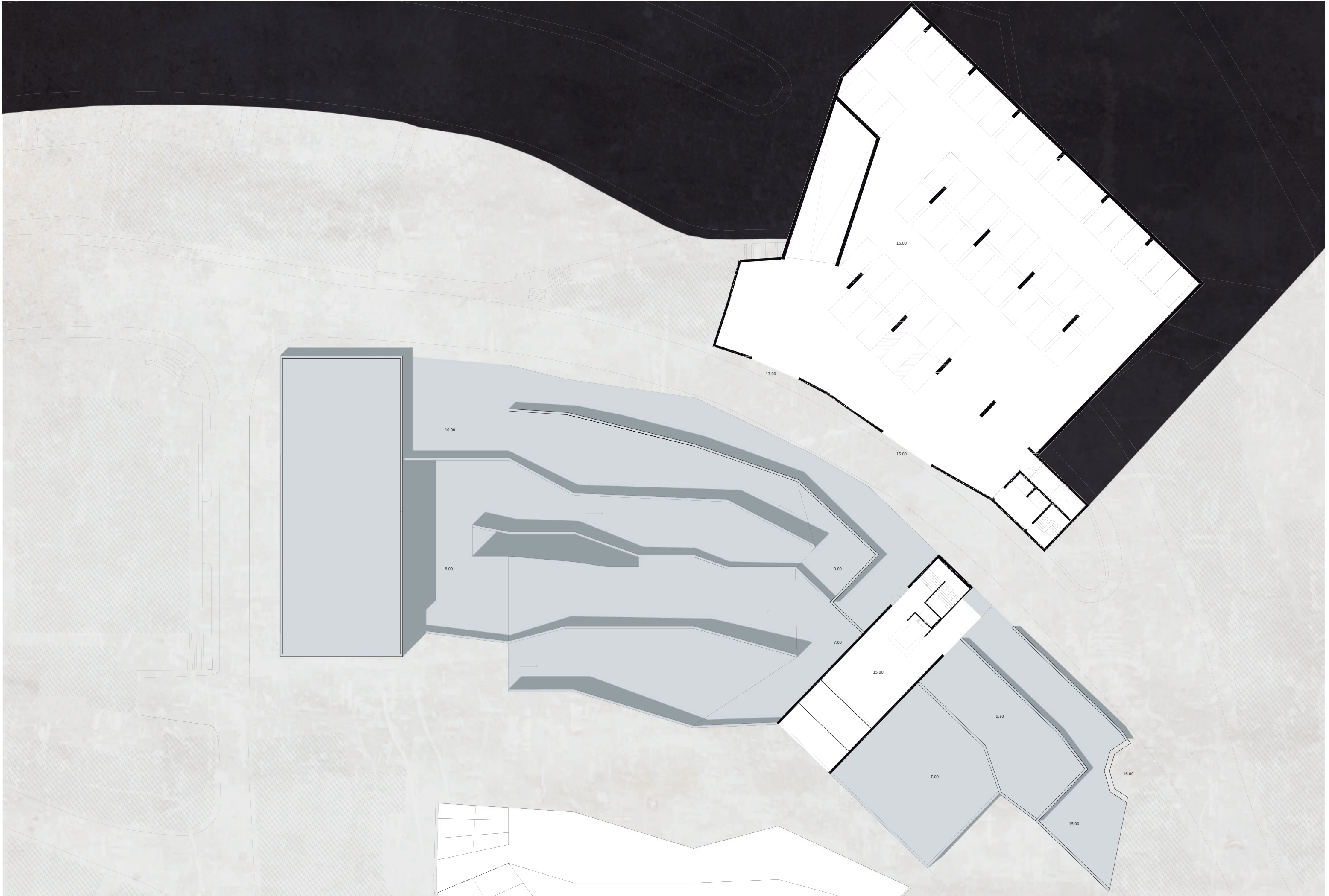
P1 | AUDITÓRIO
RESTAURANTE
ESTACIONAMENTO

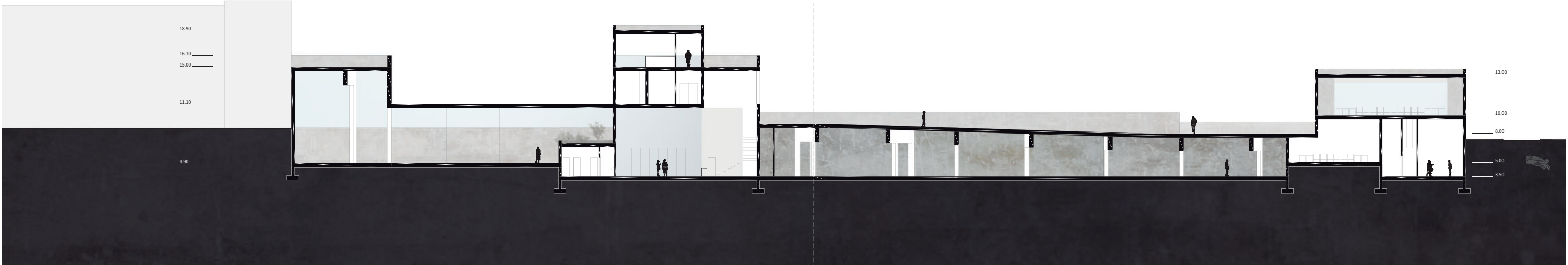
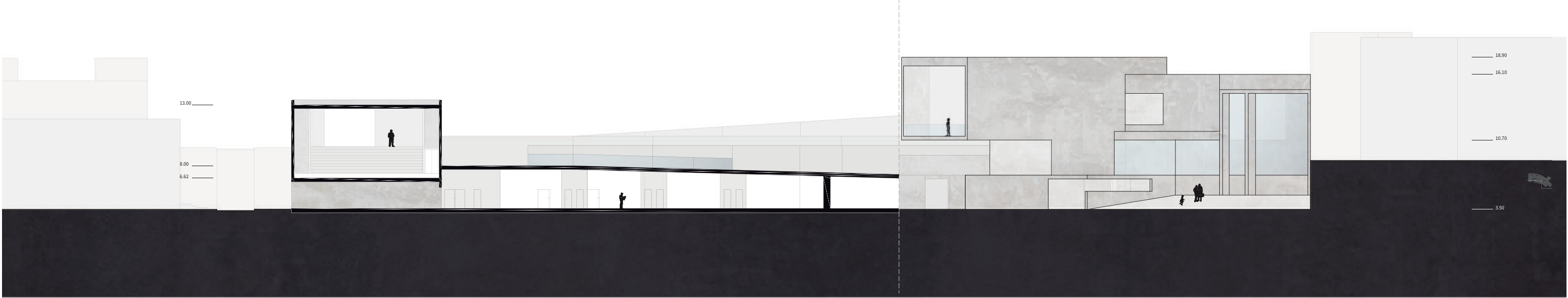
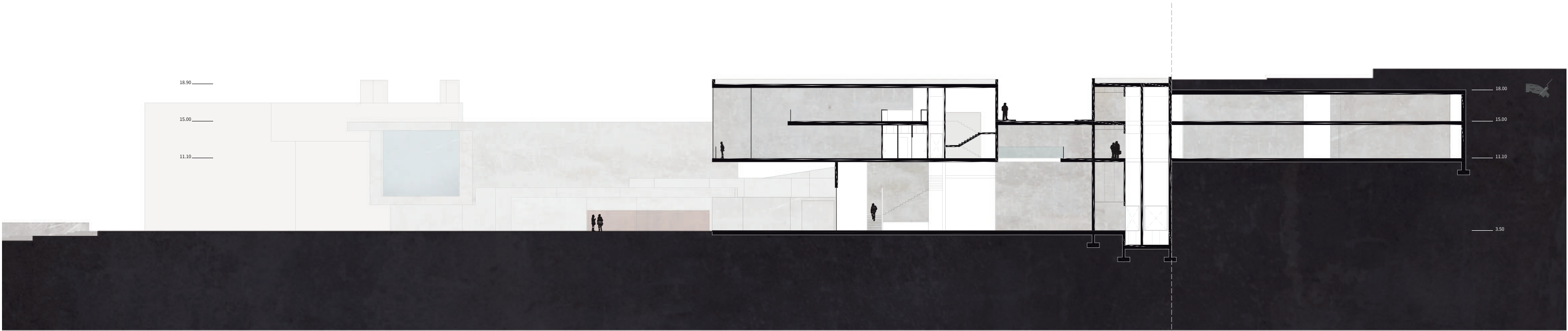
P0 | MUSEU
EQUIPAMENTO DE APOIO
AOS PESCADORES
ÁREA ADMINISTRATIVA

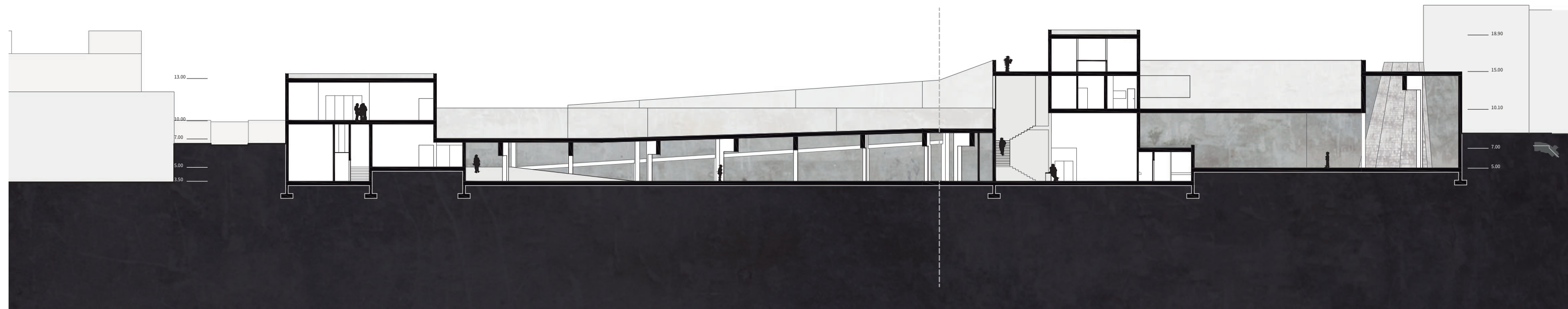


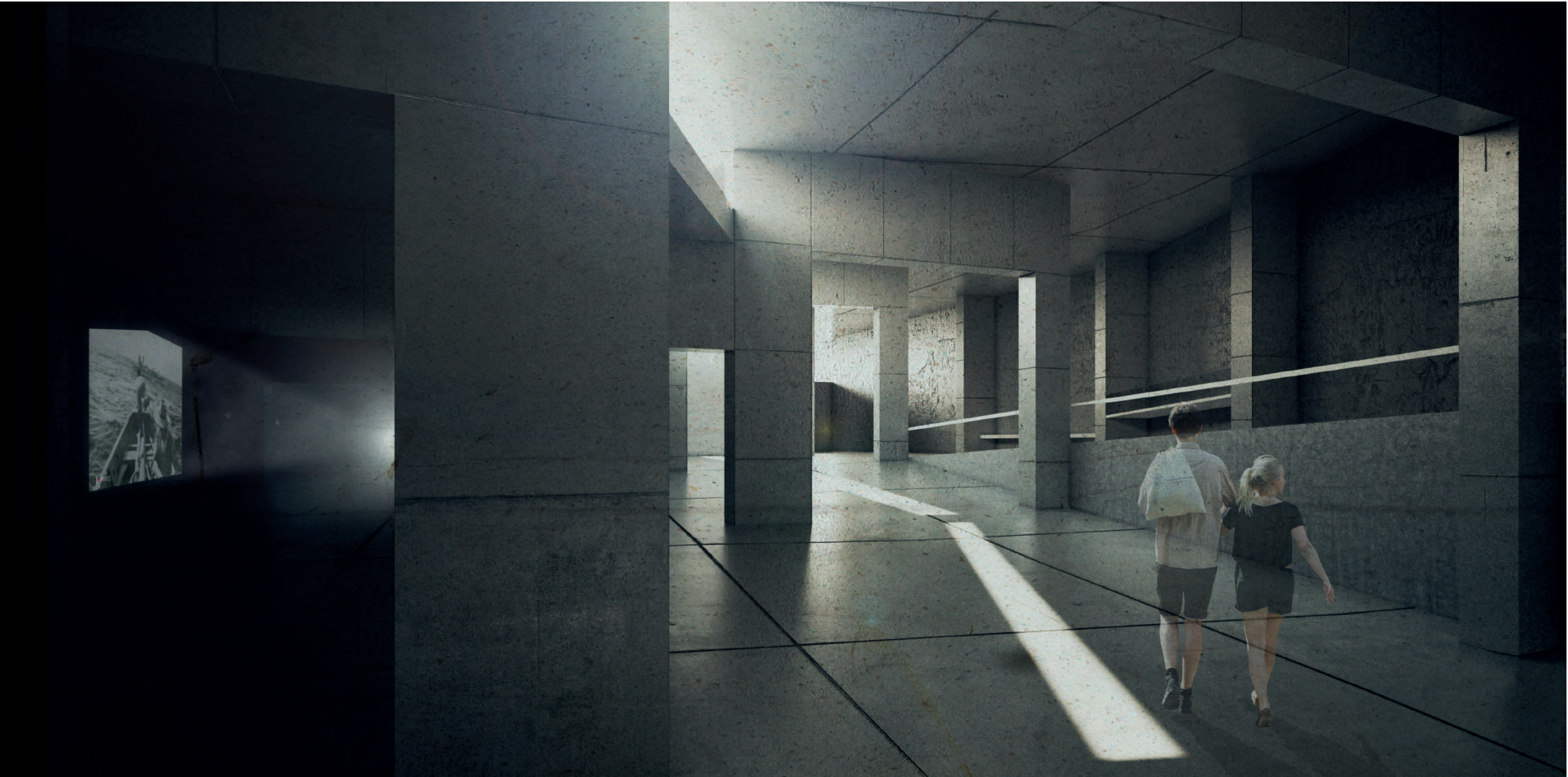


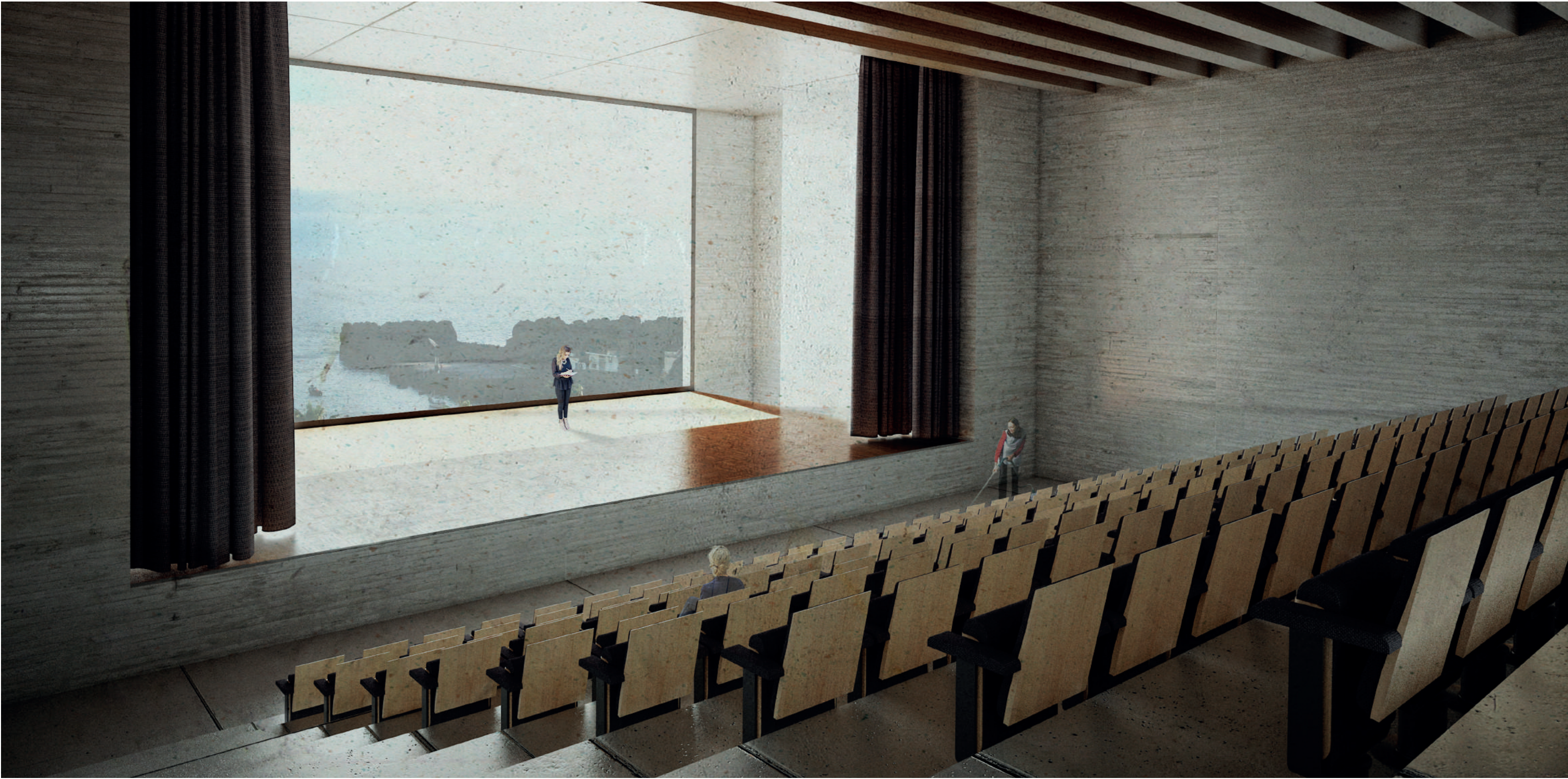


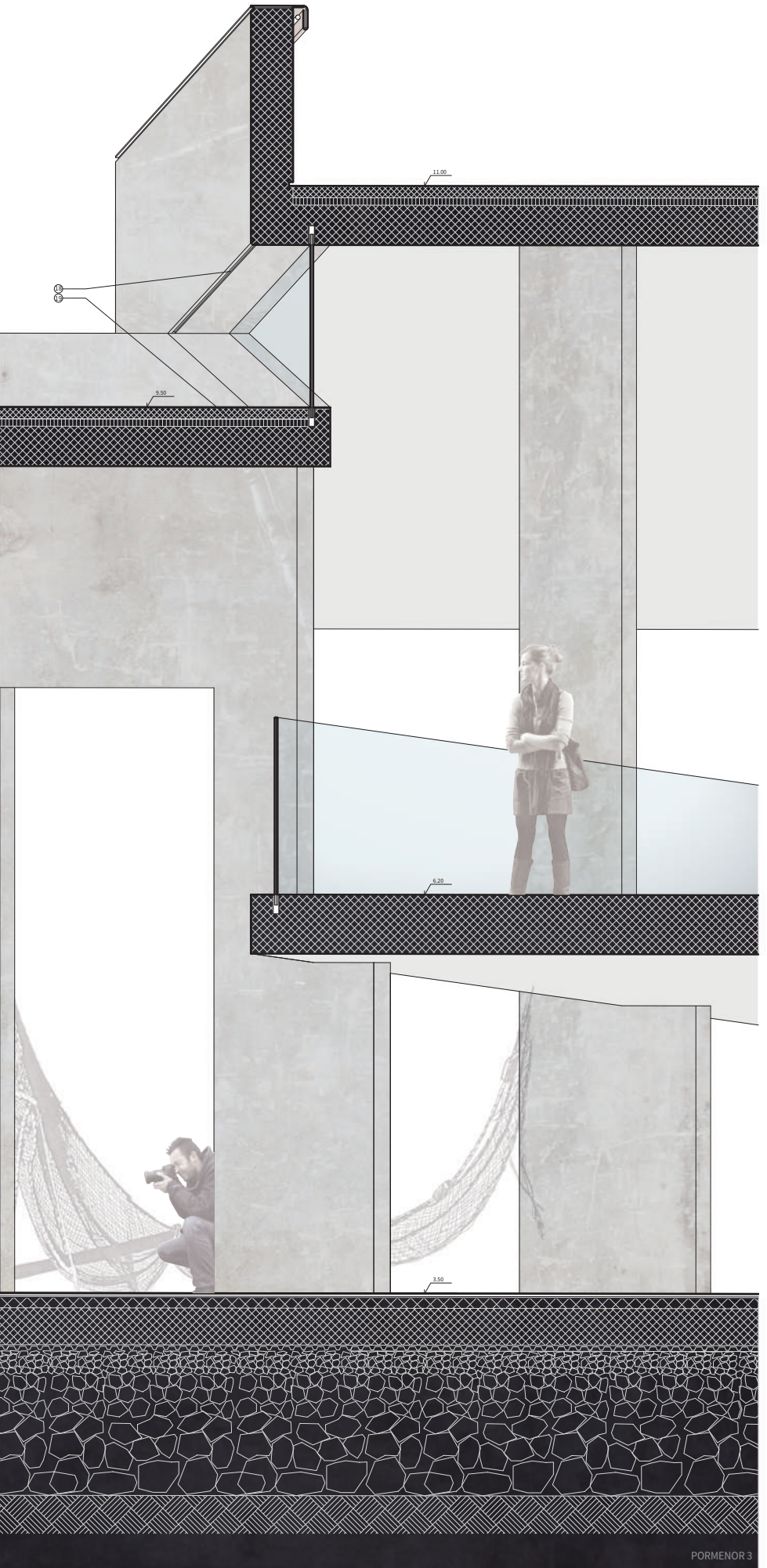
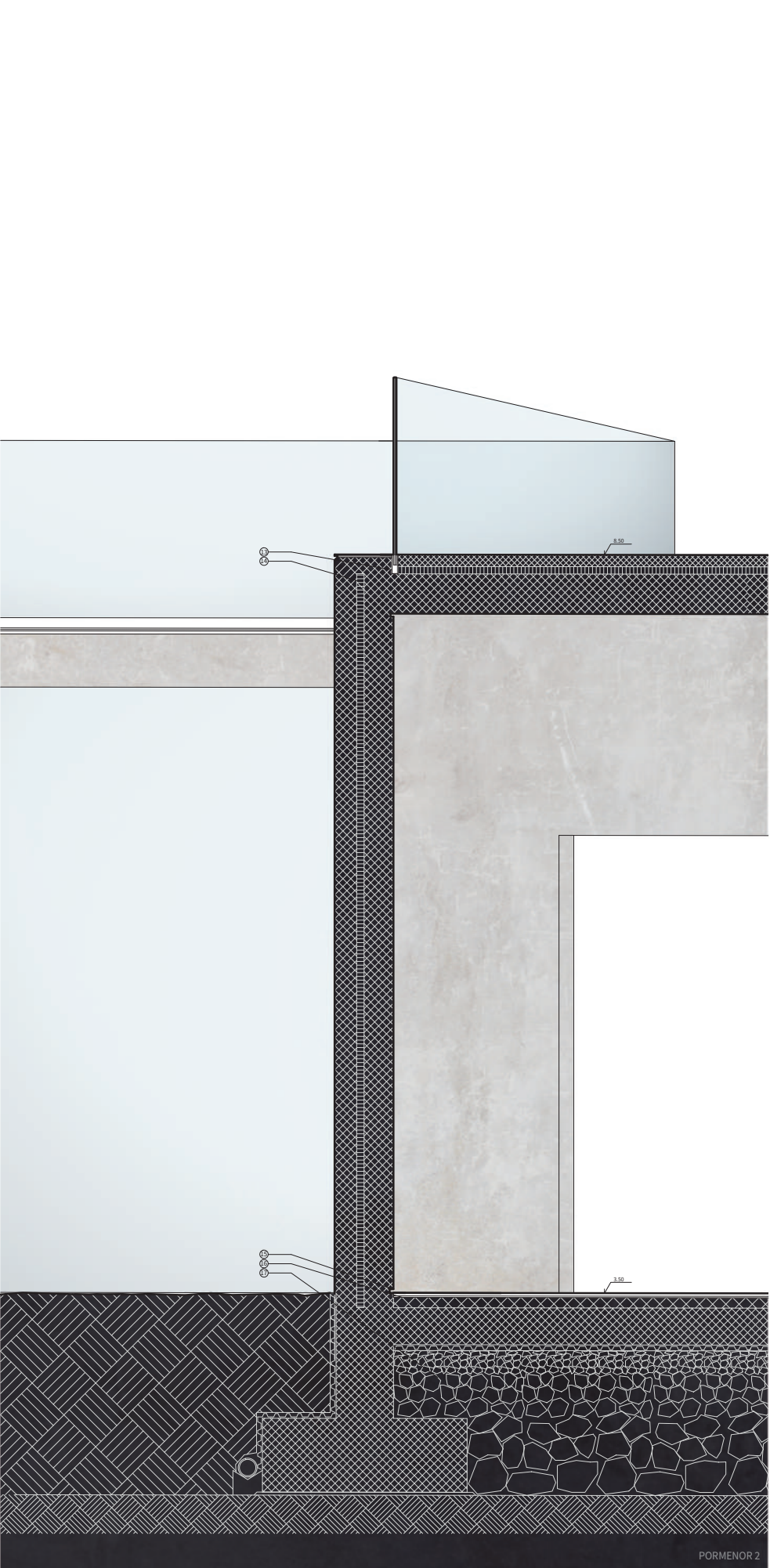
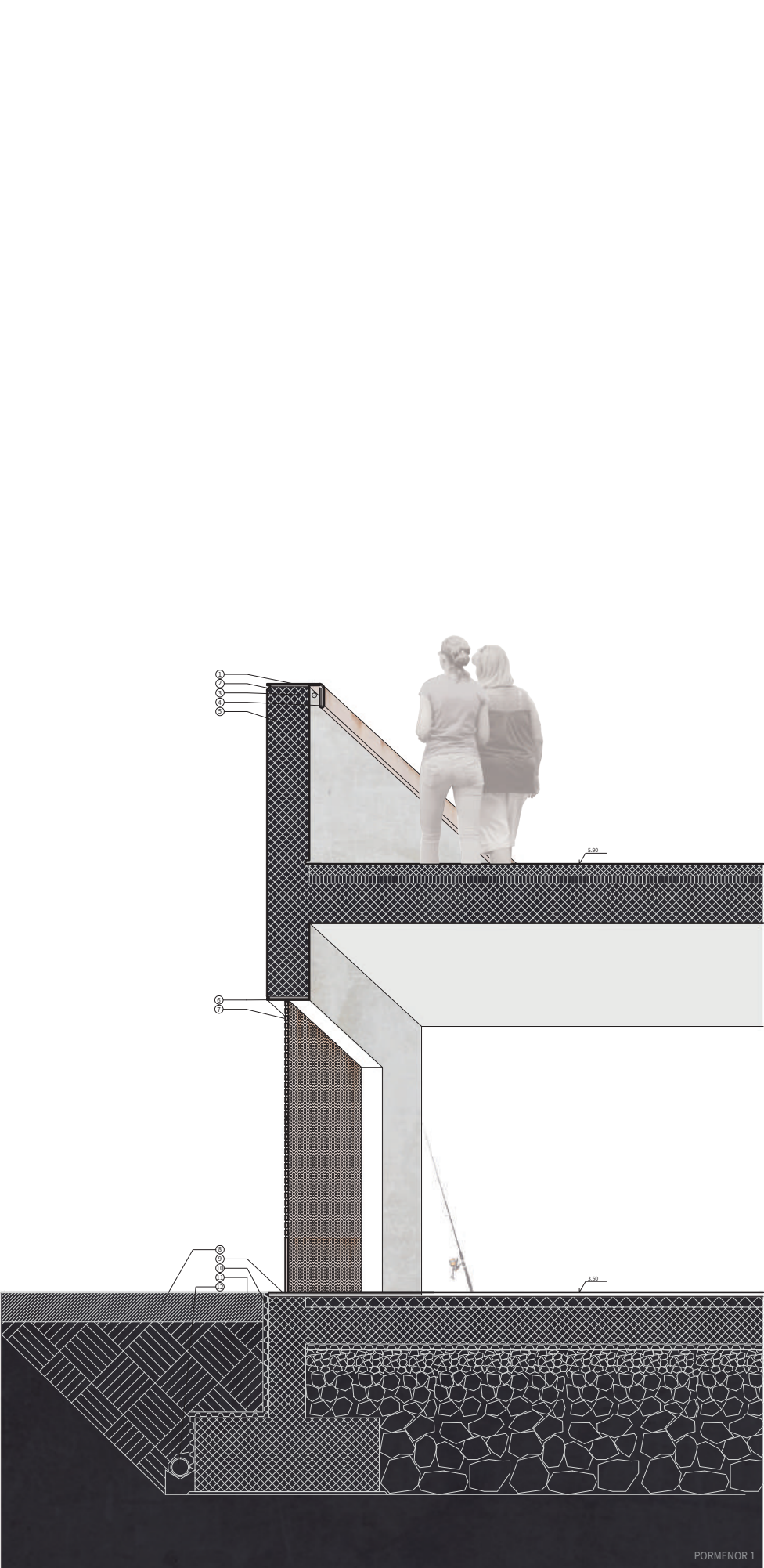












1. Chapa de capeamento em aço corten e= 10mm | 2. Canto de cofragem sutado | 3. Iluminação | 4. Chapa quinada em aço corten para recolher da luminária | 5. Betão armado | 6. Verga em chapa aço corten | 7. Chapa perfurada de aço corten e= 8mm | 8. Pavimento existente (betão) | 9. Soleira em chapa aço corten | 10. Tela pitonada | 11. Sapata de fundação | 12. Tubo de drenagem | 13. Perfil "U" Cortizo para encastre do vidro da guarda | 14. Parede dupla de betão armado com isolamento térmico | 15. Alheta de rodapé | 16. Camada de regularização com acabamento com aditivo isolante térmico/ acústico | 17. Agregado britado | 18. Friso no betão para acção de goteira | 19. Forra de vão exterior a aço corten